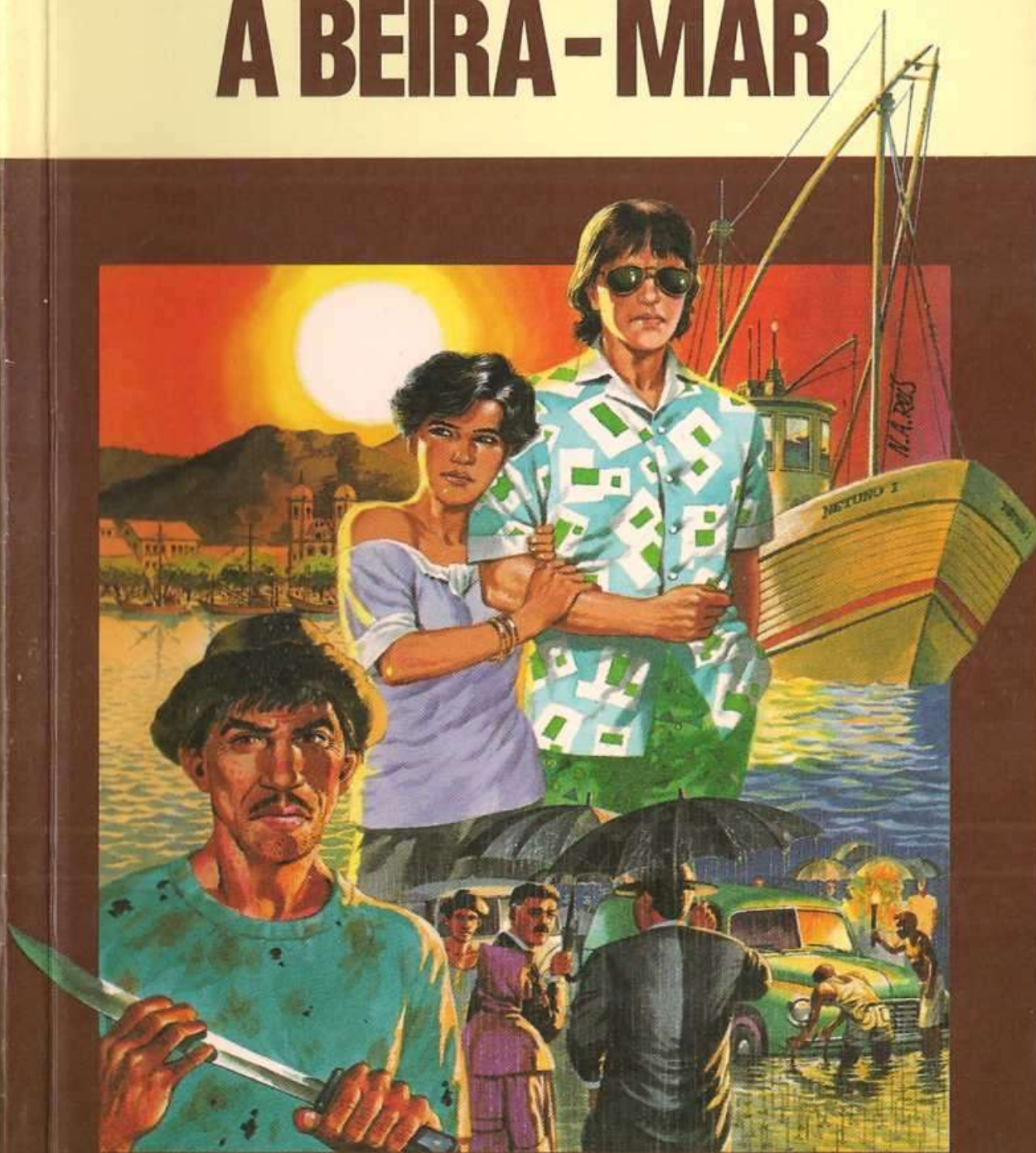


LEUSA ARAUJO

# AGITAÇÃO À BEIRA-MAR



**ea**  
editora ática



**Contracapa:** Que mistério existe no passado de Mandira, a pacata cidadezinha de pescadores onde Laurita foi morar? A filha do novo juiz desconfia que há segredos trancados a sete chaves entre as paredes daqueles casarões coloniais. Com as amigas Analu e Estela e o primo Rui — um navegador cego - ela não hesita em investigar por conta própria. O que não sabe é que sua inesperada descoberta irá mudar o destino de todos em Mandira, principalmente o do jovem e enigmático Moisés!

## TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Assessora editorial

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais

Lízete Machado Zan

Suplemento de trabalho

Januária Cristina Alves

## ARTE

Editor

Ary A. Normanha

Ilustrações Capa e miolo

N. A. Reis

Editoração eletrônica

Ary A. Normanha

Fukuko Saito

António U. Domiencio

Marco Antônio Fernandes

IMPRESSO EM BLOCH EDITORES S.A

ISBN 85 08 04537 9

Todos os direitos reservados pela EDITORA ÁTICA S.A.

Rua Barão de Iguape, 110 - CEP 01507-900

Tel.: PABX (011) 278-9322

Caixa Postal 8656 - Fax: (011) 277-4146

End. Telegráfico “Bomlivro” - São Paulo

*Digitalização, revisão, formatação The flash*



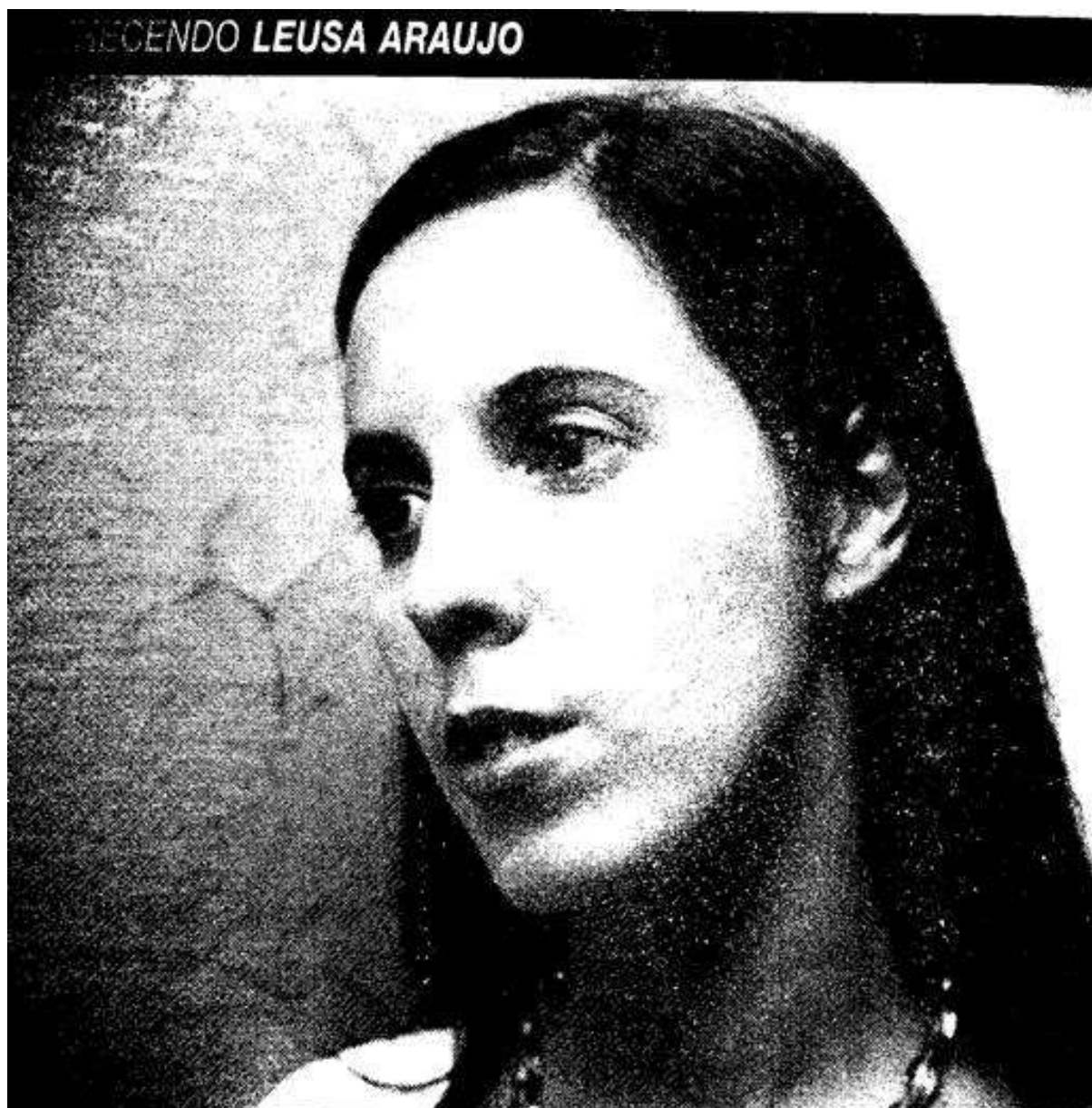
*com elementos gráficos fornecidos por LAVRo*

## **NAS ONDAS DO PERIGO**

Laurita nunca imaginou que a pacata Mandira, a cidadezinha à beira-mar onde agora vive, pudesse esconder um terrível segredo em seu passado. Contudo, quando coisas estranhas começam a acontecer, ela desconfia de que há algo muito mal contado na história do lugar.

Primeiro foram os furgões dos pescadores engolidos pelo mar numa noite de tempestade. Acidente? Ou sabotagem do temível Tião Bugreiro, capataz de um rico empresário que deseja dominar as terras da região? E qual a verdade sobre o nascimento do afilhado de Bugreiro, o enigmático Moisés, cujos olhos verdes tanto impressionaram a garota?

Você vai se empolgar com a coragem de Laurita, que, em companhia de suas duas melhores amigas e o primo Rui, um navegador cego, não hesita em investigar os mistérios de Mandira. Sem falar que em meio a toda essa agitação, ela acaba também perdidamente apaixonada... Mergulhe nesta aventura emocionante!



**Agitação à beira-mar** é o livro de estreia de Leusa Araújo, uma paulistana que veio ao mundo no inverno de 1960. Partindo de lembranças da infância e adolescência e inspirando-se no exemplo de dois navegadores cegos norte-americanos — Jim Dickson e Hank Dekker — Leusa quis escrever uma história com muito suspense e ação que também abordasse problemas que a preocupam, como, por exemplo, a questão daqueles que são expulsos de sua terra por gente que tem dinheiro e poder. Jornalista desde 1982, colabora na revista *Marie Claire*. Tem duas filhas, Ana Livia e Letícia, suas grandes incentivadoras.

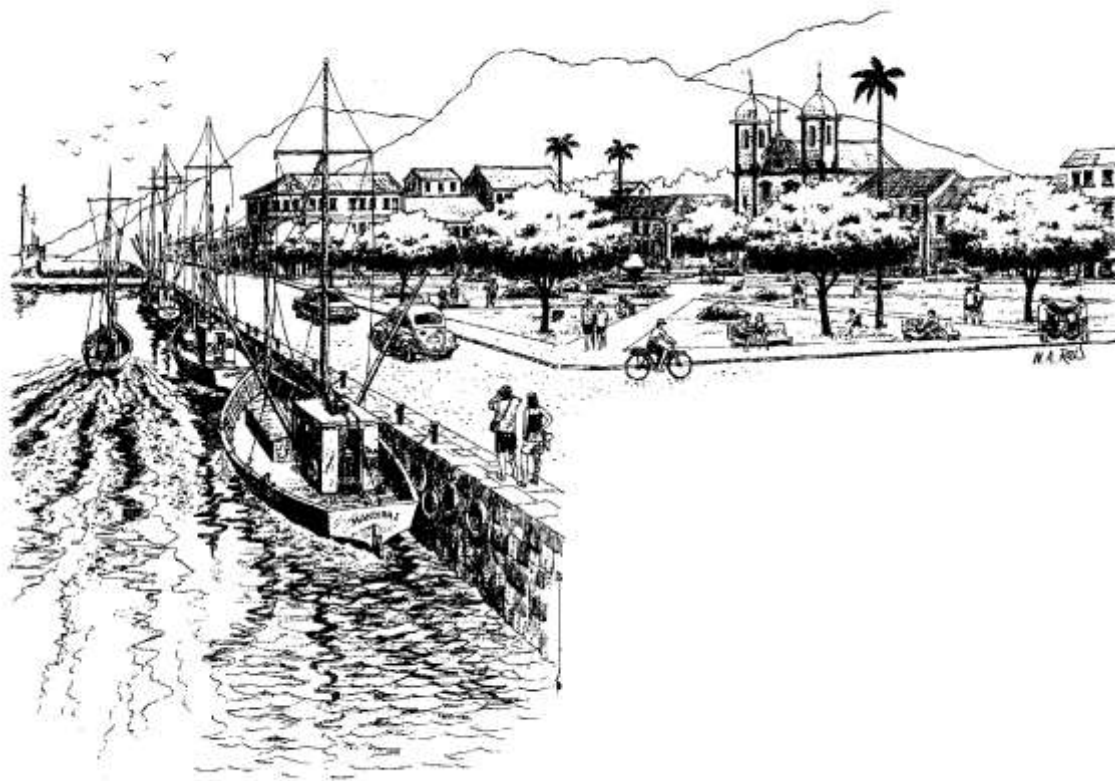
## **SUMÁRIO**

- 1 - O DILÚVIO
- 2 - OS GATOS DE FARDA
- 3 - GAROTO SEM MÃE
- 4 - "LA DONNA È MOBILE..."
- 5 - O QUÊ? ESSA MIXARIA?
- 6 - O JUIZ E O DEMOLIDOR
- 7 - CADÊ O DELEGADO?
- 8 - SE BALANÇAR, EU PULO!
- 9 - A FUGITIVA
- 10 - A CHEGADA DE RUI
- 11 - DE BRAÇOS ABERTOS
- 12 - A CONVERSA COM MOISÉS
- 13 - TIÃO BUGREIRO
- 14 - TRAVESSIA ÀS ESCURAS
- 15 - PLANOS DE BORDO
- 16 - O PESADELO VOLTOU
- 17 - ROTAS ALTERADAS
- 18 - CORAÇÃO PARTIDO
- 19 - NA ESTACA ZERO?
- 20 - A SETE CHAVES
- 21 - ATÉ PARECE BANGUE-BANGUE
- 22 - PAPÉIS, GATOS E ALERGIAS
- 23 - MANDIRA, URGENTE!
- 24 - É PRAGA CERTA!
- 25 - CONTATOS DE PRIMEIRO GRAU
- 26 - ÔU BEIBE, ÔU AILÓVIU...
- 27 - BARCO À DERIVA
- 28 - ENSABOADO DE PETRÓLEO
- 29 - QUE FLAGRA!
- 30 - COM A BOTA NO BATENTE
- 31 - O ÚLTIMO A SABER
- 32 - MEA-CULPA
- 33 - QUANDO TOCA A TUBA
- 34 - MARIA, MÃE DOS NAVEGANTES...

- 35 - MORTE À BEIRA DO CAIS
- 36 - ASSIM É DEMAIS!
- 37 - DECLARAÇÃO ÀS AVESSAS
- 38 - AUDIÊNCIAS TELEFÔNICAS
- 39 - LEMBRANÇAS
- 40 - COM MUITO AFETO...
- 41 - CALENDÁRIO PERMANENTE
- 42 - O FIM DO PESADELO?
- 43 - DEMOLIDOR POR UM MOMENTO
- 44 - CERCO FELINO
- 45 - BATEU COM A LÍNGUA NOS DENTES
- 46 - A BELA E A FERA
- 47 - O GAROTO TEM MÃE
- 48 - O HOMEM CHEGOU!
- 49 - O LARANJA
- 50 - NAVEGADOR SOLITÁRIO
- 51 - UM, DOIS, TRÊS... GRAVANDO!



Ao Bruno, meu primeiro sobrinho  
Ao primo Alyará,  
em memória



## 1 - O DILÚVIO

*...Em 1794, a cheia do rio Mandira provocou um verdadeiro dilúvio na cidade, causando grande alarma na população. Algumas casas ficaram quase cobertas; outras, submersas, criaram fungos e trepadeiras nos seus telhados. Trinta e três dias e trinta e três noites se passaram até que as águas baixassem...*

Laurita fechou o grosso volume da História de Mandira como quem espanta um mau presságio. Chovia. Correu até a janela e viu a pequena multidão de homens vindo em direção a sua casa.

Desde que o pai assumira, fazia quatro meses, como novo juiz da Comarca de Mandira, era a primeira vez que o visitavam àquela hora da noite. Padre Schultz caminhava na frente, o único a se proteger com guarda-chuva e galochas altas — acostumado que estava com a chuarada teimosa dos primeiros dias do mês de julho.

Antes que o padre tocasse a campainha, Laurita zarpou do quarto para testemunhar a visita. E foi atropelada pelo pai, o juiz, que arrumava as calças pelo caminho, desajeitadamente, por cima do pijama.

— Algum problema, padre? — ensaiou o juiz assim que abriu a porta,

sentindo as calças do pijama amontoarem-se nos tornozelos, na cintura e nos quadris.

— Uma tragédia! Um terremoto para nós de Mandira! — anunciou o padre, sempre exagerando nas palavras e nos erros vindos da Alemanha, havia mais de trinta anos.

É que dois carros, abarrotados de peixes, tinham sido arrastados até a prainha e, naquele momento, estavam sendo engolidos, impiedosamente, pela areia do mar.

— Sinto muito, padre — disse o juiz ajustando as lentes de contato. — Mas como foram parar lá?

— Aí está o mal, senhor juiz! — revelou o padre, benzendo-se repetidas vezes. — Aí está o mal... — pronunciou devagar, amainando a voz, como fazia nos momentos reflexivos da missa de domingo.

— E por que não procuram o delegado?

— Três dias de chuva. O doutor bandeou para o lado de lá! — desabafou o pároco, numa alusão direta ao corpo mole do delegado de polícia local.

— Então, o padre Schultz resolveu...

— Que o senhor juiz deve testemunhar a desgraça! Verrr com os próprios olhos! — pontificou o padre com o dedo em riste no rosto do juiz, que, aos quarenta anos, às vezes tinha uma expressão de garoto.

Nessa altura da conversa, Laurita já tinha providenciado capa de chuva, capuz e galochas. Baixinha para os seus catorze anos de idade, nem se demorou em frente ao espelho, com medo de desistir daquelas roupas. Mais parecendo um escafandrista, saiu, de braço dado com o pai, engrossando a procissão de curiosos. Transpirava sob o tecido emborrachado e incomodava-a o ruído fofo da galocha úmida por todo o caminho.

A cidade de Mandira era formada por diversas ilhas — banhadas pelo Atlântico de um lado e por braços de mar e canais de outro; algumas mais distantes incrustadas nos canais interiores — pequenos pontos no mapa da região. Ligada ao continente apenas por balsa, três dias seguidos de aguaceiro bastavam para ameaçá-la de isolamento. Começavam a minguar as notícias e os turistas. A balsa ia rareando, até não voltar mais. Os pescadores, ressabiados, com os peixes e frutos do mar a se acumular, esperavam a melhora do tempo para as viagens até as distribuidoras pesqueiras. Enquanto isso, amontoavam-se nos bares, na mesa de dominó, estudando as marés.

Laurita estava assustada. Mal tivera tempo de se acostumar com a chegada das férias e pronto! Vinha aquela chuva de escurecer o dia, encharcar as calçadas, obrigando-os a espalhar vasilhas pelos cantos das casas e panos enrolados no vão das portas. Nos sobrados centenários de Mandira, de paredes grossas com rachaduras, a umidade ia invadindo tudo.

Mas essa do mar engolindo os carros, nem no cinema!, raciocinou Laurita, vendo tochas trêmulas pela chuva continuada iluminarem o espetáculo: a areia devorando avidamente, como uma planta carnívora, os

dois furgões que amanheceriam transformados em lata e ferrugem. Só mesmo um serviço de guincho, com fortes garras mecânicas, teria podido evitar tamanho apetite da areia úmida. Não houvera tempo de socorro mecânico. Os pescadores chegaram tarde demais. Desperdiçavam esforços, atolados na areia até os joelhos, numa disputa inútil e desigual com a força da chuva, da maré, do atoleiro que parecia vivo.

— Num adianta arrastá — falou um pescador, desiludido, vendo o carro afundar quase uma tonelada de pescado.



— Num adianta arrastá — falou um pescador, desiludido, vendo o carro afundar quase uma tonelada de pescado.

— Sete barcos, moço. Catorze famílias. Um bocado de bocas. — O mais velho do grupo se adiantou em direção ao juiz.

— Alguém viu quando os carros foram arrastados? — perguntou o juiz, arrependendo-se imediatamente de tentar qualquer investigação sem a presença do delegado.

— Ora, doutor. Se visse num tava no mar — arriscou um homenzinho, meio surpreso com o que considerou a “burrice” do doutor juiz.

— Como têm certeza de que foi sabotagem?

O homenzinho coçou a cabeça. Os outros se olharam na cumplicidade.

— O senhor é novo aqui, né, doutor? Se não fosse, ia ser o primeiro a saber que os carros do pescado ficam em lugar seguro até amainar a chuvaceira e a balsa retomar seu turno, levando a carga para o continente.

— Arre, que enrolação! — protestou um pescador de vozeirão rouco, com gestos largos, como se estivesse empurrando para longe aquela conversa fiada.

Era Chico Roco, o líder do grupo.

Ele achava que não tinham nada a investigar. Todos sabiam que só podia ser mais uma investida de Tião Bugreiro contra a família de posseiros, acusada de ter invadido as terras de Ivan Camaro, o maior comerciante de conservas alimentícias da região. Bastara um movimento organizado pleitear judicialmente a legítima propriedade daquelas terras para acirrarem-se as perseguições de Camaro, por intermédio do seu capataz Bugreiro.

— Aposto que ele tá escondido aí, não muito longe não, só apreciando o estrago! — revoltou-se Chico Roco, na esperança de que o desafio fizesse o tal Bugreiro surgir, bem à sua frente.

— Vocês vão atrás dele? — irrompeu Laurita, um pouco atordoada com aquela espera raivosa dos homens. Recebeu um cutucão do pai como resposta.

— Atrás dele? — Todos se entreolharam, sem completar o pensamento. Pois na presença do vigário e do juiz é que ninguém ia se atrever a falar de vingança.

O juiz aproveitou a deixa e reafirmou as penas da lei.

— Uma vingança põe qualquer processo de posse de terras no buraco...

— No buraco já estão nossos carros e nosso peixe — resmungou o homenzinho com ironia.

A capa de borracha já estava ensopada. Laurita engoliu um nó pesado na garganta, sentindo-se tão mal quanto o grupo de pescadores nas suas capas de chuva, gorros e coletes de napa encharcados. Tanta água. Era um jeito de chorar do lado de fora, concluiu a garota.

Passava da meia-noite. De volta ao quarto quente e bem iluminado do sobrado, Laurita vestiu a camisola de cambraia.

— Apaga essa luz, minha filha! — protestou a mãe, de longe.

— Já vai.

— E vê se a janela tá fechada, viu?

Dona Gilda, mãe de Laurita, tinha essa mania de verificar portas e janelas, para espantar possíveis golpes de ar ou invasões de ladrões noturnos. Trouxera isso da capital paulistana, assim como seus cavaletes de pintura, a educação refinada nos melhores colégios, tratados de *rhata-yoga* e grossos volumes de história da arte.

— Põe um edredom, tá frio — completou a mãe.

— Hum hum.

— Tira esse abajur do chão. Eu estou só vendo a hora de você chutar o pobre escada abaixo, Laurita.

— Já tirei.

— Pôs na cômoda?

— Pode dormir, mãe. Boa noite, tá? — encerrou a menina, com pouca delicadeza.

— Eu acho engraçado! Como é que eu posso dormir se você e seu pai ficam rondando de madrugada na praia! Tá bem cobertinha, Laurita?

— Mandira, hem? “Uma das primeiras paradas de navegadores portugueses no Brasil, a doce Mandira...” — Laurita reproduziu com ironia a frase do livro de história.

— Que é que você tá resmungando?

— Nada, mãe...

Mandira tinha uma violência real e sem encantos, pensou Laurita, recordando-se do dia em que pisara na prainha, pulando apressada da balsa. Que nova vida a esperava numa pacata cidade histórica, com turistas interessados em ruínas de casarões e sambaquis?

Enfiou a História de Mandira no fundo do armário de roupas.

Apagou a luz.

## 2 - OS GATOS DE FARDA

O primeiro gato entrou de mansinho e preferiu enrolar-se no edredom para mais um cochilo. O segundo deu a volta no quarto de Laurita e plantou-se no parapeito. Parecia um gato na moldura. O terceiro não se conteve e lascarou uma lambida na cara da garota, que deu um pulo da cama, adivinhando que tinha visita.

— Pode subir, Analu! — acenou Laurita para sua primeira e melhor amiga mandirense, que chegava sempre depois de uma dúzia dos seus muitos e muitos gatos, cada qual com nome próprio, às vezes sobrenome: Taco, Nori, Puio, Malhado, Dodô Risonho, e assim por diante. No começo,

Laurita tinha achado um pouco estranho, aquela criaturinha com seu exército felino. Depois, ficara com inveja de tantos bichanos a servi-la.

Analú entrou no quarto com mais uns oito gatos de séquito. O cabelo ainda estava molhado e escorregava liso até a cintura; uma franjinha dava um ar de criança para a menina que completara quinze anos, sem que ninguém acreditasse.

— Tô achando você esquisita — falou Laurita.

— Não é pra menos. Não viu ontem, os carros afogados na praia? — suspirou a amiga desconsolada, sentando-se na cama, rodeada pelos bichanos.

Analú era filha de um dos líderes do movimento pela posse das terras, Chico Roco, e participava ativamente das reuniões que acompanhavam o processo na Justiça. Padre Schultz sempre apostava que a garota, a primeira dos moradores do Biguás a frequentar a escola de segundo grau, ia ajudar os homens a entender melhor os direitos que tinham depois de tantos anos, tanta pesca, tanto trabalho.

— Meu Deus! Aqueles furgões na areia! — recordou Laurita ansiosa, embaralhando suas impressões da noite anterior. A tragédia atingia em cheio a família de Analú, acumulando dívidas e esvaziando a despensa...

— Foi horrível...

— Até que horas você ficou na praia?

— Nem lembro. Sei que fui correndo em casa, buscar agasalhos para os homens. Na volta, eles me disseram: “O juiz teve aqui com a filha dele, foi bom ele ter visto o estrago” — e ela olhou para Laurita, sorrindo timidamente.

A chegada do novo juiz prometia dar outros rumos ao processo de disputa de terras que dividia a cidade — de um lado o padre e os pescadores que ocuparam terras desabitadas havia quase vinte anos; de outro, a Associação Camaro para o Progresso de Mandira, os comerciantes, políticos tradicionais e correligionários.

— Taco! Larga o cobertor! — ordenou Analú para um gato com as unhas fincadas no tecido, desfazendo as tramas.

— O tal Ivan Camaro quer mesmo botar a mão nas terras? — perguntou Laurita, enquanto tentava se livrar de dois outros bichanos que pulavam interessados no bordado da sua camisola; ao mesmo tempo que evitava o desastre iminente que o gato Dodô Risonho ia causar, dependurado no fio do abajur.

— Isso é que eles dizem. Que o Camaro comprou a ilha dos Biguás, Nanaú e Laranjeiras... Vai ter que provar na Justiça! — desafiou a garota, influenciada pelo discurso da militância política.

— Ih, é tão demorado. Vai por anos e anos... — considerou Laurita, coçando a cabeça num gesto que mais parecia do juiz, sempre criticando a morosidade do Judiciário. Começou a pensar numa maneira de ajudar a família da Analú. Afinal, quando chegara atrapalhada, semanas após o início do ano letivo, a garota fora a única a lhe emprestar cadernos com



lições passadas. Também a protegera como a um de seus gatos dos olhares mandirenses, para quem a filha do novo juiz parecia arrastar uma toga e martelo invisíveis, pronta para desferir sentenças com um simples bom-dia.

— Eu sei... Precisa de muita paciência para aguardar o processo... — concluiu Analu, jogando os cabelos para trás, e, como um general que subitamente ouve o primeiro disparo, resolveu dar um basta na confusão que ia sendo instalada por seu exército de gatos: — Agora chega! Chhhhip!

Foi o suficiente para que a gataria descesse, cada qual como pôde, para esperar seu comandante do lado de fora da casa. Era mesmo impressionante que gatos, normalmente avessos às ordens humanas, fossem assim tão submissos a uma garota e seu “chhhhip!”

### 3 - GAROTO SEM MÃE

Mandira sem chuva tinha um hálito quente. Um mormaço sem vento. Os pescadores foram logo tomar um trago de café da manhã, esperando as boas novas da primeira balsa e fazendo outro leva-e-trás de comentários sobre a noite anterior.

— Ouve lá, rapaz! Isso não pode ser... Nada de apostas em dinheiro — resmungou de má vontade o português do bar ao barqueiro, um adolescente dos seus dezesseis anos, entretido no jogo de dominó.

— Tá me estranhando, portuga? — retrucou o garoto.

— Não, senhor. Estou fazendo cumprir as leis! Tem novo juiz na cidade... Ou você quer me ver metido em sarilhos com a Justiça?

O garoto batia as mãos, numa gargalhada fingida.

— Ué, português. Virou carola? — disse, pulando para o lado oposto do balcão, assumindo o lugar do dono do bar.

— Sai, moleque! Antes que eu lhe arranque o couro! — falou o português, desaparecendo num compartimento apertado ao fundo do estabelecimento.

Moisés não acreditou nas ameaças. Serviu-se de uma dose generosa do caldo de mariscos, que esfriava na panela, e arrancou do espeto um pacotinho de fritas. Cuspiu o palito mastigado e virou de uma vez a concha na boca. Repetiu, quase secando o precioso cozido. Para completar, tirou um guardanapo da cozinha e enxugou os lábios com gestos afetados, pulando de volta para o outro lado.

O português retomou com uma porção de ostras para o outro freguês.

— Te devo alguma coisa, portuga? Ou é cortesia da casa?

— Chispa daqui, moleque sem-vergonha! Tu some da minha frente! Tu não me apareças!

O moleque saiu de banda. Ao andar, dançava demasiado o corpo.

O português, depois de certificar-se de que o garoto desistira de responder à provocação, saiu para o centro das mesas e resolveu bancar o

valente:

— Volta aqui, filhote de Bugreiro! Cabeçudo! Safado! Garoto sem mãe! Vem, se tu queres ser homem!

Laurita e Analu assistiam à confusão. Em Mandira era assim: dois gritos bastavam para reunir um montão de curiosos, ainda mais nas férias escolares do mês de julho, com a criançada o dia inteiro na praça. Foi só se aproximar um pouco mais e deram de cara com o moleque que despertara toda a ira do português. Sem saber por que impulso, Laurita encarou-o.

— Agora que você tá indo embora, o homem resolveu fazer um *show*! — comentou amistosa.

— É um covardão, esse portugal!

— É gente boa! — Ela sorriu. — Só está chamando a atenção...

— Gente boa... Um merda! — Ele saiu, chutando uma lata de cerveja com violência na direção de Laurita. Ela ficou desconcertada com o palavreado do moleque.

— Cuidado com esse garoto! — advertiu um homem todo cheirando a água de colônia. Terno preto, calças largas, tudo impecável e que pôs a mão no ombro da filha do juiz.

— Que susto, seu Firmino! Nem vi que era o senhor. — Ela se virou para o dono do cartório, sempre exagerado nas medidas, um pouco pegajoso para o gosto de Laurita.

— A senhorita que me desculpe. Mas esse garoto Moisés não é para o seu bico!

— Obrigada. Sei me virar muito bem com os garotos da minha idade, seu Firmino — respondeu Laurita, com certa arrogância.

— Esse não é um garotinho qualquer. É o afilhado do Bugreiro, minha filha. Criado no facão, no fundão do mato, sem beabá, nem beebé...

— O que o senhor tá insinuando?

— Se pegou num lápis, alguma vez na vida, foi para raspar os números da loteria instantânea! — Ele sorriu, achando graça da própria piada.

— E daí? — desafiou a filha do juiz, arregalando os olhos redondos e escuros. A atitude causou admiração em Analu, incapaz de falar com tanta naturalidade com um homem como Firmino, que já ia entrando na casa dos sessenta.

— E daí que sairá como o tio: bugreiro. Perigoso.

Laurita não gostou da intervenção do homem do cartório. Pediu licença e continuou o passeio com a amiga pela pracinha. Uma penca de gatos acompanhou as duas meninas; outra adotou posições estratégicas: na beira da balsa, no bar, no coreto, no banco do jardim, onde se lia: “Camaro Laticínios Ltda.” O mesmo nome assinava o patrocínio para a “Noite do caixara”, numa faixa que dois homens penduravam na frente do restaurante.

— Às vezes, eu acho que gente como o Firmino tem razão. O Moisés tá ficando perigoso... — confessou Analu, com motivos de sobra para precaver-se até da última geração dos “Bugreiros”.

— O que o Moisés te fez? — perguntou Laurita, quase agressiva.

— Pra mim? Nada.

— Então? Se o cara nunca te fez nada, por que tanta desconfiança?

— Dizem tanta coisa, que a gente fica com a cabeça cheia.

— Por causa da família dele? — deduziu Laurita, lembrando-se dos carros engolidos pela areia.

— Que família? O que o povo diz é que Tião Bugreiro achou o molequinho nas águas. Que ele apareceu boiando, numa cestinha toda enfeitada...

— Nossa, que belezinha! — animou-se Laurita com a imagem da criança.

— Belezinha, é? Sabe lá o que é viver mamando leite de capivara e, depois, ficar pele e osso? Quase morre duma febre brava!

— E como sobreviveu?

— O povo diz tanta coisa... — comentou Analu, com trejeitos de uma beata.

— Desembucha de uma vez, Analu. Que conversa mole!

— O Bugreiro também é metido com umas rezas esquisitas, contou, que benzendo com o facão e num sei mais o quê, a febre desapareceu...

— Credo! Uma história triste dessas, e você ainda tem bronca do cara, Analu? Nunca quis fazer amizade?

— Ah, eu não sei direito. O padre Schultz diz que Moisés é um garoto bom. Que a gente precisa ter paciência.

Desde a pia batismal, quando recomendara a Bugreiro que desse o nome de Moisés ao afilhado, padre Schultz tinha sido o único da cidade que tentara convencer o capataz a trazer o garotinho para o convívio das crianças na comunidade, ou ao menos para umas aulas de alfabetização. Chegara a lhe ensinar as primeiras letras, às escondidas, até o dia em que o próprio Moisés, temendo novas surras do padrinho pelas ausências injustificadas, abandonou a paróquia. Uma cartilha, o estojo e as brochuras mal começadas continuavam na sacristia, como que lembrando ao padre que tinha uma ovelha ainda desgarrada.

— Não acho nada de esquisito nele! — insistiu Laurita.

— Olha direito, que você vai notar...

— O quê? Aqueles olhos verdes? Verde-água... — disse Laurita, insinuando pela primeira vez o quanto tinha achado o garoto bonito.

— Olhos de cobra-d’água. Eu, hem!

— Pára com isso, Analu, parece uma velha medrosa. Fala sério, nunca pensou em perguntar para ele sobre as terras? Ele deve conhecer todos os

passos do capataz de Camaro...

— Você tá louca? Se o padrinho é pago para nos espantar das terras, por que o moleque pensaria de outro jeito?

— Sei lá. Padre Schultz não diz que ele é uma vítima das violências do padrinho? De repente pode ser um aliado na questão das terras... — Laurita refletiu, cada vez mais interessada em conhecer os dois lados do conflito mandirense, à maneira de um juiz e as partes em litígio, cara a cara no tribunal.

O sino da matriz calou a discussão entre as amigas, lembrando-as de que eram dez horas da manhã. Os barcos que zarpavam para as ilhas circunvizinhas afastavam-se do porto.

Moisés partiu numa traineira azul.

A agilidade com que puxava a âncora e manobrava a embarcação fazia dele um barqueiro experimentado, o que despertava um certo orgulho no padrinho, por ver o afilhado tão precocemente adulto. Escola, turminha, jogo de bola, isso tudo era “coisa de moleque frouxo, criado babando na saia das comadres...”, costumava proclamar Bugreiro.

Algumas bandeirinhas, enfeitando o barco do garoto, resistiam à força do vento, embora fossem de papel de seda.

— Aposto que ele gosta de empinar pipa! — deixou escapar Laurita, para quem as bandeirinhas eram uma comprovação das suas suspeitas, de que o suposto bandidinho de Mandira, condenado pela fama do padrinho, não passava de um menino.

#### **4 - "LA DONNA È MOBILE..."**

Disposta a saber muito mais sobre a história do garoto Moisés e com uma porção de planos na cabeça, Laurita nem bem engoliu o almoço e já estava do lado de fora do sobrado. Um pouco esbaforida pela corrida, parou em frente ao portão da casa de Estela. Embora tivessem se tornado amigas íntimas no último mês de reforço para as provas de semestre, era a primeira vez que ia até a casa da garota. Estela, talvez por ser filha de costureira e viver modestamente, não tomara a iniciativa do convite, preferindo as tardes de prosa no sobrado imponente do juiz, repleto de móveis e objetos inusitados para as casinhas mandirenses, com suas antigas camas patentes, poltronas encardidas de curvim e banquinhos cobertos por sisal.

Laurita encontrou a amiga na varanda, com os pés e mãos esmaltados, o cabelo preso para o alto, e uma pilha de revistas de televisão espalhadas nas espreguiçadeiras.

— Viu? É assim que se faz: manicure, pedicure, depilação. Isso é que é folgar nas férias! — demonstrou Estela, que, ao contrário de Analu e Laurita, tinha mais tamanho do que o normal para quinze anos. Corpo bem formado, cabelos encaracolados e loiros. Olhos rasgados. Podia fazer uma novela e ganhar fama. Um desejo que jamais passara pela cabeça da garota, apesar das revistas de tevê que se multiplicavam na casa.

— Quer fazer um passeio de barco? — sugeriu Laurita, resumindo o motivo da visita-surpresa.

— Até vou... — respondeu a outra menina, sem muita convicção.

Estela já estava meio enjoada de sacudir nos barcos desde criança pelas ilhotas da região de Mandira. Mas para atender aos apelos de uma amiga recém-chegada, com os ânimos de turista ainda acesos... Então, imaginou que ia ter de sair explicando “a cheia do rio Mandira, tal e tal, o negócio do dilúvio...” Conhecia cada gesto dos guias turísticos profissionais, que anunciavam com vozes empostadas: “Alguns sambaquis foram construídos por homens primitivos, outros formados pela ação da natureza, há num sei quantos anos etc., etc....”

— Não é bem um passeio — advertiu Laurita, como se adivinhasse o pensamento da amiga. — É mais uma aproximação tática. Te explico com calma, mais tarde.

— Espera aí. Se não é um passeio... Que história é essa? — retrucou Estela, sem compreender o que pudesse significar uma “aproximação tática”.

— Vamos no barco do Moisés, um garoto que eu conheci hoje.

— Ué! Por que tem de ser com ele? Não me esconda nada — sorriu Estela, sentindo cheiro de complicação no ar.

Laurita queria explicar por que a história do garoto a envolvera e, ao mesmo tempo, a importância de conhecer mais sobre os passos do Bugreiro, por intermédio do afilhado. Isso poderia ajudar a desenrolar mais rápido o tal processo das terras, que tanto afligia a família de Analu... Mas perdeu o ânimo.

— Por nada. Fiquei a fim de conhecer a prainha onde ele mora.

— Já pensou que a gente pode topa com Tião Bugreiro? — falou Estela, fingindo, para não borrar o esmalte, bater três vezes na madeira.

— Então... Tá a fim? — disse Laurita, desviando a conversa para longe da boataria em torno do garoto.

Mesmo com os pés lixados e esmaltados, Estela foi até a cozinha descalça, como sempre. Era esguia e o andar, leve; daria uma dançarina também, se entrasse para o balé. Voltou com pedaços de bolo para as duas.

— Tá ouvindo a música, Laurita?

A menina disfarçou a ansiedade. E nesse momento escutou uma ária de ópera, que alguém cantava numa vozinha sumida.

***La donna è mobile,***

***qual piuma al vento...***

— É vovó Nenette. Vai fazer noventa anos. Engraçadinha ela.... — comentou Estela, com carinho.

— Ela foi cantora de ópera? — empolgou-se Laurita.

— Imagina, coitada. A mãe diz que isso chama “esclerose múltipla”, nunca ouviu?

Laurita observou a velhinha ensaiando alguns passos de dança no corredor. Primeiro soltou o birote, e as trancinhas desceram quase até os joelhos. Dona Nenette acenou para que Laurita fosse participar do seu teatro particular. Toda sorrisos, fez apresentações, aplaudiu, até começar tudo outra vez:

*La donna è mobile,  
qual piuma al vento...*

A menina percebeu que não fora para ela o convite, que dona Nenette a olhava através de uma nuvem. Então, a esclerose era isso? Uma janela embaçada por onde se olhava o presente. Mas para não vê-lo assim enrugado, surgia da névoa uma imagem que valia a pena. E dona Nenette preferia viver uma apresentação de ópera. Quando teria visto uma cantora lírica? Laurita, que sem perceber já entrava no devaneio da velhinha, lembrou que Estela ainda lhe devia uma resposta.

— Decidiu?

Estela passou a língua sobre uma das unhas da mão, para verificar se o esmalte secara. Depois rompeu o silêncio:

— Amanhã. As oito, tá legal?

## 5 - O QUE? ESSA MIXARIA?

Bem cedo, na prainha, encostavam os barcos para o transporte de carga e pessoas pelas ilhotas que rodeavam Mandira. O iate Camaro, todo pintado de branco, fazia um circuito especial para turistas; enquanto as traineiras, lanchas e barcos de pequeno porte negociavam com os interessados o valor de um dia de trabalho, ali mesmo, estacionados no ancoradouro.

Laurita, Estela e Analu — esta última arisca com a ideia de passear com o afilhado do Bugreiro — foram as primeiras a chegar. Laurita tinha um defeito: achar que podia tomar conta de tudo sozinha. Então, levou uma boa quantia em dinheiro, lanches, sacolas com toalhas, óculos de sol, filtro solar para resolver qualquer necessidade à bordo — uma quantidade exagerada, suficiente para muitos dias de navegação.

A traineira azul de Moisés achava-se ancorada, mas nada do garoto. Devia estar no bar do português, ou na mesa de dominó com outros pescadores. O sol prometia força total e as bochechas de Laurita, muito brancas, já pediam filtro solar.

Moisés aproximou-se devagar. Fez de conta não ter visto que era esperado por uma comitiva de meninas, e pulou para o barco com um palito amassado na boca.

— A gente queria acertar um passeio até a prainha do outro lado dos Biguás — adiantou-se Laurita, com um sorriso que deixava à mostra cada detalhe de uma gengiva larga e pronunciada.

O garoto encarou a menina de cima a baixo e arregalou os olhos estranhando aquele convite. O cabelo alourado e cheio de ondas de Moisés contrastava com a pele morena, enrijecida pelo sol e com arranhões

permanentes.

— Minha traineira é de carga e de pesca, filha! Não dá pra perder um dia de trabalho rodando em prainhas para se bronzear.

Estela e Analu tiveram vontade de rir, pois já esperavam a reação de Moisés. A filha do juiz tinha muito o que aprender com um caçara criado nos cafundós mandirenses.

— Estou a fim de pagar pelo serviço. Não estou te pedindo nenhum favor. Então? Quanto é? — Ela puxou uma bolsinha de moedas onde as notas ficavam enroladas.

— Opa! Então, o papo é diferente... — considerou o garoto, propondo uma quantia exorbitante para o pequeno trajeto.

Laurita ficou mais vermelha ainda. O quê? Nem o barco Camaro, que percorria dez ilhotas, com duas paradas de meia hora nas prainhas, teria coragem de cobrar uma quantia daquelas.

Estela interveio para mostrar ao moleque que, se a amiga era novata na cidade, ela fora criada vendo meninos como ele pedindo carona para os pescadores, sem pagar um tostão. Ou vendendo bugigangas inúteis na balsa. Ele agora queria botar banca?

— A gente só tem um quarto desse valor. Topa? Uma viagem até a prainha do Cantagalo, com parada de meia hora para um mergulho? — disse Estela, com ares de negócio fechado.

Moisés tomou a medir as garotas de cima a baixo, desta vez demorando-se era Estela, até quase esquecer o que estava fazendo ali, plantado no convés da traineira, com o motor ligado cuspidando fumaça e diesel. E o que era pior: negociando sem o conhecimento do padrinho.

— O quê? Essa mixaria? — repetiu boquiaberto, referindo-se à quantia proposta. — Isso é o que o Camaro me paga pra ficar parado, só pra eu me esticar aqui e esperar o fim da tarde. Então, tá me achando com cara de trouxa?

Laurita descansou as sacolas no chão. Ainda não ia ser dessa vez. Fazia muito calor, o rosto ardia. Baixou os ombros, sem graça, e fez menção de desistir.



— Tá me achando com cara de trouxa? — provocou Moisés.



O garoto colocou o motor em rotação mais alta e, antes de sair, propôs um último acordo:

— Em outro dia, a filha do juiz pode pagar quantos *barões* quiser pela viagem e terá serviço de primeira. Água de coco gelada, e coisa e tal... — provocou, lembrando a ancestralidade privilegiada de Laurita e convidando-a ao veredicto final.

Laurita segurou a resposta que lhe cutucava a garganta. Pensou em dizer: “Filha do juiz, sim! Pelo menos tenho pai e mãe que me criam!” Mas seria botar tudo a perder. Esforçou-se para encontrar uma postura *zen*, lá dos monges orientais cultuados pela mãe, e disse simplesmente:

— Quando?

— Daqui a uma semana. Na terça-feira. Às oito em ponto, que eu não tô a fim de perder o dia todo com as madames. Falei? — encerrou o garoto, tentando demonstrar sua superioridade.

## 6 - O JUIZ E O DEMOLIDOR

A sala de ginástica era o ponto de encontro do juiz com a filha, todo final de tarde. Ambos tiveram um dia cheio: doutor Barros com os processos; e a filha, a tratar de negócios com um barqueiro mal-educado.

— “Da obrigação, lançamentos e relação jurídica tributária. Artigo terceiro do ato das disposições transitórias” — Laurita lia em voz alta, enquanto o juiz completava a octogésima nona flexão. Tinham batizado esse exercício de “revezamento”, pois um lia os dispositivos legais e o outro malhava.

— Noventa... noventa e um... noventa e dois... — arfava o juiz, atento às palavras da filha.

Barros era aficionado ao trabalho e nunca largava os tais processos. Embora nem sempre as verdadeiras razões da sua permanência, até altas horas da madrugada, trancado no escritório da casa, fossem profissionais. No meio do calhamaço de papéis escondia-se sempre o mais novo gibi do Demolidor, um dos seus personagens de quadrinhos preferidos.

Laurita adorava a companhia paterna e se divertia com a leitura de textos jurídicos, que além de tudo lhe dava uma certa vantagem em relação aos colegas, como agora, que começava a se meter, silenciosamente, numa disputa de terras. A filha do juiz bem que se envaidecia dos seus conhecimentos da jurisprudência.

Dona Gilda entrou na sala. O cômodo reunia um amontoado de aparelhos para manter a boa forma: bicicleta ergométrica, esteira rolante, *step*, barras de ferro, pesos para exercícios de musculação. Além dos patins aposentados, pula-pula e redinhas de pingue-pongue entupindo as prateleiras. Era o arsenal do juiz e da filha. Já o equipamento de dona Gilda tinha concepção bem diferente: chapéus de palha, almofadas para exercícios de ioga, e o tatame oriental que acabava conciliando os opostos da família, isto é, os adeptos da aeróbica com os do zen-budismo.

Sem muita esperança de convencê-los a uma caminhada para ver o

pôr-do-sol na prainha, dona Gilda observou a atividade do marido e da filha: nenhum dos dois abandonaria os aparelhos de ginástica, que ela abominava. Laurita começou a pedalar freneticamente na bicicleta ergométrica.

— Músculos! Músculos! — ditou a mãe.

— Tá vendo como ficam duros? — Laurita exibiu a coxa num alongamento.

— Um dia você vai me entender, minha filha. Músculos duros não significam nada!

— Não desanime, filhota — arfou o juiz. — Sua mãe frequentou muitas academias antes de ser fisgada pela ioga... Ufa! Cento e dezessete... cento e dezoito...

— Laurita está em idade de crescimento, Barros. Não é nenhum garotão! Precisa respirar direito, encaixar a coluna no lugar. Andar na praia e ter um pouco de tédio... — dona Gilda desabafou, enumerando as providências nos dedos da mão.

A presença da mulher não causara nenhuma mudança no ritmo contínuo dos exercícios. Então, dona Gilda resolveu abaixar a música, que ela chamava de “tortura”, e que costumava pontuar os exercícios aeróbicos. Depois, abanou-se com um envelope que trazia à mão, com um arzinho típico de quem era a única a saber de uma notícia inesperada.

— Telegrama? — resfolegou Laurita, reconhecendo a tarja do envelope.

Gilda abriu-o e leu em alto e bom som:

***Pesquisas arqueológicas e estudos náuticos estão me empurrando sem remédio para Mandira. Arrumem um canto para mim. E agora? Estão arrependidos do convite? Fugam correndo, ou me esperem no porto, na terça-feira. Beijos. Do primo Rui.***

## **7 -CADE O DELEGADO?**

Segunda-feira. Mandira ainda dava sinais de ressaca da “Noite do caçara”, baile beneficente promovido pela Associação Camaro para arrecadar fundos destinados a uma ambiciosa caravana. Iriam todos à capital federal reivindicar uma ponte de concreto que ligasse Mandira ao continente.

— A ponte atravessa o mar e cai direto na rodovia... — falou o português do bar, traçando uma linha imaginária no ar.

— Como é que segura um negócio desses no mar, homem? Ói! O mar é brabo! Vai, corroendo tudo: ferro, lata, concreto, o que vê pela frente: Num tem ponte que dure com os alicerces na água salgada, gente! - duvidou um pescador de idade avançada, com pescoço fino e enrugado.

O português deu uma boa risada. Não ia ficar enumerando a quantidade de pontes gigantescas sobre o mar, espalhadas por toda a Europa e no Brasil. Até porque não se lembrava de nenhuma, assim de

cabeça.

Enquanto a especulação de engenharia civil prosseguia, numa mesinha do canto, virada para o ancoradouro, a conversa ia bem diferente. Chico Roco, líder do movimento de posseiros, contava para alguns companheiros as últimas novidades da queixa-crime feita contra Tião Bugreiro, principal acusado de arrastar os furgões dos pescadores até a prainha, na madrugada chuvosa. Os ouvintes estavam inconformados.

— E o delegado? Cadê? Intimou o bicho? — vociferou um homem careca, com as veias saltadas, indignado pela demora em ouvir explicações do Bugreiro.

— Até agora, nada... O delegado já atravessou para o continente. Parece que tem um rabo de saia numa cidadezinha dessas por aí... Fica aquela múmia do investigador, com a barriga na mesa! — informou Chico, com o vozeirão inconfundível.

— E o bichão? Tá escondido?

— Ora, escondido! Pensa que tem medo de alguma coisa nesse mundo? Nadinha. Ontem mesmo surgiu como mágica. Tava pitando belo e formoso, em frente ao cartório do Firmino — denunciou Roco, para espanto dos demais.

— Mas deixa estar... Uma hora dessas esse delegadinho enlaça o homem, ói. Tem que ser no flagrante... — apostou um pescador vindo de Nanaú, uma das terras do litígio.

— O homem é sorrateiro... — advertiu Chico, com realismo.

— Um dia ele cai, ói. Tarda, mas não falha... — desejou o pescador, esperançoso com os dias que vinham depois da chuvarada, trazendo novidades. Tinham até inaugurado um serviço de alto-falante na praça. E com o novo juiz de direito, um homem mais arejado, com ideias de cidade grande, Mandira haveria de mudar.

## **8 - SE BALANÇAR, EU PULO!**

Psiu. Fala mais baixo! — implorou Laurita a Estela que a esperava lá embaixo, no quintal da casa do juiz, para o passeio de barco.

Estela colocou uma toalha no gramado, aguardando a descida da bagagem.

— Lá vai — acenou Laurita, atirando da janela do quarto duas mochilas e outros sacos menores com provisões.

Era a primeira vez que saía escondida de casa. Isso a deixava tão nervosa que acabava esbarrando nos móveis do quarto e batendo sem querer as portas, quase botando tudo a perder. Da janela do seu quarto até o chão tinha pelo menos uns quatro metros de altura. Mas, na noite anterior, uma escada de pedreiro fora colocada, arditamente, alcançando a parede logo abaixo de uma floreira de tijolos. Bastava pular na floreira e de lá para o primeiro degrau da escada.

— Pode descer — liberou Estela depois de verificar se algum vizinho,

além de um vira-lata que não parava de latir, tinha se dado conta da manobra.

Laurita quase desistiu, quando pensou na idade daquelas paredes e da caixa de tijolos que servia de abrigo às flores.

— Vem logo! — insistiu Estela, perdendo a paciência.

Laurita estava numa enrascada. Justamente na terça-feira, data de chegada do seu primo Rui, tinha marcado o passeio de barco com Moisés. Não estaria à sua espera no cais, conforme o combinado. Tinha lembranças vagas do rapaz, de fotos e cartões-postais de fim de ano: com árvores de natal gigantes e neve na vidraça. É que Rui vivera parte da adolescência nos Estados Unidos, na companhia do pai, um oficial da Marinha. Dois anos antes, um grave acidente aéreo matara o pai e tirara a visão de Rui.

Ela mesma incentivara dona Gilda a convidá-lo para passar as férias em Mandira. Tinha jurado fazer-lhe companhia e apoiá-lo na reabilitação do acidente. Apesar disso, não queria desmarcar o compromisso com Moisés. Tentara argumentar com os pais, que responderam em coro: “Desmarque, ora!”, pois desconheciam as intenções de Laurita em relação ao afilhado do Bugreiro.

A garota fora buscar o socorro da amiga Estela, que não titubeou em aconselhá-la:

— Sai escondida, pô! Nunca fez isso antes? Você vai ver, não dá em nada! Quando você chegar, no final do dia, todo mundo já esqueceu. A raiva passa!

Laurita não estava tão certa desses efeitos amnésicos. Conhecia bem a memória dos pais e o choque que sentiam quando lhes mentia. Já podia ver a cara da mãe, com os olhos baixos, prendendo os lábios, e desabafando, decepcionada: “O que é que nós fizemos de errado, meu Deus, para você sair assim escondida da sua própria casa, minha filha? Por quê? Alguém já ameaçou você de alguma violência?”

Nessa altura, já estava dependurada na janela, mas a floreira, um pouco abaixo do parapeito, mostrava uma terra fofa, arenosa, como se não tivesse fundo. Dava impressão de que ia penetrar naquele terreno incerto até mergulhar de corpo inteiro. (Duas fraturas, oito meses de repouso, contabilizava em pensamento.)

Mas nada disso aconteceu. Muito desajeitadamente, Laurita agachou-se na floreira, matou dois ou três gerânios e, raspando a blusa nos tijolos centenários, encontrou com o grosso bico do tênis o primeiro degrau da escada.

— Pelo amor de Deus, segura este troço! Se balançar, eu pulo! ameaçou, sentindo a precariedade do apoio.

Estela achou graça e deu uma mexidinha na escada. Laurita já tinha descido alguns degraus, estava a menos de dois metros do chão.

— Eu vou cair para trás, Estela. Não tô brincando! Este troço está bambo!

A garota teve uma zonzeira que só cessou quando sentiu a grama

molhada no cabelo. Tinha caído no quintal, achou que estava desacordada. Mas Estela ajudou-a a se lembrar de que vivia, que ali eram os fundos da casa e que Moisés não estava para brincadeira quando afirmara que saía às oito em ponto.

## **9 - A FUGITIVA**

Muito sonolenta, dona Gilda estendeu a mão sobre o criado-mudo, procurando o despertador. De novo! Perdi a hora!, pensou agitada. Só restava tomar um banho apressado e vestir-se rapidamente para não deixar o primo Rui desamparado no cais. Ficara de encontrar-se com o padre Schultz e o marido para a balsa das dez.

Ajeitou-se com destreza em frente ao espelho, tentando disfarçar uns fios brancos indesejáveis na cabeleira negra, bem arrumada num corte Chanel. O quarto de Laurita continuava fechado. Embora o sol de Mandira invadissem as venezianas todas as manhãs, mãe e filha mantinham uma certa preguiça típica dos turistas em férias. Não era nada fácil acostumar-se com a ideia de que ali, numa cidadezinha litorânea, iam passar os anos vindouros. Ao menos os necessários para a carreira de um magistrado.

Dona Gilda bateu com delicadeza na porta do quarto da filha. Não obteve resposta. Entrou, disposta a sacudir a garota, lembrando-lhe o compromisso.

— Ei mocinha! — foi dizendo, inutilmente.

A cama estava desfeita. A janela escancarada. Gerânios amassados na floreira e uma escada de pedreiro, lá embaixo, no quintal, explicavam os últimos atos de seu único rebento. Dona Gilda suspirou indignada, lembrando-se da relutância da menina em desmarcar o passeio de barco.



— Ah, essa menina me paga! — ameaçou  
dona Gilda, a mãe de Laurita.

— O que eu fiz de errado, meu Deus? Por que essa menina saiu de casa desse jeito? Escalando um sobrado? Quando alguém fez qualquer ameaça de violência? — lamuriou-se em voz alta.

Olhou para o relógio. E tentou reconstituir na memória a imagem de Rui, o único filho de uma prima de Barros, que fora viver na América. Como seria o rapaz hoje, com quase dezenove anos? A última vez que visitaram aquele ramo da família, o garoto completara treze. Apesar da pequena diferença de idade que o separava de Laurita, fora muito generoso com a prima, confiando-lhe o manejo de sofisticados carrinhos movidos por controle remoto. Então Laurita nem se importava com isso? Vai ver que já tinha esquecido! pensou, apressadamente, condenando a filha por ingratidão.

Antes de deixar o quarto, conferiu o armário, ou melhor, o vazio deixado pela mochila, os maiôs revirados nas gavetas... Nada de filtro solar, nem o tênis preferido. Sem sombra de dúvida, não se tratava de sequestro.

— Ah! Essa garota me paga! — praguejou, esquecendo-se dos preceitos zen-budistas e batendo a porta com violência.

## 10 - A CHEGADA DE RUI

O antigo *ferry-boat* de Mandira aguentava pelo menos uns cinco veículos pesados, além de outros dez de passeio, bicicletas e motos. Dois funcionários costumavam orientar os motoristas para que ocupassem as vagas na ordem certa, como se distribuíssem pesos numa balança. Dessa vez, estavam boquiabertos com o que assistiam: um homem de terno e gravata, com pinta de motorista particular, rebocava numa caminhonete um barco com cores reluzentes, que faziam a vista arder naquele solão do meio-dia. No interior do barco, um painel cheio de dispositivos sofisticados — parecia até computadorizado. Muita gente rodeou para ver.

— Mais pra direita, faz favor — sinalizou o funcionário da balsa, preocupado com a integridade da embarcação.

— Belezura, hem! — O outro estalou os beiços, buscando a cumplicidade do motorista.

O motorista, que a princípio não se sensibilizou com a intervenção do funcionário, teve, em seguida, de dar explicações para o rapaz que ia no banco do passageiro.

— O homem falou comigo? — indagou Rui, acostumado a repetir dezenas de vezes essa pergunta. Desde que perdera a visão, ficava sem saber se as pessoas estavam lhe dirigindo a palavra. Temia ser indelicado, e deixá-las sem resposta. Ou, por outro lado, ser inconveniente e meter-se em conversa onde não era chamado.

— Não, senhor. É só um funcionário babando pelo barco.

— Estamos perto da amurada?

— Ah... O senhor quer sair do carro? É fácil. A amurada tá bem na nossa frente.

De óculos escuros, alto, moreno, com cabelos quase pelos ombros,

Rui era um rapaz atraente aos dezoito anos. Embora a cegueira tivesse lhe roubado o prazer de se demorar em frente ao espelho, todas as manhãs, ainda assim, fazia questão de barbear-se na frente de um.

— Quer chup-chup, moço? — aproximou-se o garotinho com pouco mais de sete anos para lhe oferecer aqueles saquinhos de gelo colorido, bem mequetrefe, que os meninos de Mandira costumavam vender na balsa.

— Que sabor você tem aí?

— Limão, groselha e maracujá.

— Me vê um de limão.

— Cinquenta.

Rui tirou do bolso a carteira, onde acomodava de forma diferenciada as notas de dinheiro: as de cem dobradas para um lado; de quinhentos para outro, e assim por diante.

— Pode ficar com o troco, ok! — resolveu, estendendo uma nota de cem na direção do garotinho.

O menino percebeu que o rapaz não enxergava. Tinha o sorriso um pouco parado, e as mãos estendidas tão docemente.

— Tá precisando de guia, moço? Se quiser, eu acompanho o senhor. A hora que o senhor precisar! Tive um padrinho cego, andava com ele pra cima e pra baixo...

Rui abriu o sorriso, o mais que pôde. Colocou a mão na cabeça do garoto, certificando-se da sua idade.

— Ok. Posso precisar de você um dia desses. Você me encontra na casa do novo juiz. Sabe onde é?

— O juiz, eu não sei direito ainda. Sei a filha dele, essa, sim, vejo sempre. Hoje mesmo vi a moça sair de barco. A casa dela fica mesmo ali — o moleque apontou inutilmente. — Na pracinha, quase... Todo mundo me conhece... É só o senhor dizer: “Me chama o Aguinaldo pra mim!”

— Muito bem. O trato está feito... — despediu-se Rui, voltando para o carro. A rotação do motor do velho *ferry-boat* aumentou, e com ela a movimentação das pessoas para o desembarque. Rui sentiu a brisa ficar mais quente, enquanto as vozes aumentavam de volume.

A chegada em Mandira exigiu repetidas manobras do motorista da caminhonete, auxiliado pelos ajudantes da balsa. Também despertou novos “ahs” e “ohs” dos mandirenses atraídos pelo barco estrangeiro.

— Podemos esperar aqui mesmo! — disse Rui ao motorista, antes que este tivesse de se ocupar com o destino da embarcação. — Eu combinei de encontrá-los no cais. Tá vendo algum deles? Já viu o juiz? — insistiu, sem disfarçar a ansiedade pelo encontro com aqueles primos distantes.

— Tô achando que é um senhor de óculos, com a mulher de chapéu de palha. Estão do lado do bar... — especulou o motorista.

— Como achando? Não te deram a fotografia deles?

Num tô falando para o senhor? Já acenaram. São aqueles dois. Um



casal que orna muito até...

— E a filha?

— Não tem ninguém com eles, não senhor.

— Não estão com uma mocinha, de uns catorze anos? — insistiu Rui, lembrando-se de Laurita, ainda garotinha, destroçando, num piscar de olhos, o seu carrinho preferido movido a controle remoto.

— O senhor tem razão, tem uma outra pessoa com eles.

— A garota?

O motorista deu uma boa risada, e arrematou, zombando da curiosidade do rapaz.

— Aquela pessoa de vestido ali, seu Rui? É o padre!

## 11 - DE BRAÇOS ABERTOS

Padre Schultz fez questão de transformar o reencontro da família Barros com o primo vindo de longe numa comovente confraternização.

— Vamos, doutorr Barros, aperrte mais este abrraço! Que beleza! Um filho que volta ao larr! Que Deus os abençoe! — comemorava, entrelaçando os dedos emocionado, enquanto o juiz cumprimentava o rapaz.

Esperou que dona Gilda fizesse as perguntas de praxe para um viajante recém-chegado, e também lançou-se nos braços de Rui.

— Filho! Pode contarr com estes ombrros... Com esta forrça divina! — e apertava para valer as costelas do rapaz. Padre Schultz adorava exhibir sua disposição e vitalidade, sempre enfático quanto aos seus sessenta e três anos completos.

Rui ficou desentendido, por alguns momentos, nos braços do pároco. Mas bastou prosseguir em sua companhia até o sobrado para compreender que os modos exagerados do velho deviam-se aos afetos, que ele tinha de sobra.

— ... E a garota? Está bem? — perguntou Rui, fingindo desinteresse, logo que ouviu o ruído da chave destrancando a fechadura da porta.

— Oh... Muito bem... — responderam em coro dona Gilda e o juiz.

— Teve um compromisso de última hora... — acrescentou a mãe de Laurita, gaguejando e tentando afastar da lembrança a escada de pedreiro.

— Infelizmente... — emendou o juiz.

Padre Schultz não titubeou.

— Rui, carríssimo. Tua prrreira prrecisou viajarr um bocadinho por estas maravilhosas ilhas... Os manguezais, os morrretes, os sambaquis... todas estas atrações enchem de alegrria as crrianças.

— Que bom! Que ótimo! — resumiu o rapaz, incomodado com o silêncio que se abateu nos donos da casa após o comentário banal.

## 12 - A CONVERSA COM MOISÉS

O barco estava em movimento fazia quase uma hora e Moisés não abandonara o posto de timoneiro um segundo sequer. Ficavam as três amigas — Estela, Analu e Laurita — a ver navios, sem graça e sem assunto.

— Que sono que dá esse barquinho... — bocejou Analu, parecendo um dos seus bichanos, que, apesar das proibições de Moisés, invadiram o convés.

— A gente podia inventar um jogo qualquer — sugeriu Laurita.

Que tal: “Adivinhe o que vai pela cabeça da filha do juiz?” — zombou Estela, que podia prever a aflição da amiga com aquele silêncio do barqueiro.

— Querem saber... — ameaçou Laurita. — Vou puxar papo com esse garoto, de qualquer maneira.

E saiu em direção à cabine do piloto.

Já estamos chegando em Cantagalo, Moisés? — aumentou a voz, para superar o ruído do velho motor de correias.

— Cê tá louca! Nem saímos de Mandira!

— E que eu não tenho a mínima noção de distância, sabe? — mentiu a garota, tentando comover o piloto, enquanto se acomodava na cabine.

— Então, minha filha, nunca vai dirigir um barco. Aqui, tem que saber de tudo: norte, sul, leste, oeste. Posição do vento. Tem que ser matreiro. O cara tem que ser bom.

— Foi o teu padrinho que te ensinou a manejar o barco? — perguntou Laurita, tentando obter mais detalhes do relacionamento do garoto com Bugreiro.

— Mais ou menos. Eu era bem molequinho quando saí dirigindo uma joça duma traineira velha, que nem o padrinho botava prumo nela.

— Sozinho?

— Ué. Como haveria de ser. Se não tava o padrinho, tava eu e Deus. Se é que há.

— Deve ter levado uma bronca quando chegou em casa, hem?

— Tanto faz. Surra para o padrinho tem dia certo, não precisa ter razão pra dar. Um dia ele vem e pimba! Bate pela semana, sem se importar com o certo e o errado.

— Credo! E você se conforma com um relacionamento à base de ameaças? — atacou Laurita, muito adulta.

— Que é que tá falando, aí? — irritou-se o garoto com aquele discurso embromado.

— Eu só perguntei se você acha tudo bem, apanhar assim... — reformulou a garota.

— Ué. Se eu achar errado, como é que fica?

— Te manda — sugeriu ela, dessa vez imitando a fala do barqueiro.

Moisés tirou o olho pela primeira vez do horizonte. Aquela menina era esquisita mesmo. Por que estava se metendo daquele jeito na sua vida?

— E meu trabalho, hem? Pensa que não tenho um patrão pra servir, e de arrastar um bocado de peixe por semana? Pensa que é vidinha de mulher, de ir na aula e ficar de papo com as amigas?

Laurita fez de conta que não lhe importava aquele monte de impropérios contra as mulheres.

— Desculpa. Tinha me esquecido dos seus negócios com o Camaro...

— Tá aí um cara danado! Dono de tudo que é esses mangues, essas ilhotas que a vista alcança.

— Tem certeza? — duvidou ela, interessada em conhecer a opinião de Moisés.

— Ele mesmo pode te provar....

— Todo mundo vive falando dele, a cidade inteira. Fico imaginando: um cara velho, de terno branco, barrigudo. Acertei?

— Mais ou menos. — E Moisés não resistiu a uma mentirinha: — Precisa de ver ele vindo de iate, todo bem vestido, de óculos *ray-ban*. É muito chegado no padrinho. Vive no Cantagalo, tomando cachaça lá em casa.

Laurita desconfiou daquela intimidade. E lançou o primeiro desafio:

— Você me convida também, quando o Camaro vier te visitar? Convida?

Moisés ficou admirado com aquela empolgação da menina. Como ia se decepcionar. Para não perder a pose, foi dizendo:

— Ué... Se der... eu chamo.

— Jura?

— Que diabo de jurar! Não juro nem pela alma de minha mãe. Quanto mais pelo patrão!

— Tua mãe já morreu? — perguntou Laurita, fazendo-se de ingênua.

A conversa chegara num ponto delicado para o garoto.

— Melhor dar licença aí, que essa manobra é perigosa. Costuma ter banco de areia e a traineira pode virar.

Depois de algum tempo, a traineira finalmente ancorou na prainha de Cantagalo. Só que as garotas não viram nenhum sinal de habitação. Onde ficaria a casa de Tião Bugreiro no meio daquele manguezal? A paisagem não era nada acolhedora: o mar batia com violência nas pedras, deixando pouco espaço de areia seca para um banho de sol.

Analú resolveu abrir o bico:

— O tal Bugreiro pode aparecer a qualquer momento. Acho que deve tá rondando aí por essas matas. Afinal, é a casa dele.

— Não vai acontecer nada — confortou Estela, quase cochichando, para não despertar a atenção de Moisés.

— Se aparecer, aposto que vai fazer alguma maldade. Imagina quando der comigo aqui, a filha do Chico Roco! — alertou Analu, carregando as palavras de gravidade.

— Quer um sanduba? — ofereceu Estela, desviando o assunto.

— Não tô com fome, obrigada — respondeu Analu, afastando-se na direção contrária a que tomaram Laurita e Moisés. Vistos àquela distância, pareciam velhos amigos. Mas, de perto, a conversa estava inflamada:

— Como é que é o negócio? — falou o garoto, batendo as mãos e fingindo uma gargalhada.

— Se você quiser, você descobre sua mãe! Se ela está viva... se está morta... — foi explicando Laurita, disposta a abrir os olhos do garoto.

— Só eu mesmo para dar trela numa conversa dessas, cara. — Ele olhou para cima, visivelmente agitado.

— Tá bom. Tá bom. Papo encerrado. Só falei isso para você saber que é to-tal-men-te normal uma pessoa averiguar o seu passado! Botar um nome, um sobrenome nos documentos. Reclamar herança — insistiu Laurita, despejando tudo o que ouvira tantas vezes da boca do pai. Não tinha mais medo das reações do garoto.

— Olha lá, a filha do juiz botando banca! — admirou-se falsamente Moisés.

Laurita aproveitou a brincadeira para dar sua cartada final:

— Quer que eu te ajude a saber quem foi tua mãe? Topa? — verdadeiramente empenhada em alterar a situação do garoto, tão explorado pelo padrinho.

— Por que você faria isso? Só pra me mostrar que é espertinha?

Laurita resolveu que não valia a pena entrar em detalhes, só contaria pela metade:

— Não. Em troca, você me traz o Camaro aqui, bem na minha frente — desafiou arrogante. — Quero que ele me conte direitinho como comprou os manges, as ilhotas, o laticínio. Até o banco do jardim da pracinha, cara!

Moisés achou graça de verdade. Mas por pouco tempo, até ouvir um grito de Analu, avisando a todos que já não estavam mais sozinhos, que o chefe daquelas bandas aparecera. Tião Bugreiro tinha chegado

### **13 - TIÃO BUGREIRO**

A simples aparição do capataz de Camaro teve um efeito devastador no passeio de barco até Cantagalo.

— Desenrosca daí, filho dum cão! — esbravejou ele contra o afilhado, ignorando a presença das garotas na prainha, a cesta com os lanches, os chinelos de borracha.

Moisés correu desembestado até a traineira e colocou-a em movimento o mais rápido que pôde. Nem olhou para trás.

O homem deu passadas largas pelo mato até desaparecer. As três

garotas ficaram como estátuas, em pé, na beirinha d'água, esperando ver aonde ia parar a traineira. Laurita, apavorada, confirmou o que lhe contavam a respeito de Tião Bugreiro. O homem era mesmo medonho: a cara toda marcada pela bexiga preta, a barriga disforme, as calças enroladas na cintura, sustentadas por uma tira de couro que também amarrava o facão. Com o facão, ia rapando os homens daquelas terras, contava padre Schultz. A começar pelos mais antigos moradores, descendentes de índios tupis. Daí ter ganhado fama de “bugreiro”, um matador de índios.

— Não disse que ia acabar mal! — choramingou Analu, que tinha deixado pelo menos meia dúzia de gatos na traineira de Moisés.

— Calma, aí. Não aconteceu nada de mal pra gente! Pior para o Moisés, coitado... Caiu na nossa rede e ainda vai levar uma bruta surra desse “bugrão”! — concluiu Estela, revelando sua preocupação com o barqueiro.

— Credo! Parece até praga! Saio escondida e fico sem barco pra voltar. Ganho papo com o garoto e ele vai se dar mal com o padrinho. Caramba! Que cidadezinha! — maldisse Laurita.

— E pelo jeito, meninas, Moisés não vem mais nos buscar. Então, preparem-se! Teremos uma noite inesquecível na “Varanda dos Bugreiros!” — anunciou Estela, tentando levantar o humor das companheiras.

— Se ainda valesse a pena... — retrucou Analu, fazendo um muxoxo em sinal de desaprovação.

Laurita sentiu-se atingida pelo comentário da amiga, cada vez mais endurecida pela desconfiança — um sentimento despertado desde cedo na família de Chico Roco, cujo destino passava pelas ameaças constantes do facão de um capataz.

— Olha, Analu — ponderou. — Vale a pena correr o risco! Moisés conhece mais sobre o Camaro e essas terras do que nós todos juntos! Quer saber? Acho que ele foi com a minha cara...

— Desculpe — pediu Analu. — Fico tão atrapalhada no meio disso tudo.... que até esqueço. Se a gente arrancar alguma coisa do moleque, bem que vai ajudar no processo.

A água continuava a bater violentamente na pedra, fazendo espuma e provocando pequenas inundações, conforme subia a maré. As garotas juntaram os pertences, pentearam os cabelos, botaram uma roupa mais quente e começaram a torcer. Que viesse um pescador, uma lancha, um turista. Ou um herói. Quem sabe o que se passa na cabeça de três meninas numa ilha?

## **14 - TRAVESSIA ÀS ESCURAS**

— Doutor Barros, por favor.

— Momentinho — respondeu como um autômato a telefonista do fórum de Mandira, deixando dona Gilda pendurada na linha, mais uma vez.

— Fórum, boa tarde! — soou a vozinha de novo.

— Senhorita, é urgente! Doutor Barros. É a esposa dele.

— Estou passando, senhora — anunciou a moça, enquanto resmungava: — Só porque é mulher do juiz acha que a gente tem que passar a ligação na frente...

— Alô, Gigi? Aconteceu alguma coisa?

— Até agora nada da Laurita e das meninas. Não estou gostando desta história, Barros. O tempo tá virando...

— Não se preocupe. Laurita dá umas boas braçadas pelo mar e chega inteirinha. Quer apostar? — brincou o juiz, enquanto rabiscava balõesinhos na folha de rosto de um dos seus processos.

— Se você acha que não tem nada a fazer, então não fale besteiras, tá bom, Barros? Vai sobrar para mim ir atrás dessas garotas! Seu Firmino disse que elas foram com aquele mocinho, o afilhado do Bugreiro.

— Firmino? O que é que ele tem a ver com isso?

— Nada. Só veio trazer um convite para você, uma reunião de associação de não sei o que de cartórios... Então, aproveitou e disse que tinha visto as garotas, bem cedinho.

— Querida, perdoe. Depois você me conta os detalhes. Agora não dá. Mais tarde eu ligo. Beijinho — desligou o juiz, pressionado pelos olhares da secretária, com duas ligações na espera.

Dona Gilda olhou apreensiva pela janela do sobrado: uma nuvem espessa cobria o céu para os lados do mar.

— Está assustada, Gilda? Posso te ajudar? — aproximou-se Rui, que acabara de sair do banho, com bermudas coloridas e a bengala de Hoover, pronto para um giro na cidadezinha.

— Oh, querido, desculpe. Que recepção, hem!

O rapaz não concordava com aquela observação. A casa era bem espaçosa e dona Gilda o ajudara a acomodar sua bagagem gigante: livros e mapas de navegação em braile, um sem-número de instrumentos especialmente adaptados para o barco, fora os equipamentos de esgrima, esporte obrigatório desde que entrara para o curso de reabilitação. Com a esgrima, Rui restaurava aos poucos a capacidade dos outros sentidos, igualmente abalados quando da perda repentina da visão. A partir do reconhecimento da distância, direção, velocidade e destreza dos golpes, fora avivando, nos últimos dois anos, a memória dos músculos e dos movimentos.

— Quer que eu dê uma busca por essas prainhas? — sugeriu. — Lembra-se? Tenho um barco atracado no cais, superequipado. E para quem pretende atravessar o Atlântico, imagine: um passeiozinho por Mandira é tarefa das menores!

— Nem pensar. Aos poucos, você faz uma inspeção na região. Quem sabe no final das férias, aí sim, parte para as suas aventuras — falou Gilda, sem esconder um arzinho de censura.

— Calma aí, Gilda. Se você visse o meu barco, não ia pensar duas

vezes. Olha só: um dispositivo eletrônico lê com voz sintética a longitude, latitude e direção do vento. Mesmo dormindo, o barco segue em movimento, entende?

Tá bem, Rui. Num outro dia... Não hoje, que pode estourar até uma tempestade — falou Gilda.

— Tempestade? Ok, Gilda. Se isso acontecer, é só cerrar as escotilhas. Pronto! O barco ficará parecendo uma cortiça, entende? Como você acha que o Jim Dickson enfrentou uma tempestade nas Bermudas? desafiou Rui, orgulhoso dos seus heróis navegadores, igualmente cegos, que de tempos em tempos se aventuravam nos oceanos.

— Jim Dickson?

— Hum hum. Um cara de Colúmbia, cego também. Foi sozinho, com um veleiro de corrida, sem o menor conforto, Gilda!

Aquelas explicações confundiam a mãe de Laurita, ao mesmo tempo que iam minando sua resistência.

— Está bem. Vou com você.

— Nada disso. Conheci um guia superespecializado no *ferry-boat*. Você fica aí, quietinha, que eu tomo conta de tudo. Em pouco tempo, terá tua fugitiva de volta, ok? — apressou-se o rapaz, procurando os ombros de Gilda e dando-lhe um aperto brincalhão.

Pouco depois, uma multidão juntou-se no cais para ver a saída do navegador cego — todo paramentado com colete salva-vidas. Padre Schultz benzeu-se repetidas vezes abençoando aquela empreitada, enquanto o dono do cartório, Firmino, exaltava os progressos da tecnologia norte-americana.

O guia escolhido para a travessia às escuras foi mesmo Aguinaldo, o vendedor de chup-chup, que se postou ao lado de Rui, deixando que o rapaz segurasse em seu bracinho esquelético. Quando dona Gilda se deu conta de que aquele era o tal guia “superespecializado”, não dava mais tempo para evitar.

— *Bye bye*, Gilda! — acenou Rui sorridente, assumindo o comando da operação “*Save the Girls*!”

## 15 - PLANOS DE BORDO

Não foi difícil para Rui e seu guia localizar a tripulação perdida. O vendedor de chup-chup sugeriu que fossem direto para Cantagalo, onde Moisés encontraria abrigo certo para arrumar qualquer avaria na traineira. O barco de Rui, pintado com listras verde-limão e laranja fosforescentes, chamaria a atenção do mais extenuado náufrago.

Estela foi a primeira a espichar o pescoço e avistar a embarcação. Em poucos segundos, enfiaram todos os pertences nas sacolas e prepararam-se para o embarque com a água até os joelhos.

— Oi.

— Oi — disseram as três, com um aceninho inútil. Entreolharam-se,

esperando a reação de Rui, que estendeu firmemente a mão na direção de Analu. A garota mais do que depressa apertou-a, surpresa de que ele tivesse adivinhado sua posição no barco.

Dado o primeiro empurrãozinho, Estela aproximou-se com um efusivo “tudo bem” e mão igualmente estendida para o aperto. Laurita não deixou por menos e, aproveitando-se dos laços de parentesco, pegou nas duas mãos do rapaz, desfazendo-se em agradecimentos.

— Que bárbaro! Nunca imaginei que você viria nos resgatar. Foi fácil?  
— indagou, exageradamente alto.

Rui estava acostumado com aquela confusão. Não era surdo, embora muita gente resolvesse falar gritado com ele, trocando as bolas.

— Agradeçam também ao Aguinaldo. Conhece o trajeto como a palma da mão... — elogiou Rui, despertando no vendedor de chup-chup um estufar de peito, orgulhoso do serviço.

Durante o trajeto, Laurita tentou atualizar o primo com os últimos acontecimentos de Mandira — desde a sabotagem de carros, passando pelas histórias desencontradas sobre o afilhado do Bugreiro e, é claro, tecendo mil especulações sobre o processo de terras que mobilizava a cidade. Em pouco tempo, a garota confundiu a cabeça de Rui.

— Ok. A culpa foi do Bugreiro, que não voltou para buscar ninguém do passeio. Aí o Moisés chegou de repente e estragou tudo...

Nada disso — interveio Laurita, tentando encadear os fatos. — Moisés é o afilhado. Tião Bugreiro é o padrinho que afundou os carros na prainha de Mandira.

— Processo de terras, sabotagem... *My God!* Que negócio sério... E perigoso, hem! — comentou Rui, enquanto ouvia uma voz sintética dando a direção do vento. — Prefiro a costa atlântica e seus mistérios... — suspirou, cruzando os braços por detrás do pescoço e curtindo a brisa marítima do cair da tarde.

O comentário fez Laurita ficar em silêncio. Desde a aparição do primo, tinha desembestado a falar e nem tivera tempo para questões triviais. Se estava contente de vir para Mandira. Como podia ajudá-lo nas excursões marítimas. Ao perceber que fora vítima da ansiedade, encolheu-se num canto do barco, observando o rapaz. Falava num tom meio professoral e também lhe pareceu desinteressado daquela conversa de posse de terras e capatazes. O pior: devia tomá-las por um bando de garotinhas estúpidas, como as dos enlatados de tevê.

— Então, as senhoritas gostariam de me acompanhar numa expedição aos sambaquis mandirenses? — convidou Rui, louco para explorar um verdadeiro tesouro da arqueologia.

— Se quiser, posso te levar num sambaqui de quase cinco metros, um dos últimos preservados na praia dos Biguás — ofereceu-se Analu espantada, mas satisfeita, com o reaparecimento de seus gatos. — São formações de conchas enormes. E dizem que construídas pelos primeiros homens americanos... — acrescentou.

Tem um monte de sambaquis nestas ilhas... — emendou Estela. — Já



perdi a conta. E só ver um morrete de conchas, já sabe! O mar vai cuspingo cascas de ostras pra tudo quanto é lado, durante as ressacas.



*Não foi difícil para Rui localizar  
a tripulação perdida.*

— Obra da natureza? Ou arquitetura do homem? Eis aí uma polêmica

que se arrastou anos e anos sobre a formação dos sambaquis na costa americana — resumiu Rui, com alguma afetação, convencido pelos compêndios mais modernos de que havia sambaquis construídos tanto por homens primitivos e índios tupis quanto pela natureza.

— Já topei essa expedição! — adiantou-se Estela, que, para surpresa de Laurita, rapidamente ficara à vontade com Rui.

— Tem certeza de que é esse caminho? Parece que está demorando tanto... — interrompeu Laurita, que nada dissera sobre o seu desejo de conhecer os sambaquis da região, acalentado desde a chegada em Mandira e constantemente adiado pelos compromissos escolares.

Na verdade, não conseguia raciocinar direito. Estava apreensiva com as consequências de suas investidas naquele dia: a fuga pela escada, o desafio de ter um encontro com Camaro e, para arrematar, um primo gringo e cego vindo em seu socorro! O cansaço tomava-lhe o corpo aos pouquinhos, e a animada conversa sobre sambaquis foi se transformando numa melodia descompassada e distante.

— E você, Laurita? Vai me ajudar com os preparativos para a expedição? — interrogou Rui, procurando voltar-se para a direção de onde ouvira a voz da garota da última vez.

— Psiu! — recomendou Analu, com delicadeza. — Ela cochilou. Tá encolhidinha entre as sacolas...

— Tá aí uma cena que eu gostaria de ver... — disse o rapaz para si mesmo.

## **16 - O PESADELO VOLTOU**

Depois de toda a correria do passeio com as garotas, Moisés foi dormir perturbado pelas palavras de Laurita. E acabou mergulhando num pesadelo, que de vez em quando o atormentava. Uma mulher afagava sua mão. Não podia ver o seu rosto. Com uma voz açucarada ela lhe pedia que atirasse fora o facão do padrinho. Seria a mãe no leito de morte? O garoto aproximava-se para ver o rosto, mas a sombra de Tião Bugreiro inundava o cômodo. Então, sentia a pontada do facão nas suas costas de menino. Ia enevoando tudo.

— Quié moleque? Tá variando? — O padrinho abriu de súbito a janela, trazendo o clarão para o aposento: duas camas, um armário velho de roupas e uma cozinha improvisada resumiam aquela construção de barro e taipa.

— Nada, não! — Moisés acordou sobressaltado, enxugando o suor.

Pouco depois o padrinho coava o café, como todas as manhãs, enquanto o garoto ia preparando o necessário para arrastar uns pescados no mar.

— Tem algum aí pra me dá?

— Dinheiro procê, meu velho? Tenho não. Só pra semana, que o homem anda sumido...

— Diabo de patrão esquisito o Camaro, padrinho, que eu nunca vi dando as caras por aqui — retrucou Moisés, indignado.

— Ué. Por que haveria de?

— Chama ele aqui, ué. Num é o senhor o homem da ordem nestas bandas? — disse Moisés, apelando para os escrúpulos do capataz. — Num é o senhor que bota o facão na goela dos caras pra proteger as terras dele?

Tião Bugreiro tentou afastar aqueles pensamentos da mente.

— Deixa de besteira, moleque! — E arrancou do bolso algumas notas, esquecendo-se de que acabara de negar dinheiro ao afilhado. — Aqui, ói... O homem paga bem.

— Num tô duvidando. Queria só ver a panca dele aqui, tomando uma cachaça qualquer hora dessas. Que mal há nisso? — O garoto voltou-se para o Bugreiro, na expectativa.

— O tubarão? Aqui nesta maloca? — Tião esboçou um sorriso, sem esconder que aquela imagem o agradava.

A conversa continuou durante toda a pesca, e foi ganhando contornos mais espetaculares. Moisés insuflava o tio a dar uma demonstração de poder para toda a cidade. Todo mundo ia saber que o iate de Camaro encostara lá no Cantagalo. Que era dia de festa para os “bugreiros”.

— Num tô dizendo? — falava Tião. — Que o cabra que fica longe das letras vai saindo muito mais esperto? Chego e digo: “Quero o tubarão lá na maloca”! Ué! Maneira duma recompensa! Seu Firmino é homem de palavra. Traz o homem aqui, se fizer gosto. Ele vai achar muita graça disso...

O menino espiava o prazer do padrinho, tão raro, ainda mais quando era um assunto assim, demorado. Em geral, Bugreiro cortava as conversas com uma praga qualquer, um deixa disso. Moisés já se imaginou procurando a filha do juiz e dizendo tintim por tintim. A hora e o dia marcado para o encontro com Camaro. Então iria ver se a garota cumpria o prometido. Queria acreditar que, fuçando nas leis e nos papéis da Justiça, ela bem que podia arrumar um rosto e um nome para aquela mulher, pondo fim aos pesadelos.

## **17 - ROTAS ALTERADAS**

No dia seguinte à chegada do primo Rui, o juiz apareceu em casa mais cedo do que de costume. Livrou-se depressa do terno e da gravata, enfiando-se num agasalho de ginástica. Em seguida, tratou de chamar a filha para mais um “revezamento”, com novos comentários de leis e portarias debaixo do braço.

A garota atravessava o corredor, arrastando a bicicleta ergométrica.

— Aonde vai com isso? — perguntou ele, espantado com a movimentação da filha.

— Estou desentulhando um pouco a sala de ginástica... — Laurita respirou com dificuldade.

— Podemos praticar ao ar livre — sugeriu o pai. — Sua mãe vai ficar radiante!

— Agora não, pai. Vou ajudar o Rui com os exercícios de esgrima...

— Esgrima? Uau! Esse rapaz é mesmo surpreendente... — comentou o magistrado, meio decepcionado com a alteração dos planos. O cotidiano da família começava a sofrer uma revolução, pressentiu.

Mais tarde, foi novamente o juiz quem tomou um pito ao ligar a tevê na novela das oito. Nem pensar. A partir daquele dia, Estela, Analu e padre Schultz passaram a fazer visitas pontuais, para conhecer melhor o novo hóspede e experimentar cada um dos instrumentos adaptados para facilitar a vida do rapaz, como a régua para a escrita em braile e o relógio de ponteiros salientes, cujo vidro tinha de ser aberto antes de consultar as horas.

Debruçados sobre os mapas de navegação, os convidados começavam a conhecer melhor os modernos veleiros, familiarizando-se aos poucos com nomes como “*cruiser*”, “*spool*”, “*spinnaker*” e com siglas de localizadores portáteis eletrônicos, capazes de fornecer a posição de qualquer coisa em qualquer lugar do mundo, em qualquer momento!

A tecnologia ocupava as horas dos ouvintes. Tudo era novidade e servia, ao mesmo tempo, para suavizar a vida de Rui. Afinal, alguns objetos daquela parafernália que ele custara a aceitar no curso de reabilitação despertavam o interesse dos amigos.

Sem a intenção de estragar a animação dos convidados, o juiz aproveitou que todos estivessem presentes para surpreendê-los com um veredicto:

— Não tenho nada contra a ideia de uma expedição aos sambaquis — começou, depois de ter ouvido pedaços de conversa com o novo hóspede. — Acho uma grande oportunidade de vasculhar nossas origens. Sem acordar os mortos... é claro! — tentou fazer uma piada, referindo-se aos restos mortais descobertos por arqueólogos nos sambaquis.

Os ouvintes aguardavam o término do discurso do juiz, impacientes. Doutor Barros tratou de ir direto ao ponto:

— Porém, meus caros... — Apertou um pouco os olhos, incomodado pelas lentes de contato, e declarou como nos tribunais: — O nosso nobre navegador deverá ir acompanhado de um copiloto, experiente em navegar por estas ilhas. Tenho dito. E não vou deferir qualquer apelação contrária em defesa do réu! — concluiu brincalhão.

Rui tentou esconder a irritação. Algumas léguas percorridas pela região já lhe haviam ensinado o suficiente. Tinha perdido a visão, mas não a capacidade de manejar um barco computadorizado — aliás, coisa que fazia desde os doze anos na companhia do pai, outro aficionado por regatas transatlânticas.

— Se o doutor faz questão... ok. Mas garanto que, em Mandira, nenhum barqueiro vai entender um só comando daquele painel.

— É uma ótima oportunidade de ensinarr a nova tecnologia da navegação parra um outrro companheiro de viagem! — arrematou padre

Schultz, efusivo demais para acalmar os ânimos feridos de Rui.

Laurita, Estela e Analu entreolharam-se, igualmente incomodadas pela intromissão do juiz. Mas foi Laurita que condenou qualquer chance de revisão da sentença:

— Credo, pai! Assim o Rui pega as malas e vai embora! Se você não confia...

Doutor Barros ficou muito vermelho com a provocação da garota, mas não perdeu os bríos de magistrado.

— O Rui me parece responsável e dedicado. Mas não diria o mesmo da sua tripulação. — Olhou intrigado para Laurita, deitada no chão sobre uma almofada, vestindo uma camiseta dois números maior que o seu, com o desenho do “Piu-Piu”, um passarinho dos desenhos animados. O olhar do juiz manteve-se inquisidor; derramou-se em Estela e no seu prendedor gigante de cabelo, à maneira das apresentadoras de programas infantis de tevê. Finalmente, provocou desconforto na “generalíssima” Analu, que se ajeitava no sofá com um vestidinho forrado de pelos.

## **18 - CORAÇÃO PARTIDO**

Na sorveteria, todos os rostos se voltaram para a porta quando Moisés, timidamente, acenou para Laurita, que ficou muito surpresa com o aparecimento repentino do garoto, dois dias após tê-la abandonado com as amigas no Cantagalo. A menina vestia uma túnica indiana, esquecida no armário da mãe, que desde a década de 70 tinha grande apreço por esses lados do mundo.

— É jogo rápido... — adiantou-se ele, como que justificando sua estranha presença naquele lugar. Ao mesmo tempo, sentia-se aliviado por encontrar a garota sozinha.

— Tudo bem — respondeu Laurita, num sorriso de boas-vindas.

De pé, sem saber o que fazer com os braços, para onde virar o pescoço, de tão acostumado a ter um timão, uma rede, um palito de dentes a distrair seus movimentos, o garoto, quase arrependido pela investida, foi logo resumindo:

— Daqui alguns dias te trago a data certa do encontro... O padrinho vai combinar direitinho com o homem...

A menina perdeu algum tempo para rearticular as ideias. Andava tão envolvida com a expedição do primo que sua primeira reação era convidar Moisés para acompanhá-los. Por que não tinha pensado antes: um barqueiro experiente como ele seria um guia perfeito!

— Hum hum. Pode marcar... Você me avisa um dia antes. Inclusive, eu estava pensando que você seria um ótimo guia para nossa expedição aos sambaquis. Ouviu falar do meu primo, o rapaz cego? Então, ele também é navegador...

— Expedição? Pera aí, garota... Eu tô falando dum negócio sério. Você não queria era se encontrar com o Camaro? Não queria perguntar coisas pra ele?

— Claro! — disse ela sem graça, percebendo que tratara com pouco interesse os esforços de Moisés em atender seu pedido.

— Claro? É isso que você tem para falar? E eu, uma besta mesmo, fui aporrinhar o padrinho que, a estas alturas, tá combinando tudo com o Firmino.

— Desculpa, Moisés. É que eu pensei que a gente podia falar melhor sobre isso na expedição aos sambaquis, enquanto você ia pilotando com o Rui...

— Que mané concheira... — desdenhou o rapaz, para quem os sambaquis não passavam de um amontoado de conchas marítimas.

— Desculpa, mais uma vez — insistiu Laurita, preocupada com aquela expressão do rapaz, agora cabisbaixo, distraído-se com um palito amassado.

— Tô me mandando. Tchau! — Moisés saiu gingando o corpo, arrastando os pés nas pedras quentes da pracinha.

Laurita largou a taça de sorvete e correu atrás dele:

— Moisés, volta aqui!

O garoto atendeu o chamado só para lhe fazer uma última advertência:

— Ah! Avisa o teu primo que o sambaqui dos Biguás fica nas terras do Camaro. Que lá, ele nem bote os pés.

## **19 - NA ESTACA ZERO?**

Ainda sob o impacto do recente encontro com Moisés, Laurita reuniu-se com Analu e Estela em seu quarto, a portas fechadas.

— Firmino? — espantou-se Analu, interessadíssima naquela revelação feita por Moisés.

Pois é. Só depois que ele foi embora que eu me dei conta. Ele disse “o padrinho vai combinar com o Firmino”... uma coisa assim — Laurita contou, procurando acalmar-se.

— E o que isso tem de mais? — perguntou Estela, entretida em experimentar os chapéus da mãe de Laurita em frente ao espelho, combinando suas múltiplas facetas de mulher. Toda vez que ia à casa da filha do juiz aprendia um pouco com a elegância de dona Gilda.

— Eu que pergunto! O seu Firmino vive falando tão mal do Moisés, mas no fundo se dá com eles...

— E agora? — apressou-se em indagar Analu, acostumada com as ideias intempestivas de Laurita.

— Agora? Eu botei tudo a perder — lamentou-se a garota, estirando-se na cama ainda desarrumada do quarto.

— Vai atrás dele! — encorajou Estela.

— Acho que foi a primeira vez que magoei um cara. Juro. O olhar

dele... ficou tão sem graça... — recordou-se Laurita, buscando na memória os detalhes do episódio.

Estela viu através do espelho o rosto acabrunhado de Laurita. Que sentimentos a amiga tinha pelo garoto? Aflita, o coraçãozinho da menina pulou forte com a suspeita.

Duas batidas suaves na porta fizeram as três amigas mudarem de assunto, para despistar aquele interesse por Moisés.

— Quem é? — adiantou-se Laurita, enquanto fazia sinais para Estela enfiar os chapéus no maleiro do armário.

Não houve resposta.

— Espera só mais um pouquinho!... É você, mãe? — perguntou, tentando ganhar tempo para esticar os lençóis. Para dona Gilda, uma cama desarrumada espalhava desolação por toda a casa.

— Não se incomodem... Volto mais tarde. — A voz de Rui, como uma senha, alterou a movimentação das garotas, que trataram de abrir imediatamente a porta.

Informaram o primo Rui sobre o episódio na sorveteria. O rapaz nem bem terminou de ouvir e já entabulou uma saída.

— Fácil! — disse, dando uma batidinha com a bengala no soalho de madeira. — O garoto não mandou um recado malcriado para mim? Que eu não pisasse nas terras do Camaro? Então... Eu mesmo irei pedir permissão! Ele vai se sentir importante... “Quem ousaria pisar nas terras do Camaro sem a sua autorização?”, direi com toda a ênfase.

— Você aproveita e pede que ele seja teu copiloto na expedição. Tá lembrado? Papai faz questão...

Esse assunto ainda aborrecia Rui, mas já que teria de fazer um apelo ao barqueiro tacanho... Um a mais não faria muita diferença, raciocinou, seduzido pelo ânimo das meninas.

— Tem razão. Isto evita maiores transtornos — convenceu-se Rui.

Laurita ficou tão excitada com a contribuição do primo e seu desejo de ajudar naquele processo de terras que apertou-lhe o rosto e encheu-o de beijos estalados. Rui ficou pasmo com a atitude da garota, sem conseguir decifrar a origem daquele afeto. Não queria tornar-se um bom conselheiro de casais, unindo a filha do juiz ao enigmático barqueiro. Mas aquela explosão o agradava.

## **20 - A SETE CHAVES**

Padre Schultz ficou imensamente alegre com a presença da filha do juiz e suas amigas na sacristia, ao final da missa de domingo. A menina havia sugerido um encontro em território seguro. Estava na hora de padre Schultz dar o seu dízimo na investigação sobre a origem de Moisés. Quem melhor do que o próprio protetor do garoto?

Um cafezinho quente — em lugar do vinho sagrado — aguardava os na mesinha secular, onde canequinhas de ágata faziam par com a imagem

de madeira de Santo Antônio. O santo, acostumado a tomar conta de lugares e dar busca a objetos perdidos, vigiava aquele súbito interesse de três jovens por um velho padre alemão. O que procuravam?

— Há dezesseis anos, na celebração da epifania, popularmente chamada de Dia de Reis, coloquei nesta pia batismal um menininho frágilíssimo e implorrei ao homem que me trazia o cesto que lhe dessemos um nome... Moisés! E assim foi feito...

— Mas o senhor não fazia ideia de quem eram os pais do bebê? Nenhuma mulher tinha tido uma criança naqueles dias? — disparou Laurita, com esperança de obter alguma pista que a ajudasse a recuperar a confiança de Moisés.

O padre pediu um minutinho de folga daquele inesperado interrogatório e dirigiu-se a uma das beatas, fazendo a voz ecoar pela igreja. Paredes nuas, pé direito muito alto, a igreja de Mandira fora construída quatro séculos antes, tendo sido um forte durante as invasões estrangeiras, no período colonial. As janelas eram compridas e estreitas, esculpidas como cunhas nas grossas paredes, de modo a permitir o lançamento seguro de flechas por colonizadores e tupis.

— Perdoem-me... É que pedi para dona Frida providenciar um majestoso altar de flores para a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Que maravilha! — suspirou o padre, desviando-se do assunto.

— Padre... O senhor tem que me dizer — suplicou Laurita, tentando tirar um coelho daquele mato. — Quem sabe uma mulher nova na cidade, por exemplo, teve seu filho às escondidas...

— Minha filha, meus amores... Ainda que este pastor soubesse de alguma coisa, em segredo de confissão, como poderia revelar? Como ajudar uma pobre criança, enquanto mantém seu voto de silêncio? Oh! Altíssimo! — suspirou o padre. Seus olhinhos ficaram estranhamente úmidos.

Na despedida — sempre efusiva do padre Schultz, com vivas ao Senhor, bênçãos e apertões nas mãos — uma última palavra serviu de sinal para as meninas.

— A mocinha... — ele se dirigiu à filha do juiz — ainda não conhece o arquivo de jornais do *Correio Mandirrense*! Uma beleza de arquivo, tudo muito catalogado pela senhora Domitila... — proclamou, fingindo desinteresse e dando a conversa por encerrada. — Que o Senhor vos acompanhe!

## 21 - ATÉ PARECE BANGUE-BANGUE

A semana começou agitada para os mandirenses, especialmente as partes envolvidas na disputa de terras. O juiz tinha acabado de fazer um despacho que trazia otimismo para Chico Roco e os demais pescadores. É que o magistrado acatara o recurso do advogado, colocando sob suspeita a veracidade dos documentos apresentados nos autos do processo. Anunciou que ia nomear peritos de confiança para analisar documentos, medir as terras, conferir cada palmo e alqueire em questão. E o mais importante: um



perito se encarregaria de fazer exames grafotécnicos das assinaturas apresentadas. Até mesmo a de Ivan Camaro.

— Quero ver o doutor Camaro sentadinho lá no fórum, de frente para a folha em branco... — torceu o advogado, embriagado pela vitória parcial no processo.

— Padre Schultz já sabe? — indagou Chico Roco, inaugurando um sorriso no rosto. Fazia tempo que o homem não tinha uma alegria. Até a voz amansava o tom.

— Pode deixar. Daqui a pouco a notícia se espalha...

— E os tais peritos?

— São os técnicos nomeados pelo juiz, homens de confiança dele, gente especializada! — fez questão de frisar o advogado, animado com aquela nova realidade. — A prova pericial!

— E quando vem essa gente para Mandira?

O advogado coçou a cabeça.

— Isso depende do juiz. Ele disse que as diligências seriam *in loco*.

Mesmo sem entender que aquelas diligências recomendadas pelo juiz nada tinham a ver com as carruagens dos filmes de banguê-banguê, Chico Roco passou toda a conversa adiante para os demais pescadores, até criar uma corrente de mal-entendidos:

— Agora, gente... — concluiu o pescador de idade avançada, com o pescoço fino e enrugado — é só aguardar seu Perício!

## **22 - PAPÉIS, GATOS E ALERGIAS**

Seguindo os conselhos do padre, Laurita saiu às ruas na segunda-feira e foi dar bem na frente do arquivo do *Correio Mandirense*, periódico que já completara dois séculos de existência. Um lembrete rabiscava a capa do bloquinho que trazia nas mãos:

### **6 de janeiro de 1977. Batizado de Moisés.**

Para encontrar a data, bastara apenas verificar o Dia de Reis no calendário de festas religiosas e fazer uma conta muito simples de subtração. No entanto Laurita apertava o bloquinho como se escondesse um tesouro.

Respirou fundo e invadiu a recepção, dando dois beijos no rosto de Estela, que já a esperava.

Estela só foi contar sobre sua alergia a livros e jornais velhos quando estava bem atrás de uma pilha enorme de periódicos. Dona Domitila, responsável havia vinte anos pela organização da hemeroteca, exalava um forte cheiro de suor que, misturado à poeira acumulada nos papéis, ia pressionando o delicado nariz da garota.

A hemeroteca ficava no porão de um casarão colonial. Através do basculante de vidro viam-se os pés de quem atravessava o passeio: descalços, sobre sandálias de couro, botinas velhas, arrastavam-se - quase

sempre — movidos pelo calor e pela falta de ânimo que abatia os mandirenses, logo após o almoço.

— Estou sem ar! Abre esse vidro, senão eu sufoco!

— Um minutinho — solicitava Laurita, entretida com as fotos de solenidades, bailes e congêneres nas colunas sociais do jornaleco.

— Acho que vou dar uma saidinha...

— Pera aí! — Laurita botou força no puxador enferrujado. O basculante estava emperrado. Continuou empurrando até dar um golpe definitivo, que demonstrava o vigor daqueles músculos em exercício. Ao deslocar a alavanca, teve a sensação de estar abrindo a única passagem de um velho esconderijo: uma invasão procedeu-se dali para frente. Os gatos amestrados de Analu entravam com saltos espetaculares, botando dona Domitila em verdadeiro estado de choque. Para completar, uma forte ventania vinda do oceano misturou-se à poeira das calçadas, levando pelos ares alguns anos de dedicado trabalho de catalogação.

— Socorro! Santa Maria Mãe dos Navegantes! — implorou Domitila, posta de joelhos, diante do vendaval de cadernos que se desfaziam, divorciando notícias para sempre de sua continuidade.

Os bichanos estavam rebeldes. Sem a presença de Analu, tornava-se impossível detê-los naquela patinação sobre pilhas de papéis que ameaçadoramente tremiam, pressionadas por unhas afiadas e patas deslizantes...

Pára de espirrar, Estela. Não complica mais! — agitava-se Laurita, tentando ao menos salvar a ordem dos periódicos datados do ano daquele misterioso nascimento.

Estela usou a barra da saia para proteger o nariz de outros odores mais malignos. Antes as pernas à mostra do que uma crise de rinite alérgica para o resto da noite, pensou.

Analú entrou apressada, botando a gataria para fora em dois comandos, desta vez “chhhhip” e “chôôôoo”. Mas o velho basculante, uma vez aberto, teimava em voltar ao seu estado natural, botando a hemeroteca de ponta-cabeça.



— Socorro! Santa Maria Mãe dos Navegantes! — implorou Domitila,  
tentando salvar os papéis que voavam.

— Desculpa, dona Domitila. Mas não fecha nem a pau — comentou Laurita, com um sorrisinho sem graça.

A mulher chutou enfurecida algumas pilhas de jornais. Chorava, rezava, suplicava. Em vão. O basculante continuava implacável. O vento, também.

Dali a instantes, do lado de fora, cobertas de pragas, maldições e juramentos para que nunca mais lhe aparecessem pela frente, Laurita, Estela e Analu abanaram-se. Estranho. Um calor danado na calçada. Nenhuma brisa para refrescar.

### **23 - MANDIRA, URGENTE!**

A visita ao arquivo de jornais mandirenses não foi de todo em vão. No meio daquela confusão de gatos e papéis, Estela acabou escondendo na mochila uns dois ou três exemplares dos periódicos, só para vingar-se dos xingamentos de dona Domitila. Foi o que Laurita descobriu, logo que desabaram no banco da pracinha, seguidas pelo exército felino.

— Estela, você é maluca? Como pôde fazer uma coisa dessa? Isto é um arquivo de memória da cidade...

— Calma, Laurita! Depois eu devolvo tudinho. Eu só queria dar umas espiadas nuns artigos, porque no meio daquela ventania é que não ia dar pé...

— Me empresta um deles, então? — reconsiderou Laurita.

— Aqui vai dar na vista. Dona Domitila enforca a gente! — sorriu Analu, que aceitou o convite de ir até a casa de Estela. Lá estariam seguras para examinar os papéis.

A casa se achava em silêncio e, no último quarto do corredor, vovó Nenette aprontava-se em frente ao espelho para um espetáculo imaginário, no seu eterno e solene ensaio de ópera.

— Essa aqui é novidade para mim! — anunciou Analu, apontando para a manchete de um jornal de 1978:

#### **Incêndio devora cartório de registros e notas.**

— Já tinham ouvido esta história?

— Imagine as certidões do povo indo para o beleléu... — comentou Estela, mais interessada nuns figurinos da época, com batas indianas e calças de algodão cru.

Laurita debruçou-se sobre o jornal separado por Analu e ambas ficaram surpresas com o que descobriram.

— Escuta só! O dono do cartório em chamas era o pai do seu Firmino. Quer dizer que o cartório é um negócio de família?

— Deve passar de pai para filho — supôs Analu, imaginando as escrituras de terras sendo arquivadas por Firmino Pai, Firmino Filho e Firmino Neto: os mesmos ternos escuros, a mesma água de colônia.

— Tá aí um bom jeito de chegar no seu Firmino — concluiu Laurita.

— “Bom dia, seu Firmino. Que prazer em vê-lo! O senhor podia dar uma mãozinha... É uma tarefa da escola, sim, senhor... A propósito, o senhor conhece bem o Tião Bugreiro, não é?... Ai... Imagine... Só por curiosidade...” — ensaiava, desfilando pela sala com a manchete do jornal mandirense.

— Você teria coragem de cutucar aquele homenzinho chato? — duvidou Estela, achando a pantomima da filha do juiz muito engraçada.

— Não tem nada de mais. Umas perguntinhas sobre os negócios da família, os documentos do cartório incendiado. Nada mal, hem? — sorriu Laurita, animada com o novo rumo dos acontecimentos. Afinal, por que é que Tião Bugreiro tinha de pedir permissão de alguma coisa para o Firmino?

O bailado em volta da mesa de jantar acabou numa coreografia atrapalhada, em que as três garotas misturavam passos do balé tradicional com exercícios de ginástica de solo. Ao fundo, a voz sumida de vovó Nenette repicava a mesma ária da ópera de Verdi: “*La donna è mobile...*”

## 24 – É PRAGA CERTA!

Era só Rui sentar cinco minutos no banco da pracinha de Mandira, folgadoamente, que Aguinaldo, o vendedor de chup-chup, aparecia para oferecer seus préstimos de guia. O rapaz ajeitava os óculos escuros, compunha-se, e se deixava levar pelo molequinho, sempre cheio de novidades da cidade. Tudo vinha parar na ponta daquela língua afiada.

— Direto pro ancoradouro?

— Antes, uma chegadinha no bar. Estou procurando uma pessoa...

— Posso saber?

— Claro! É o afilhado de Tião Bugreiro.

— Ah! O Moisés. Nessas horas sempre no dominó. Eta cara de sorte. Outro dia limpou a mesinha de fichas numa horinha só! Tem os que dizem que ele, ó... — contou o menino, fazendo o movimento típico com as mãos de quem denuncia um furto.

— Ó? Ó o quê, moleque?

— Ih! Eu me esqueço da sua cegueira. O senhor nesses oclinhos... Nem parece, ué. Ninguém nem diz — Aguinaldo falou sorridente. — Dizem é que ele rouba, né? Menino matreiro.

De repente o molequinho obrigou Rui a acelerar o passo.

— Num é que falando do diabo aparece o rabinho dele?

— Que tá dizendo aí, menino? — estranhou Moisés.

Rui ouviu uma voz de garoto, ainda em formação, com aquela rouquidão que desafina um bocadinho.

— Posso pedir um favor? — adiantou-se então, muito formalmente, desarmando o barqueiro.

Moisés teve uma emoção esquisita. Não tinha dúvida. Era o tal primo cego. Não fazia ideia que fosse tão novo e forte.

— Pois não, moço — resignou-se a ouvi-lo.

Rui pigarreou. E começou a desfiar um discurso digno dos diplomatas em conferências da ONU: muito para impressionar; pouco para se fazer entender:

— Você deve estar ciente de nossa intenção... quero dizer, de minha prima, de suas colegas e minha... de empreender uma expedição aos sambaquis da região de Mandira. Nada que extrapole o puro interesse empírico! — enfatizou Rui, tentando imaginar no olho da mente a cara de espanto do barqueiro.

— Que é que eu tenho a ver com o negócio? — estranhou Moisés.

— Recebi de minha prima o seu recado. Que dependemos de uma licença sua para entrar nas terras dos Biguás. Laurita acredita que na sua companhia, durante a expedição, estaremos seguros... Pode até me auxiliar, quem sabe, no manejo do barco. É sempre bom, para uma eventualidade ou outra — considerou Rui, empostando a voz..

— Vamos por partes — pediu o garoto. — Eu mandei mesmo o recado! E daí? Só disse o dito e feito. As terras são do homem, melhor não cutucar...

— Então. Se você aceitar nosso convite, podemos partir em segurança. Afinal, Laurita já me falou que você tem boas relações com o Camaro.

O moleque não podia voltar atrás.

— Tudo bem. Pode explorar as concheiras. Mas que é que eu tenho de ir também? No teu barco? Ué? Não pode se virar com o Aguinaldo, mesmo? — Apontou para o garotinho, tentando acabar o mais rápido possível com aquele palavrório.

— Vai recusar o meu convite? Já soube que você é um barqueiro experiente... Contava ao menos que ficasse de prontidão para qualquer avaria no barco, algo externo, que os computadores não podem resolver...

Moisés sentiu-se pressionado. Negar pedido de um cego parecia prometer-lhe desgraças inúmeras. Acreditava nesses poderes sobre-além.

— Feito. É só mandar o Aguinaldo me achar... — acabou dizendo.

Ressabiado, esperou que a dupla se afastasse alguns passos e assobiou para o guia, trazendo-o de volta na corrida.

— Diz logo, que eu tenho que levar o moço pra preparar o barco... Tá indo tarde — o vendedor de chup-chup se fez de importante.

— O tal aí é gente de confiança?

— Tá com medo de quê?

— Nada, ué. Só fiquei espremido nesse negócio de expedição. Ia dizer não? Depois me cai um raio no meio da testa e tô eu, amanhã ou depois, sem luz... Dizem que é praga certa negar lume a cego!

— Fica com medo, não. O Rui é muito estudado. Rapaz de maior, habilitado na direção de barcos, até...

— Só o que me faltava... — resmungou Moisés, que, no fundo, já estava contando as horas para espiar aquele painel do barco de Rui, com luzinhas coloridas, setas de toda espécie, botões com decalques...

## 25 - CONTATOS DE PRIMEIRO GRAU

Na véspera da expedição, Rui fez questão de que Laurita o ajudasse a conferir cada equipamento que ia selecionando para a travessia até os Biguás. A garota os empilhava sobre a cama do primo. A lista já estava no fim.

— Colete salva-vidas.

— Colete salva-vidas.

— Bússola de pulso.

— Bússola de pulso.

— Respirador e nadadeiras...

— Ué? Quem vai mergulhar? — interrompeu Laurita.

— Sei lá. Se alguém resolver... É sempre útil levar, ok?

— Tudo bem. Mas acho um exagero.

— Lanterna.

— Mas a gente não volta de dia?

— Assim não dá, Laurita. Não vou ter que te explicar cada um dos equipamentos, caramba! — reclamou Rui, concentrado na preparação da viagem.

— Só acho que a gente não vai caber no barco, com tanta tralha...

— Você chama isso de tralha?

— Desculpa... — pediu Laurita, um pouco cansada daquelas regras que Rui estabelecera para o sucesso da expedição.

— Tá faltando alguma coisa... Ah... Pegue o mapa da região — ordenou o rapaz.

— Isso nem precisa. O Moisés e a Analu sabem de cor e salteado o caminho. E também esses negócios em braile são gigantescos, né?

— Você tem razão. *Stop*, Rui — ele disse para si mesmo, largando-se na poltrona do seu novo quarto de dormir.

Laurita ficou sem ação. Pensou ter aborrecido o rapaz com suas observações. Levantou-se, abriu a persiana e deixou entrar claridade no cômodo. Sentou-se, um pouco tímida, numa cadeira bem em frente ao primo.

— Está quietinha, por quê?

— Só estava pensando como vai ser legal fazer a excursão com todo mundo junto — ela mentiu.

— E por que está tão cansada?

— Eu? — fez Laurita, surpresa, já que se sentia realmente exausta naquele fim de tarde quente, sem uma única brisa do mar.

— Posso ouvir sua respiração.

— Superpoderes de Demolidor! — a garota brincou pouco à vontade, referindo-se ao advogado cego Matt Murdock das histórias em quadrinhos.

— Nada disso. Só tive que aprender a ouvir com atenção. Como um detetive...

Rui tentou arrastar a poltrona para ficar mais perto da garota. Ela não o ajudou. Temia tratá-lo com compaixão. Até porque admirava o esforço do rapaz em tornar-se independente no cotidiano. Em tão poucos dias de permanência, ele parecia conhecer cada palmo do pequeno quarto, enquanto ela vivia esbarrando nos móveis.

— Vá descansar um pouquinho! Eu cuido disso mais tarde — disse Rui, juntando as mãos da garota nas suas, com delicadeza. Mãozinhas rechonchudas, muito lisas e que transpiravam naquele contato.

Laurita sacudiu a mão do rapaz como se o cumprimentasse, desajeitadamente.

— Até logo — apressou-se em falar, invadida por novos sentimentos.

No espelho do corredor pôde ver: estava vermelha, arfava um pouco e o cabelo escorregava pelo rosto.

## **26 - OU BEIBE, OU AILOVIU...**

Como um amontoado de conchas podia estar lá, na praia dos Biguás, fazia cinco mil anos pelo menos? Era o que Laurita queria ver de perto na expedição. Tinha passado horas com Rui pesquisando alguns livros sobre os sambaquis mandirenses, e estava entusiasmada só de pensar que os restos de mariscos serviram de cemitério e até mesmo de moradia para os primeiros habitantes do continente. Algumas dessas edificações de conchas chegaram a atingir trinta metros, como arranha-céus primitivos. Agora restavam alguns montinhos de no máximo cinco metros, sobreviventes da devastação promovida neste século.

— Já avisei o Rui. Da próxima vez quero ir no sambaqui, também. A arqueologia sempre foi uma das minhas paixões. Foi minha segunda opção no vestibular, sabiam? E pra dizer a verdade, desde menina eu fuçava as enciclopédias de meu avô à cata de notícias sobre escavações... — recordou-se dona Gilda, a última a sentar-se à mesa para o jantar.

— Que eu me lembre, você começou a gostar de arqueologia depois que assistiu ao Indiana Jones... Ou foi aquele filme de dinossauros? — zombou o juiz, acariciando o rosto da mulher.

— Que horror, Barros! Você fala como se soubesse tudo o que se passou na minha vida inteira. O que eu gostei, como, quando, onde e por quê. Engana-se, querido. Cada pessoa tem seus mistérios, insondáveis.

— Muito bem. Retiro o que disse — considerou o juiz, impressionado com o silêncio da filha. — Tá doente, filhota? Triste? Arrependida?



— Cartório é um negócio de família? — perguntou Laurita, que se lembrou de esclarecer essa questão com o juiz.

— Até a Constituição de 1988, acabava passando de pai para filho. Não por ser um negócio de família. Mas porque o tabelião podia nomear quem quisesse para seu sucessor. Era natural que fosse um filho, o neto, um parente.

A garota ouvia a explicação, entretendo-se com o guardanapo de papel. Apesar da displicência da filha, o juiz continuou.

— Hoje, minha cara... Só por concurso público, preenchendo uma série de pré-requisitos... Mas por que isso preocupa você?

— Passa o sal, por favor — a garota pediu à mãe, com os olhos fixos no prato de salada.

— Algum problema com fotocópias, escrituras, registros?... — insistiu o juiz, tentando arrancar um risinho da filha.

— O Rui não vai descer, mãe?

— Não. Prefere jantar mais tarde. Prometi que levo lá no quarto.

— Laura! — O juiz irritou-se com a indiferença da filha e quando isso acontecia chamava-a pelo nome de batismo.

— Oi, pai — ela falou sem se alterar.

— Você fez uma pergunta. Eu te dei uma resposta. E pronto?

— Hum hum. Era só curiosidade. Ou eu preciso explicar os motivos?

— Laurita acrescentou com ironia.

— Longe de mim obrigá-la a isso...

O juiz engoliu a comida rapidamente e foi fechar-se no escritório. Enquanto ele saía, dona Gilda ficou bem quieta, na cabeceira da mesa. Nem insistiu como de costume para que o marido ficasse mais um pouco, que esperasse um cafezinho. Depois levantou-se, foi até a porta do escritório como a certificar-se de que o marido não retornaria e então voltou à mesa.

— Não entendo você, minha filha. Primeiro passa os anos como que grudada em seu pai, vai ao fórum, faz *cooper*, ginástica, lê manuais jurídicos. E, de repente, parece que esqueceu que ele mora aqui — censurou-a, com voz firme.

— Mãe! Não é verdade! — Laurita reagiu indignada.

— Se você não quer dar o braço a torcer... Mas desde que seu primo chegou...

— Pára com isso, tá legal? — A garota saiu da mesa empurrando a cadeira com violência, martelando os pés na escada de madeira, batendo a porta do quarto. Enfim, todos os barulhos para dizer que estava com raiva. Chegou mesmo a ligar o rádio, no último volume, e, imitando a voz estridente de uma popstar americana, esgoelou-se em inglês, num ritmo frenético de “*ôu beibe ôu ailóviu*”, até esquecer aquela cena.

## 27 - BARCO À DERIVA

Moisés avistou de longe a tripulação do barco reluzente de Rui.

Além dos viajantes, vinham também padre Schultz e dona Gilda, prontos para o ritual de despedidas. Laurita estava acostumada com o tratamento de filha única. E Mandira era um lugar propício aos ajuntamentos. Ao menos nesse pormenor, a família Barros combinava com os hábitos da cidade.

— Tá levando filtro solar, filha? Toalha? Um hidratante... É sempre bom.

— Botei tudo aqui dentro — disse Laurita, apontando para uma mochila gigante que levava às costas para não congestionar ainda mais o convés atulhado de coletes salva-vidas, nadadeiras etc.

— Ai meu Deus! Me esperem aqui! É só um pulinho para comprar um filme de trinta e duas poses... — agitou-se dona Gilda, atrasando mais a partida.

Padre Schultz fez o sinal da cruz. Respingou água benta sobre a embarcação.

— O melhor seguro de vida é a fé em Deus! E em Nossa Senhora dos Navegantes! — proclamou, amainando a voz e movendo os lábios intensamente, com orações sussurrantes.

Analú pulou para dentro da embarcação com a ajuda de Estela — ambas levavam apenas o essencial para algumas horas de sol e estômago vazio.

— Chhhip! — ordenou Analú, limitando o número de passageiros felinos a apenas meia dúzia dos mais magrelos e vira-latas. Dois foram para o colo de Rui, que levou pelo menos um quarto de hora para botar todos os horímetros, contagiros e sinalizadores do painel em alerta.

Moisés só embarcou no último instante, com o barco em movimento. Deu um aceninho tímido para padre Schultz. Sinal para dar sorte, assim como benzer-se antes da partida de futebol, pensou.

O garoto foi o primeiro a denunciar a desproporção dos preparativos da tripulação para um passeio tão corriqueiro até a praia dos Biguás, que exigia menos de uma hora, em baixa velocidade.

Ué, para botar num piloto automático nem precisava essa frescurada toda de coletes, botões luminosos, né mesmo? — provocou, sem abalar Rui, concentrado nos dados do localizador eletrônico.

Laurita ficou em silêncio. Estava fascinada pelo que via: golfinhos pulando atrás do barco, homens e mulheres surgindo como miniaturas por detrás das ilhotas e caícos — pequenas canoas de tábuas justapostas — conduzidos por moleques de pele escura iam sumindo na paisagem.

— Sossega aí, rapaz! — aconselhou Rui, disposto a não se aborrecer com o garoto.

Moisés não se conteve e caiu na risada, calculando os gestos e tendo falsos espasmos:

— Cara, na hora que você tiver naquele montinho de conchas quero só ver!

— Você quer dizer o *sambaqui* — ironizou Analu.

— Aquela concheira teve grande serventia, deu muita farinha de ostra pra ração de porco... Virou cal e... Pupf! — Moisés assoprou no ar, voltando os olhos para Estela, que usava uma canga florida, amarrada ao pescoço, cobrindo o corpo até os tornozelos. O rosto da garota brilhava, como tudo naquela manhã.

Rui passou por cima daquelas considerações e foi direto aos manuais científicos, como sempre fazia:

— Um processo de datação radiocarbônica garante que as conchas foram sendo deixadas lá há 4.955 anos... Foram colocadas por homens que mediam no máximo um metro e sessenta e três, fortes...

Laurita nem ouviu o resto da exposição do primo. Estava dividida entre Moisés, com suas provocações, e Rui, que abusava dos conhecimentos livrescos.

Súbito, o barco fez um barulho esquisito, dava a impressão de que algo o arrastava para o fundo. Rui sentiu o impacto e diminuiu a velocidade.

— Olha aí, Moisés! A sua direita tem um painel com o desenho do barco. Veja se tem uma seta indicando qualquer parte avariada...

O garoto espichou o olho. Tinha sim: uma seta piscante apontando para a parte inferior do barco...

A embarcação balançava mansamente, cada vez com mais inclinação. Ao longe, numa zona de mata densa, onde se escondiam as últimas capivaras, pacas e cotias da região, uma tabuleta anunciava:

#### **Área preservada.**

— Vou pular, cara! Dou uma espiada lá embaixo. Aposto que é embaço de cipó, ou um tipo de planta desse manguezal. Doida pra grudar na hélice...

Antes mesmo de ouvir o piloto, Moisés caiu no mar e desapareceu debaixo d'água. As meninas ficaram apreensivas.

— Esse moleque vai aprontar alguma! — alertou Analu.

— Ai meu Deus, só falta ele sumir — disse Laurita.

Rui parou o barco e deixou à deriva. Os primeiros respingos da água salgada invadiam o interior da embarcação. Nada do garoto.

— Que fôlego, hem! — considerou Laurita, impressionada e desejosa de ver a cabeça do moleque aparecer à tona.

— Aqui o mar é piscina. É só um pulinho — garantiu Estela, anunciando seu desejo de saltar para um possível salvamento.

— Não cai nessa! — rebateu Analu.

- Moisés! — a voz de Rui fez eco. Dava impressão de que era o primeiro som humano a atravessar a barulheira da mata.

— Moisés! — gritaram em coro.

— Num tô dizendo! — respondeu o moleque, à pequena distância. — Aqui embaixo tem um emaranhado de mato, um enroscado que faz gosto. Isso vai dar num banco de areia... É melhor sair de banda. Vai toda à esquerda aí, moço! — ordenou, ignorando a apreensão que causara durante sua inspeção submarina.

Rui mudou o curso, afastando-se mais da zona ribeirinha, e Moisés deu longas braçadas até pular de novo no barco.

O moleque voltou com uma parte da flora marinha enfeitando a cabeleira, o calção de brim encharcado e o fôlego no fim.

— Alguém tem um palito de dente? — pediu, esnobando vitalidade.

## 28 - ENSABOADO DE PETRÓLEO

Na verdade, uma boa parte da ilha dos Biguás era um grande sambaqui. Por debaixo da vegetação, os pés espetavam o chão duro, formado de conchas milenares. De um lado, o mar a oferecer comida farta e generosa. Do outro, água doce do rio Biguás para beber. Não era à toa que se mostrara um lugar ideal para as tribos primitivas.

Laurita apertava o seu décimo *clic*, imobilizando a paisagem. Também arrancou conchas para guardar de lembrança. Em seguida, pensou: “Se cada turista fizer a mesma coisa, a ilha vai sumir nos próximos anos!” Colocou a concha no lugar, indecisa, pois parecia-lhe igualmente ridículo imaginar que uma concha do mar a menos fosse uma espécie de crime ecológico. Moisés percebeu a hesitação da garota e tratou de atirar de volta ao mar as que trazia na mão. Achou justo.

— Quer dar um pulo no rio? — falou o garoto, sem olhar para o rosto de Laurita.

— Só se for competição. Não gosto de nadar à toa...

Moisés concordou. Sentia-se mais à vontade na presença da filha do juiz, afastando-se dos demais.

À beira do rio, Laurita subiu na pedra mais alta.

— A saída é daqui, legal? — Imaginou-se na raia da piscina olímpica, no clube onde fora sócia desde criança em São Paulo. — Tem que ir margeando a mata, com velocidade, e sem parar. A chegada vai ser naquela figueira. Tá vendo? — apontou.

— Pode dar a saída... — propôs Moisés, um pouco tímido pela proximidade com a garota, no alto da pedra. Olhou-a: os joelhos um pouco flexionados e a cabeça entre os braços esticados para a frente, como um nadador profissional. Tratou de fazer o mesmo.

Pularam.

Ao voltar para a superfície da água, Moisés sentiu as braçadas fortes de Laurita, no mesmo ritmo que as suas. A garota tem fôlego, raciocinou, empenhando-se cada vez mais, até sentir-se como nas brincadeiras da infância entre um punhado de meninos iguais, pulando da balsa e saindo

da água ensaboado de petróleo.

Na quinta rodada, Laurita desistiu de continuar. O cansaço vencia a maratona.

— Empate! — sentenciou, respirando com dificuldade.

— Feito! — concordou Moisés, sacudindo a cabeleira.

— Tá na hora de voltar pra prainha... Meu estômago começou a roncar.

— Acho que eu vou embora, sabe! Pego uma carona dum molequinho desses de canoa...

— Caramba! Num começa de novo! Tá lembrado que você é o guia do Rui?

— Guia? Aquele troço anda sozinho!

— Sem discussão, legal? — encerrou Laurita, aproveitando o momento para outros assuntos. — Posso te perguntar uma coisinha só?

— Ué? Fala.

— Que é que o seu Firmino tem a ver com o Camaro? Com o teu padrinho?

— Negócio deles. O seu Firmino é que faz as transações do doutor Camaro...

Laurita levantou-se decidida. Um exemplar do *Correio Mandirense* e as últimas palavras de Moisés bastavam. Quando faria uma visitinha ao cartório?

## 29 - QUE FLAGRA!

Ao chegar na prainha, Laurita deparou-se com uma verdadeira sala de visitas, montada para cercar Rui da melhor comodidade. Ao lado da espreguiçadeira, uma esteira fora estendida para servir de apoio à pequena refeição; e até o mapa para melhor localização dos sambaquis estava lá. Estela tinha arrumado tudo, cuidadosamente. Para depois entreter-se com apressadas teses de arqueologia do navegador cego.

— Opa! Eu não queria atrapalhar... É que a fome bateu... — justificou Laurita, visivelmente incomodada pela visão. — Posso voltar depois, se acharem melhor...

Estela levantou-se imediatamente. Ficou constrangida pelo tom de censura nos modos de Laurita.

— Imagine! Senta aí! Posso preparar mais uma rodada — disse, mostrando um prato com frutas, maionese e sanduíche com pão integral. Correu até Moisés e foi mais solícita. — Um suco?

— Dá um pouco... — ele aceitou, admirado com os gestos delicados de Estela ao entregar-lhe o copo, com um sorriso permanente na boca bem desenhada.

Laurita arrependeu-se da rispidez. O que Estela tinha feito de errado

senão dar a Rui cuidados mais do que merecidos? Além de bonita, a amiga era dócil, sabia ouvir com atenção as pessoas. E levava o maior jeito para fazer sanduíches, pensou, temendo ser o primo Rui a verdadeira razão da sua hostilidade repentina.

Enquanto isso, Analu boiava no mar entregue aos efeitos do sol e da calmaria das marés. Estava convencida de ser o número ímpar, que destoava no meio dos dois casais.

### 30 – COM A BOTA NO BATENTE

Acostumado a confundir-se com o matagal e a aparecer feito cobra, Tião Bugreiro chegou em Mandira despercebido, pregando um grande susto em Firmino quando este viu a carranca medonha do capataz pela janelinha estreita da sala. O tabelião morava numa casa térrea geminada ao cartório, sendo que uma portinhola de ferro servia de passagem da residência para o trabalho, sem esforço. Do banheiro para o balcão, só um pulinho.

Bugreiro encostou a bota no batente da porta, esperando o homenzinho abrir o cartório.

— ...m'dia! — cumprimentou.

Firmino voltou cheirando a água de colônia, mas sem o paletó impecável. A camisa branca transparente deixava ver a camiseta íntima, sobrando para fora das calças.

— Escuta, Tião. Quando quiser falar de negócios manda um aviso pelo seu afilhado. Não acho certo, não! Uma visita assim... sem anunciar... — advertiu Firmino, hesitante, enquanto abria a porta do cartório.

Tião Bugreiro poderia resolver tudo com seis palavras — “Quero o Camaro lá na maloca”. Ao que Firmino só teria a concordar dizendo “Claro!” e daí promover o encontro. Mas a conversa complicou-se e acabou enfurecendo o Bugreiro.

— Olha, velho. Tenho muitos negócios pra prostrar com o homem... — disse, num tom definitivo para o tabelião. — Faz um tempão que eu tenho essas pendenga...

— Do que você tá falando, Tião? Que assuntos pendentes seriam estes, homem? Você nunca me disse nada...

— Pois tô dizendo agora! — irritou-se Bugreiro. — Quéde o dinheiro prometido? Quéde a traineira moderna? Quéde?

— Calma, Tião! — lembrou-se de suplicar Firmino, dando umas batidinhas no ombro taludo do capataz. — Doutor Camaro é um homem ocupado... Tem viajado muito para o estrangeiro...

— Ara! Que mané viajante!

— Te juro, Tião! Esta é a mais pura verdade...

Tião Bugreiro ficava muito nervoso quando tinha de falar demais. As ideias iam se misturando confusas na sua cabeça. Aproximou-se bem de Firmino, num tom ameaçador.

— Traz o homem pra mim. A traineira moderna. O dinheiro em papel. Nota por nota. Quero saber quem é que tá com embromação. Tá me cheirando mal...

— Deixa disso, Tião... — implorou Firmino, enquanto o capataz lhe segurava o braço.

— Num me peça nenhum serviço... Quero o homem na minha maloca! O dinheiro... Nota por nota — repetiu, como que embriagado pelas palavras.

Firmino nem pensou duas vezes para abrir uma gaveta e puxar umas notas graúdas. Mostrou-as para Tião, com o mesmo sorriso nervoso.

— Fica com essas por enquanto. Daqui um pouco, o doutor Camaro manda outras...

— Ó desgraçado dum filho dum cão! — esbravejou Bugreiro. - Ocê que num me venha com ninharia! — ameaçou, saindo com passadas firmes e arrastando o corpo disforme.

Quase atropelou Laurita, Estela e Analu, que assistiram à cena espantadas, justamente quando chegavam para uma entrevista-surpresa com o dono do cartório, um dia após a ida ao sambaqui. Continuaram a acompanhar com os olhos a caminhada de Bugreiro que, vez em quando, tinha de desviar os ombros das janelas, que começavam a escancarar as folhas de madeira — de par em par. Pois já iam adiantadas oito horas da manhã.

Firmino fechava a porta do cartório quando Puio, um bichano magrelo cor de açafrão, entrou sorrateiramente.

— Sai, porcaria! — o homem tentou afugentar o bicho enquanto as três amigas metiam-se para dentro, com inúteis pedidos de licença.

Firmino tentou recompor-se, ajeitando a camisa e pigarreando.

— O cartório só abre daqui a uma hora, senhoritas. Me façam o favor, voltem mais tarde — sugeriu desarmado, cercado por outros bichanos.

— São só umas perguntinhas — assegurou Laurita.

— Um trabalho de escola... — falou quase simultaneamente Analu.

Nesse momento, Firmino deu-se conta de que uma das garotas era a filha do juiz. Como não percebera? Ia derreter-se em medidas, mas lembrou-se da cena recente com Tião Bugreiro, que o deixara trêmulo.

— Mais tarde... Mais tarde... — disse, quase empurrando-as para o lado de fora.

— Como sua família enfrentou o incêndio do cartório? Poderia contar um pouco onde foram parar os papéis? Como recuperou? — desembestou Laurita.



— Você não me venha com ninharia! — ameaçou Bugreiro.



— Água? — deixou escapar Estela, divertindo-se com o embaraço de Firmino.

— Saibam as mocinhas que tudo tem remédio. Um cartório é a lei. E com a lei tudo se resolve! — ele proferiu confuso.

Não tinha clima para uma conversa amistosa. As garotas foram saindo, uma a uma, depois de um aperto de mão apressado daquele homem, descomposto, com a camisa amarrotada, e sinais de indisposição evidentes no rosto.

— Só uma coisinha, seu Firmino... O senhor é amigo do Tião? Por que brigaram?

Aquilo era um abuso, pensou o homem. Uma garota sem um pinga de educação! Quem diria! Filha de um magistrado, um juiz de direito, com aquela arrogância. Que desrespeito para com um homem de sessenta primaveras.

— Mocinha! Fique longe desta história. Esqueça o que viu! — avisou o dono do cartório, indignado, abaixando com força a porta de aço.

### **31 - O ÚLTIMO A SABER**

Da vidraça de seu escritório, o juiz pôde ver o animado grupo liderado por sua filha reunido na pracinha. A agitação foi ainda maior com a chegada do barqueiro Moisés, que passou a espectador de uma longa narração, pontuada por gestos teatrais e risos incontrolláveis.

Doutor Barros abaixou a cabeça e tentou concentrar-se na leitura de mais um grosso compêndio de direito penal, embora continuasse intrigado. Que história tão espetacular seria aquela?

Rui entrou no escritório e foi direto até a janela, levantando a vidraça com muito esforço, sustentando-a aberta com a mão para não ter de manejar o fecho de borboleta. Botou a cabeça para fora e caprichou no assobio. Dito e feito, a prima respondeu com outro assobio, mais agudo ainda. Um sinal combinado de que o aguardavam na pracinha. Em Mandira, as distâncias eram curtas e das janelas tudo se via.

— Posso saber que animação é essa? — falou o juiz, espantado com a pressa de Rui em ir ao encontro na pracinha.

— Novidades do processo!

— Processo?

— Não se faça de desentendido, Barros. Não se fala de outra coisa com Laurita. De quem são as terras do Camaro? Quem é a mãe do barqueiro? Até parece uma ideia fixa.

— Não estou entendendo... Por que Laurita estaria metida numa disputa como essa?

— É unha e carne com a filha de Chico Roco. Agora, interessou-se por civilizar o “bugreirinho”. Jurou que vai desvendar o passado desta cidade! — enfatizou Rui, sem esconder o quanto os arroubos da prima o agradavam.

— Você só pode estar fazendo piada... — desejou o juiz, franzindo o cenho.

— Aguardem as próximas revelações da filha do juiz na sua... *Visita ao cartório!* — anunciou Rui, com voz radiofônica, fazendo um rápido malabarismo com a bengala. Também vou nessa! — disse, esquecendo a porta do escritório escancarada.

O juiz afastou lentamente a cadeira de rodinhas. Bateu com as mãos fechadas na mesa de trabalho, fazendo voar uma velha flâmula do seu time alviverde.

— Gildaaaa! — chamou, como se nenhum pensamento sobre a filha pudesse ser elaborado sem a presença da mulher.

### 32 - MEA-CULPA

Rui se preparava para descer as escadas do sobrado, quando ouviu uma discussão um pouco barulhenta demais para o ritmo da casa. Deu meia-volta e retornou ao seu quartinho. Abriu o vidro do relógio e consultou as horas. Já passavam das seis da tarde, embora o calor em nada diminuísse, indicando que o sol continuava a espalhar firme seus raios. Que diabo de inverno era aquele? Ô cidadezinha quente... sentiu o suor escorrer pelo rosto.

O som das vozes lá embaixo ia diminuindo. Rui deixou a porta do quarto entreaberta para tentar ouvir alguma coisa. Nada. Até que os passos de Laurita ganharam fortes os degraus da escada. O rapaz correu para a poltrona, não queria parecer bisbilhoteiro. Mas, no caminho, deu um encontrão na cadeirinha de madeira.

— Caramba! — deixou escapar, enquanto friccionava com a mão o joelho atingido.

— Bem feito! — praguejou Laurita, sem se importar com as dificuldades do primo.

A garota invadiu o quarto, e foi tratando de despejar seus rancores:

— Dedo-duro!

— Opa. Assim já é demais! Posso saber onde foi que eu errei? — interrogou o rapaz, ainda chiando pela contusão.

— Você não tinha nada que falar para o pai que eu fui atrás do Firmino. Pô, não sabe fechar o bico?

— Eu? — perguntou Rui, fingindo indignação.

— Tá cansado de saber como ele é com essa história de litígio de terras... Que a Justiça resolve... Peritos capacitados... Vamos dar tempo ao tempo.

— Natural. Ele é um juiz. Não quer que a filhinha dele se meta nos assuntos da magistratura.

— Tá vendo? Foi encher a cabeça dele de bobagem!

Rui estava achando divertido ouvir aquele desabafo da garota. Cada

vez mais apegava-se à prima, com suas explosões sentimentais. Resolveu levar a coisa adiante, dissimulando uma profunda tristeza. Abaixou a cabeça em sinal de desconsolo.

— Foi sem querer, te juro! Só mesmo uma besta como eu...

— O que você disse?

— É minha culpa, sim. Sou um otário, um imbecil... abaixo da escala de inteligência humana...

Laurita não esperava aquela demonstração teatral de *mea-culpa* e aproximou-se do primo com a intenção de consolá-lo. Ao chegar bem perto do rapaz, tomou consciência da dissimulação. Rui pegou-a pelo braço e ameaçou um revide:

— Pronto! Agora quero ver quem é dedo-duro! Vamos lá! Lute!

Laurita fez força para soltar-se. Foi inútil. O rapaz divertia-se com aquela armadilha, copiada de um golpe de artes marciais. A menina começava a ceder e os risos já se misturavam com apelos.

— Tudo bem... tudo bem. Retiro o que falei...

A maçaneta da porta virou e o juiz apareceu com ares de poucos amigos. Lá estava: a filha de catorze anos nos braços do cego navegador.

— Para o seu quarto, Laurita! — pediu, sem elevar a voz.

— Credo! É só brincadeira, pai. O Rui...

— Para o quarto, Laura! Não quero ouvir conversa fiada.

A menina nunca tinha enfrentado aquela fúria paterna — de poucas palavras e olhares fulminantes.

— Barros... — intercedeu Rui, logo que a menina se retirou, na esperança de explicar-se ao juiz. Mas o homem não se deixou levar.

— Fique sossegado, Rui. Não costumo destratar meus hóspedes. Mas você não quer que eu veja com naturalidade este envolvimento...

— Bem... eu não diria envolvimento...

— Não quero vê-los metidos em conversa com tabeliães, nem especulações infantis em terras alheias. Esqueçam o Camaro, o Bugreiro, os sambaquis. Isso é caso de Justiça!

— Pode contar comigo — resignou-se Rui à incontestável autoridade do primo. — Só não quero que você brigue com a garota...

— Rui, meu caro. A garota é minha filha. Sei muito bem cuidar disso — encerrou o juiz.

O breve confronto tirou o sono de Rui, que tentou se distrair ouvindo um livro falado no *walkman*. Desistiu depois de algum tempo, quando no romance narrado o pai da heroína ameaçou a balas o namorado tratante. Ia esconder a cabeça sob o travesseiro, quando pareceu escutar um chamado.

— Quer assaltar a geladeira? — a vozinha sussurrante de Laurita invadiu novamente o quarto.

### 33 - QUANDO TOCA A TUBA

Analu e o exército felino saíram em fila atrás da Furiosa — a consagrada banda de música mandirense — no seu ensaio final, às vésperas da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Atrás dela, uma porção de crianças multiplicava-se milagrosamente, sapateando sobre o tapete de serragem e pó de café que começava a enfeitar as ruas para a procissão de domingo.

Dona Gilda colocou as cadeiras na calçada e desistiu de praticar ioga depois dos sopros insistentes de tuba nas suas orelhas. A marchinha ia tomando conta dos mantras indianos que costumavam servir de trilha sonora para as suas meditações. O melhor era admirar o animado cortejo.

A banda reunia algumas das celebridades da cidade: do sapateiro ao sargento do corpo de bombeiros; o chefe de polícia aposentado e o dono do açougue. E por que coube justamente ao garçom bater os pratos?, refletiu a mãe de Laurita, quando foi sacudida pela filha e Estela, que chegavam sempre na correria e com alguma história mal contada.

— Tá vendo, mãe? Aquela faixa na mão de dois moleques? Do outro lado da praça.

Dona Gilda leu a inscrição:

**Movimento em Defesa da Propriedade, da Paz e da Harmonia — Associação Camaro pelo Progresso de Mandira.**

— O que é que tem?

— Vai dizer que você não sabe! É provocação do Camaro. A associação está pregando que vai construir creches com o dinheiro arrecadado nas terras em disputa. Ele mandou espalhar que vai vender tudo! Duvido! — disse Laurita, exaltada com as pressões do inimigo.

— É verdade, sim — confirmou Estela, como se para convencer uma mãe fosse necessário uma convenção de amigas.

Melhor não julgar as pessoas sem ter certeza... — aconselhou dona Gilda.

— Ai, mãe! Você parece que tá fora do mundo — suspirou Laurita, emburrada.

— Padre Schultz falou que o que eles querem é tumultuar a festa da santa... — garantiu Estela, tentando chamar Laurita de volta à conversa.

— Até o padre Schultz tomou partido... — reforçou Laurita.

— Engana-se, minha filha. Padre Schultz é o pároco de toda a comunidade — tentou explicar Gilda, conciliadora.

Foi só a faixa da associação Camaro tremular, ocupando o centro da praça — marco destinado à última apresentação da banda —, que os protestos dos companheiros de Chico Roco começaram. O primeiro a sair dando o troco foi o próprio garçom, armado de pratos. Vaias, xingamentos contra a associação Camaro, tiras de faixa no chão e garotos travando rápida batalha com pedaços de pau botaram as cadeiras de volta para dentro, fecharam venezianas e serviram de lembrete que nem a festa de

Nossa Senhora tinha poderes para apagar o litígio de terras da lembrança dos mandirenses.

### 34 - MARIA, MÃE DOS NAVEGANTES...

Padre Schultz acordou antes do sol no dia da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Tinha um dia cheio: batizados, procissão por terra e mar, missa campal, além de presença obrigatória como jurado no concurso do barco mais enfeitado. Benzeu-se repetidas vezes pedindo proteção para tantas tarefas. Mas um pressentimento alertava-o de que o dia seria mais longo do que o costumeiro e que, para manter a comunidade em paz na sua grande festa anual, teria um trabalhão. Benzeu-se de novo. Desta vez para pedir desculpas por uma queixa àquela hora, quando nem sequer o galo tivera coragem de acordar a Nossa Senhora.

Não tardou que a barulheira finalmente invadissem as comemorações. A banda Furiosa desafiava os ouvidos ao final de cada missa, no começo das gincanas que se sucediam aos montes: campeonato equestre, competição de judô, canoagem e o disputado concurso dos barcos enfeitados, antes da procissão.

A bandinha disputava com um verdadeiro arsenal de caixas de som que não parava de demonstrar sua supremacia eletrônica. Valia tudo: *funk*, afoxé, *rap*, pagode e duplas sertanejas. Trenzinho cheio de crianças chacoalhava ao som dos *hits* da televisão.

Só Laurita não estava muito contente com seu *début* na festa da cidade. Cercada de romeiros por todos os lados, a menina sentia-se um bibelô. É que padre Schultz fizera questão de convidar a família do juiz para ocupar o lugar solene das autoridades: num banquinho, com almofadas de veludo, ao lado da santa, bem no meio da pracinha.

O padre reatou o sermão, deu graças mais uma vez, e Laurita começou a ficar impaciente.

— Posso ir com Analu e Estela? — sussurrou no ouvido da mãe.

— Mãe! — falou um pouco mais alto. — Tô indo com as meninas para o parque, tudo bem?

Dona Gilda disfarçou sua irritação com um sorrisinho falso, sentindo-se como se todos a estivessem julgando na sua bondade materna. Apertou discretamente a mão da filha.

— Não desgruda daí, Laurita! Não seja intransigente. O que é que custa esperar até o final...

— Final? Você não conhece o padre Schultz, mãe — Laurita retrucou chorosa. — Nem um raio faz ele desistir do palanque... — Sem se dar por vencida, a garota apelou ao pai. — Depois deste último versículo, posso ir?

— Se sua mãe achar que sim...

Padre Schultz pontificou:

— E a nossa comunidade acolhe mais e mais cristãos, mais e mais no nosso rebanho. Como numa grande casa, num abrigo sem limites... cheio

de amorrr e miserricórdia. A nossa comunidade se comove com estes olhinhos doces e singelos de criança! — apontando na direção de Laurita.

A filha do juiz sentiu um vermelhão tomar conta do seu rosto. Os tais olhinhos eram os seus? Socorro, que vergonha, todo mundo olhando... Sentia como se um holofote estivesse apontado sobre sua cabeça. E quando percebeu a presença de Rui, bem à frente da pequena multidão? Foi como uma vaia. O coração disparou. Só faltava levitar e subir com uma auréola dourada sobre a cabeça... Daria tudo para ter poderes e desaparecer, mesmo que tivesse de acordar sem memória numa clínica a três mil quilômetros dali.

— Eu tô ridícula neste troninho, mãe. Olha o Rui, a Estela, todo mundo olhando pra cá...

— Teu primo é cego, Laurita. Esqueceu?

— Não interessa! Aposto que eles estão tirando uma...

Nem bem acabou de falar, Laurita viu Rui esconder o rosto, tentando conter uma explosão de riso. É que Estela cochichara alguma coisa no ouvido do rapaz.

O sacristão chacoalhou o sininho duas vezes, anunciando o momento da comunhão. Os mandirenses, na maioria pescadores e suas famílias, estavam contritos pedindo proteção para o ofício — com tempestades longe dos cascos, vento forte longe de velas e, de quebra, peixe em profusão na rede.

A garota tinha decidido abandonar o trono, quando o padre escalou-a para auxiliá-lo na entrega da hóstia.

— O que é que eu faço com a cestinha, padre?

O padre movia os lábios numa oração interminável, enquanto guiava a menina para postar-se a seu lado, em frente a uma fila de pelo menos quinhentos romeiros.

Então era isso: um a um, cada homem estenderia as mãos e ela entregaria a hóstia e este balbuciaria amém. Multiplicavam-se os segundos na memória.

Laurita resolveu espantar os maus pensamentos daquela sagrada hora, em que as mulheres cantavam: “Maria, mãe dos navegantes, nos ensina a caminhar...” As vozes trêmulas ocupavam a multidão, cada vez mais compacta e uniforme. Até que uma movimentação estranha foi entortando a fila, desafinando o coro de vozes. Empurra-empurra, cotovelos dispostos a tudo, a massa de homens e mulheres, fiéis e infiéis, dispersava-se numa correria desembestada em direção ao dique, à beira do cais. Um resto de frase foi parar nos ouvidos de Laurita:

—... assassinado.

— Assassinado?

### **35 - MORTE À BEIRA DO CAIS**

A visão do corpo de Tião Bugreiro boiando nas águas nunca mais

deixaria a lembrança dos cidadãos de Mandira. O facão, tão temido pelos moradores, fora a arma do crime. Um pescador encontrou-o sujo de sangue e fincado na areia sobre um jornal, onde se lia:

### **A vingança de Mandira!**

A frase espalhava desconfiança nos homens que abarrotavam a beira do cais.

— Oh, minha Santa Maria! O que será de nós? Um homem assassinado bem no meio da celebração! Da comunhão, meu Deus! — lamentava-se uma beata, temendo que a morte de Tião lhes pesasse nos ombros como maldição.

— Foi para o buraco, o homem. Serviu de presa ao mar... — concluiu um romeiro, vindo de longe, para quem Bugreiro era apenas o corpo boiando, com a água preenchendo passado e presente e dando-lhe o dobro em tamanho.

— Ara! Quem é que num deseja um bicho desses comido pela areia? — emendou Chico Roco, atraindo para si a desconfiança dos moradores, que nem bem esperaram o resgate do corpo e já ocupavam todas as imediações do distrito policial.

Uma animada e longa espera de quatro horas seguiu-se à descoberta do cadáver, até a chegada do delegado local e as primeiras providências.

Numa saleta minúscula, o delegado acomodou padre Schultz e o garoto Moisés para um primeiro interrogatório. O padre, contrariado pela insistência em ouvir o pobre garoto numa hora daquelas, amparava-o, dizendo-lhe palavras de conforto e erres nos ouvidos.

Nenhum ventilador, à maneira dos antigos filmes policiais, aplacava o calor da saleta. Ao contrário, a serpentina pendurada para afugentar mosquitos aumentava o clima de desolação.

— Teu padrinho tinha inimigos? — insistia o delegado que, finalmente, aparecera: um baixote de calças largas e colete listrado, com voz fanhosa.

Moisés respondia a tudo com a cabeça baixa, desejoso de que estivesse vivendo mais um dos seus pesadelos noturnos. As pernas tremiam e ele percebeu que já não podia controlá-las.

— Ué! Um montão deles...



— Oh, minha Santa Maria! Um homem assassinado bem no meio da celebração! — lamentava-se uma beata.



— Faça um esforço para lembrar os nomes, rapaz — aconselhou o baixote.

— Todo mundo, acho. Gente das terras do Camaro, juiz, polícia, delegado...

O homem tossiu incomodado.

— Gostava do teu padrinho? Tinha algum rancor...

— O senhorr tenha paciência, doutorr... Não está insinuando que esta pobrrre crriatura pudesse... Oh, meu Pai! — interrompeu padre Schultz, benzendo-se repetidas vezes e fazendo o delegado mudar o curso das suspeitas.

Nesse momento, Laurita foi pedindo licença até entrar no recinto, chamando a atenção dos presentes e dos curiosos que tentavam assistir ao interrogatório apinhados nas janelas do distrito.

— Teu padrinho se indispôs com algum elemento? Teve uma briga recente? — pressionou o delegado.

Os olhos do garoto encontraram o rosto de Laurita, ansiosa para que Moisés dissesse tudo o que ela lhe contara naquela manhã, sobre a visita ao cartório.

— ...o senhor disse? — repetiu Moisés, ganhando tempo para raciocinar.

— Se ele teve alguma briga? Um aborrecimento nos últimos dias?

— Teve.

Padre Schultz apertou as mãos.

— Sabe com quem foi?

— Uma discussão no cartório...

A garota teve um arrepio.

— Em Mandira?

— É. Com seu Firmino.

### **36 - ASSIM É DEMAIS!**

Nem bem abriu a porta de entrada do sobrado e Laurita deu de cara com o pai. O juiz esperava-a, nervoso, pois já o tinham avisado da presença da menina na delegacia, durante o interrogatório do afilhado de Tião Bugreiro. Estava escuro.

— Vou para o meu quarto! — anunciou ela em voz baixa, com medo de chorar ali mesmo, na sala, aos olhos da família reunida.

O juiz coçou a cabeça e desfiou o sermão:

— Eu estou pasmo, Laurita! Primeiro sai de cá pra lá com um barqueiro que mal viu na vida... Depois, mete-se nesta encrenca das terras e sai importunando quem vê pela frente...

— Calma, Barros — intercedeu dona Gilda, com pena da garota, que

parecia prestes a desatar em soluços.

— Calma? — inconformou-se o juiz. — Então essa garota resolve botar as mangas de fora... e vocês me pedem “calma”? Ora, eu não sou cego! Vive de amores aí com o primo... Tenha paciência!

Dona Gilda correu para fechar a porta de acesso ao corredor. Rui podia ouvir aquilo, meu Deus!, pensou aflita.

Contrariando as expectativas paternas, Laurita manteve-se calada. O choro vinha numa corredeira. Soluços. Procurou os ombros delicados da mãe.

— Não misture as coisas, Barros — prosseguiu dona Gilda, advertindo o marido. — O que você pretende dizendo as coisas dessa maneira? Um dia sua filha ia crescer. O Rui é um rapaz atraente, inteligente...

— Chega! Você não vai querer me convencer de que um pobre garoto que perdeu a visão é um belo partido pra sua filha? Ou vai? indagou ele, voltando sua raiva para a mulher. — Que loucura! — acrescentou, arrependendo-se imediatamente de suas últimas palavras. - Esqueçam isso...

O juiz caminhou apressado para o escritório. Lá ficou, sozinho, remoendo a discussão e esperando que mulher e filha dividissem, mais uma vez, seus antigos rituais de proteção.

### **37 - DECLARAÇÃO ÀS AVESSAS**

Quando desatava a chorar Laurita não parava mais. Não adiantaram palavras solidárias, o chazinho de erva-cidreira, nem as lembranças da adolescência de dona Gilda capazes de convencer que nada mais normal do que um pai com ciúmes de sua única filha. O abajur ficou aceso, a porta do quarto entreaberta e, de vez em quando, a mãe ouvia, penalizada, um forte assoar do nariz da menina, cada vez mais vermelho.

Rui não conseguiu ficar alheio aos acontecimentos e, rompendo a vigilância do juiz, teve uma rápida e reveladora conversa com a garota no corredor.

— O negócio ficou sério... — ensaiou Rui, num comentário resumido sobre a morte de Tião Bugreiro.

— Então, você também está contente? Criança é assim mesmo, né? Vai se meter num negócio sério e olha aí... Abre um bocão diante da morte! — disparou ela agressiva, num veredicto que de alguma forma dirigia a si mesma.

— Nada disso, Laurita — acalmou-a Rui. — Tá todo mundo assustado... Mas também... Com tantos inimigos, um capataz como o Bugreiro costuma ter um fim desse...

— Não é só isso — suspirou a garota, inconsolável.

— É por causa do Moisés? Você tá gostando dele? — arriscou Rui, impressionado com o envolvimento da menina nos últimos acontecimentos.

Laurita juntou os cabelos para trás, sem acreditar na insinuação do primo.

— Cara! Você é um cego mesmo!

Apesar do mal-estar de Laurita e das duas voltas que ela deu na chave ao trancar-se no quarto, Rui começou a comemorar. Pela primeira vez a triste palavra “cego” soava-lhe como uma declaração de amor.

### **38 - AUDIÊNCIAS TELEFÔNICAS**

O segundo dia após o assassinato do Bugreiro foi movimentado na casa do juiz. Peritos empenhados em checar documentos, assinaturas e a extensão real das terras declaradas nas escrituras de Camaro aportaram em Mandira, muito bem-dispostos a cumprir a missão. E o melhor: com a máxima rapidez.

O telefone chamava o tempo todo e doutor Barros nem tinha tempo de dar expediente no fórum. Não se falava de outra coisa. O inquérito policial também ia crescendo na mesa do delegado — com depoimento de líderes do movimento de posseiros, do padre, do balseiro e até de dona Domitila, que fez questão de fechar as janelas do recinto policial e pedir ao escrivão — inutilmente — que não tomasse nota de suas palavras. Afinal, quem não tinha algo para revelar em Mandira?

Numa das demoradas audiências telefônicas do juiz com o delegado local, Laurita entrou no escritório do pai. Estava ansiosa para saber as últimas novidades. Pai e filha não haviam feito as pazes de todo, mas o juiz achava recomendável saciar — ele mesmo — a sede da garota, antes que esta saísse vasculhando a vida alheia.

Ora, doutor. Se o homem não vem por um convite seu... Então é preciso mandar o oficial de justiça intimá-lo — concluiu o juiz, que nunca havia experimentado uma dependência como aquela: o delegado consultava-o para tudo.

— Quem? Quem? — falava baixinho Laurita.

O juiz tapou o bocal do telefone e disse de pronto:

— Firmino.

— Boa! — torceu Laurita, possuída pela desconfiança e antipatia.

— Se está nos autos, por que não? Sim, senhor. Exumação do cadáver...

— Vão abrir o Bugreiro de novo? — espantou-se Laurita.

O juiz respondeu balançando a cabeça em negativa.

— Pode falar, doutor. Rúbia. Hum hum. Estou anotando — mentiu o juiz, acenando para que a filha lhe trouxesse uma caneta. Laurita apontou para o bolso da camisa do pai, onde ele costumava guardá-las.

— Qual a data do óbito? Fala mais alto, delegado! A ligação está péssima. Até parece que o senhor está falando do outro lado do mundo... Entendi... Entendi. Puxa vida! Uma cantora lírica, em Mandira. Quem diria!

Ao desligar o telefone, o juiz voltou-se para a garota, igualmente entusiasmado com o telefonema. A comoção da cidade nos últimos dias contagiava-o, lembrando-lhe o início da carreira como advogado criminalista.

— Achamos uma boa história! De uma Rúbia, cantora lírica... Apareceu uma escritura de terras com o nome dela.

### 39 - LEMBRANÇAS

— Vovó Nenette? — Estela torceu o nariz.

— Isso mesmo! Quem pode ter visto uma cantora de ópera de carne e osso em Mandira? — disse Laurita, convencida de que a velhinha sabia alguma coisa sobre Rúbia. Por isso fora procurar a amiga em casa. Desde a última manhã, quando o juiz falara da existência da cantora nos autos do processo, que o “*La donna è mobile...*” lhe martelava a cabeça.

Estela abriu de mansinho a porta do quarto da avó. Dona Nenette estava sentada numa cadeira de espaldar, encostada à janela. Quem a visse do lado de fora da vidraça não entenderia por que uma anciã traria uma guirlanda de flores no cabelo.

— Vovó? — disseram, entrando devagar.

Aos poucos, as duas ganharam a atenção de Nenette — como uma imagem embaçada entrando em foco na câmera do fotógrafo. Também foi preciso cantarolar inúmeras vezes a mesma ária da ópera de Verdi e ensaiar passos de dança para avivar a memória da avó, delicadamente, dando brilho ao cristal.

— Onde você dançou assim, vó?

— A festa linda... As mulheres enfeitadas — gesticulava a mulher, com bom humor, repetindo as mesmas frases, na maior parte do tempo.

— E quem cantava assim? — tentou mais uma vez esclarecer Estela.

— O nome dela era Rúbia? — disse Laurita, impaciente.

— Rúbia... — repetiu a velha, baixando os olhos e condoendo-se pela menção do nome. — Oh... Pobrezinha... Uma linda voz... muito fina... a pobrezinha!

Ela foi embora, dona Nenette? O que aconteceu com ela?

Como resposta, Laurita só obteve nomes familiares e lembranças sem importância.

— Outro dia a gente continua — recomendou Estela, preocupada em poupar os esforços da avó. — “Esclerose múltipla” — justificou, como se Laurita só lhe desse crédito naquele momento, depois de ter se decepcionado.

Dona Nenette calou-se subitamente, e virou o rosto para a janela.



— Onde você dançou desse jeito, vó? — quis  
saber Estela.

#### 40 - COM MUITO AFETO...

A ideia de procurar fotos de aniversário da cidade foi de Analu, enquanto tomava sorvete na pracinha com as amigas. A menina contou que numa visita à prefeitura de Mandira pudera observar uma porção delas, emolduradas, numa ampla sala de reuniões com passadeiras cobertas de poeira, porém solenes. Em cada uma das fotos poses diferentes para as comemorações mandirenses: aniversário da cidade, festa da padroeira, posse de prefeitos e vereadores.

— Não custa tentar... — incentivou Analu, preocupada com o súbito abatimento de Laurita, após a visita à vovó Nenette.

— Analu tem razão — concordou Estela. — Onde as mulheres de Mandira iriam assim, enfeitadas, ouvir uma cantora lírica?

Para chegar até a prefeitura bastava atravessar a rua e virar à direita, de costas para o cais. Era possível percorrer o centro de Mandira em algumas passadas largas por seus quarteirões de ruas estreitas.

— Tô dizendo pras meninas, tá tudo fechado. O prefeito deu ordem de não abrir mais esse salão da frente... Isso tá envenenado de inseticidas, raticidas, coisas mortíferas — exagerou o porteiro da prefeitura, tentando espantar qualquer suspeita de má vontade de sua parte.

- É só uma olhadinha, juro! A gente ia ver as fotos... — Nem terminou de falar e Laurita tomou um beliscão de Estela, que não concordava em ir abrindo o jogo com o porteiro embromão.

— É a filha do juiz, seu Dé — revelou Estela, com o único intuito de despertar os sentimentos de servidão do barnabé.

O homem, que exibía uma camiseta da Associação Camaro para o Progresso de Mandira, escancarou o melhor sorriso, de dentes muito brancos e geométricos.

— Por que não foi falando logo? Filha de doutor num pede licença. Manda, ói.

O porteiro levantou as calças, apertou a cinta de couro e tratou de buscar o molho de chaves, escondido na caixa de luz.

Estela tinha toda a razão. O homem mentia descaradamente, pois nada de inseticidas, nem pragas: a sala tinha mau aspecto, devia estar fechada fazia tempo. Mas a limpeza continuara a ser feita, de modo a manter imutável a velha rotina de repartição pública. As fotos emolduradas formavam um enorme painel, confundindo épocas, datas e efemérides. Laurita examinava minuciosamente as imagens, que ia montando sobre a passadeira, como num jogo de cartas.

— Opa! — agitou-se Analu, demonstrando felicidade. — Encontrei umas fotos aqui... Parece uma apresentação de artistas... Músicos, gente fantasiada...

Laurita pegou os quadrinhos e examinou com interesse até ler a anotação por trás da moldura.

— “Carnaval. 1956” — devolveu desconsolada.

Antes de desistir da empreitada, a filha do juiz demorou-se sobre uma série da década de 70.

— “Passagem de ano...” “Posse do novo prefeito...” — ia repetindo, monocórdica, até destacar uma delas: — Não acredito! — gaguejou, circundada imediatamente pelas duas amigas. Uma mulher muito gorda como convinha às cantoras líricas — batom vermelho, vestido de pedrarias, posava ao lado do prefeito Saturnino Vicente. Um autógrafo, quase apagado, desejava:

**Com muito afeto, Rúbia. 1976.**

A menina apertou o quadrinho contra o peito. Olhou mais uma vez para a foto. Rúbia, a cantora, confirmava sua intuição sobre o nascimento de Moisés. Os mesmos olhos verde-água, a mesma cabeleira ondulada...

#### **41 - CALENDÁRIO PERMANENTE**

Dessa vez foi a própria Laurita quem surrupiou a foto emoldurada do painel da prefeitura de Mandira e saiu em disparada para o sobrado. Despediu-se de Analu e Estela e foi direto para o escritório do juiz. Queria encontrar o papel onde o pai anotara os dados de Rúbia, mencionados no processo.

A mesa ficava constantemente em desordem: códigos, maços de processos, pastas numeradas. Laurita aumentou ainda mais a bagunça, na pressa de encontrar o papel. Ou a anotação estaria perdida entre milhares de outras no risque-rabisque?, supôs, debruçando-se por um verdadeiro universo cifrado de hachuras, traços, bigodes, balõezinhos, telefones, códigos interestaduais, número de processos, assinaturas com letras de fôrma, cursiva, góticas, avolumadas. No futuro, a folha do risque-rabisque poderia transformar-se numa escritura de grande interesse para os arqueólogos, divagou a garota.

Com a vista embaralhada, deparou com a última anotação do dia:

**Rúbia Kielovska. Atestado de óbito. 03-01-1977. Escritura das terras lavrada em 02-01-1977.**

O juiz entrou, sem bater, fazendo o coração de Laurita disparar.

— Posso saber o que você está procurando aí? — indagou ele, com ar de poucos amigos.

— Nada — respondeu a menina, sem convencê-lo.

— Não vamos começar de novo, não é, Laura? — disse o pai, propondo cartas na mesa.

Laurita entregou ao juiz o quadrinho com moldura de vidro.

— Muito bem. A quem pertence isto?

— É da avó de Estela — mentiu Laurita, mencionando o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

— Velhinha danada, essa! — concluiu o juiz, apontando para o carimbo da prefeitura. — Anda surrupiando documentos municipais...

Muito bem! — Olhou, esperando a reação da filha.

A garota não resistiu muito tempo à pressão paterna e despejou sobre o juiz suas suspeitas sobre Rúbia e o misterioso nascimento do afilhado de Bugreiro. Puxou do bolso da calça jeans uma folhinha com um calendário permanente, capaz de fornecer — depois de um ardiloso cálculo matemático — o dia da semana para cada data, de 1901 até o ano 2092.

— Tá vendo? Moisés foi batizado numa quinta-feira, dia seis de janeiro. Isso foi padre Schultz quem jurou!

— E daí? — insistiu o juiz, tentando disfarçar seu interesse pelo tal calendário permanente.

— A cantora morreu na segunda-feira, dia três de janeiro. Só pode ser ela, pai! A mãe do Moisés... — confessou Laurita, quase chorosa, chamando a atenção do pai para a semelhança do rosto da mulher com o garoto.

O juiz ficou sem resposta. Franziu o cenho, tirou a caneta do bolso da camisa e apertou um pouco os olhos, sempre incomodado com as lentes de contato.

— Você tem certeza de que dia três de janeiro caiu numa segunda-feira?

A menina estranhou a pergunta do pai. Que falta de sensibilidade!, julgou, apressadamente. Que importava ter morrido numa segunda-feira?

— É só conferir — ensinou-o, apontando com o dedo indicador o ano de 1977 do calendário permanente. Seguiu em linha reta até o mês de janeiro. — Tá vendo? Cai no número seis do calendário.

— Vai em frente...

— Agora, seis mais três, que é o dia da morte de Rúbia, dá nove — explicou ela, didaticamente. Com este resultado, Laurita foi consultar a tabela final dos dias da semana. — Pronto! — sorriu, como que diante de uma descoberta fantástica. — No calendário permanente, o número nove corresponde a uma segunda-feira!

— Agora, me dá uma licencinha. Preciso ficar sozinho — solicitou o juiz. — Mas... Empréstimo esse calendário mágico, por favor... — pediu, deixando Laurita por conta própria com a solução do mistério.

O juiz esperou a filha desaparecer e correu para consultar o calendário. Fez os cálculos, checkou com a data do seu próprio nascimento para ver se o jogo de aritmética era mesmo para valer. Depois testou com anos bissextos. Deu certo.

— Que coisa maluca! — falou em voz alta, checkando a data da escritura de venda das terras de Rúbia para Ivan Camaro. — Caramba! Uma escritura lavrada num domingo? — espantou-se, ciente de que nenhum cartório teria suas portas abertas no descanso do sétimo dia.

## **42 - O FIM DO PESADELO?**

Laurita não conseguia lembrar-se de uma terça-feira tão agitada em sua vida, nem quando tivera em mãos uma revelação daquela importância.



Tratou de procurar Moisés no ancoradouro, mas só encontrou a traineira azul, balançando agitada, com as bandeirolas de enfeite. Saiu pelos arredores à caça de informações, que chegavam cada vez mais desconstruídas. O balseiro assegurou que o rapaz embarcara na companhia do padre Schultz. O português do bar disse que o menino aprontara suas malas e partira em definitivo para Nanaú, uma ilhota escondida no mapa. Já o vendedor de chup-chup afirmou desolado:

— Virou um fugitivo da polícia. Dizem que deu dois tiros na boca do doutor Camaro. Errou um. Acertou em cheio o outro, que entrou pela goela e foi parar no pulmão, arrebatando as caixas dos tórax — concluiu, botando plural nas palavras.

— Tiros? Você tem certeza?

— Tô jurando pra senhora. Santa Maria Mãe dos Navegantes que me castigue rancando-me a língua! — apelou o garoto, mostrando a língua vermelha de groselha.

Laurita olhou mais uma vez para a foto da cantora e — embora não muito religiosa — murmurou uma promessa silenciosa para descobrir o paradeiro de Moisés.

Sem saber ao certo se por força dos poderes da fé, avistou, em seguida, o padre — ou melhor, a batina preta surrada. O sacerdote vinha com uma maleta nas mãos e estava na companhia do garoto. Enquanto o inquérito policial não chegasse ao término, ia manter Moisés em segurança.

Apesar da ansiedade em mostrar a prova, Laurita concordou em ir à igreja e, acomodados na sacristia, revelou o resultado das suas imersões pelo passado de Mandira.

— Fui checar a data de morte da cantora — contou, muito nervosa e já no final de sua história. — É muita coincidência! Três dias depois da morte de Rúbia aparece um recém-nascido... — Exibiu o rosto da foto. — Não é possível! — teimou Laurita, diante das evidências.

Moisés pegou a foto desconfiado. Estava cabisbaixo, visivelmente nervoso e ainda sob o impacto do assassinato do padrinho.

Padre Schultz aguardava a reação do moleque, com o terço nas mãos, manejando as contas. Se até aquele momento não interrompera a narração nem impedira que ela mostrasse a foto ao garoto, então... o silêncio do padre era a confirmação que faltava, deduziu a filha do juiz, certa de que o pároco seria o primeiro a evitar que novas mentiras cercassem o mistério do nascimento de Moisés.

O garoto demorou-se sobre o retrato. Queria duvidar daquela aparência: o mesmo cabelo ondulado... a mesma boca desenhada. Os olhos verde-água, de tão claros, brilhavam mais que a pedraria do vestido. Moisés coçou a cabeça, agitado. Palavra não lhe vinha na boca.

— Escuta — disse Laurita, suavemente. — Pensa com calma nisso tudo. Ainda falta tanta coisa pra conhecer... Quando a cantora chegou em Mandira, em que condições morreu...

Padre Schultz fez sinal para que a filha do juiz deixasse a sacristia. Conhecia Moisés o suficiente para saber que não teria tremeliques nem

fortes emoções na frente de uma garota. Deixou-o com a foto nas mãos, atoleimado pela revelação.

Momentos depois, confiante na cumplicidade do pároco, Moisés atropelou-o de perguntas e frases sem conclusão. Mas estava morta? Continuava órfão? Era assim? Bastara ele sair da barriga da mãe e... Que homem teria sido seu amante? Que diabo de *lírica*?... E o padre, hem? Sabia de tudo e tinha ficado bem na moita...

— Paciência, criatura... — recomendou padre Schultz. — O tempo assoprrará mais palavrras ao seu ouvido...

Moisés não despregava o olho do retrato. Tinha de se acostumar com o rosto da mãe, desejou, impondo-se uma nova sina.

### 43 - DEMOLIDOR POR UM MOMENTO

Rui esperava Laurita na frente do sobrado. Estava impaciente com a ausência da prima. Aposto que está com aquele moleque tacanho, raciocinou, convencido da sua antipatia pelo barqueiro.

O calor pesado denunciava uma chuvarada para o fim da tarde. É o que dizia a meteorologia dos mandirenses, toda calcada na ciência das marés, na dor no calo, na crise reumática... Também no latido aparentemente incompreensível dos vira-latas.

— Laurita? — chamou o rapaz, sentindo a aproximação de uma pessoa em sua direção. A prima ajudou-o a acomodar-se na saleta do escritório do juiz. Tinham muito o que conversar.

— Adivinhe? — A garota estava excitada com a recém-descoberta.

— Encontrou o mapa das terras, numa garrafa à beira da praia dos Biguás? Acertei?

— Achei a mãe do Moisés!

— A cantora?

Laurita levantou sobressaltada. Impossível! O primo teria estranhos poderes de vidência?

— Como adivinhou? Padre Schultz? Meu pai? Alguém te contou das minhas suspeitas?

Rui girou a bengala, fazendo um pouco de suspense. Por um momento, desejou ser Matt Murdock, o heroi Demolidor dos quadrinhos, com seus super-sentidos ampliados pela falta da visão.

— A polícia encontrou uma escritura de terras no nome da mulher, ok? O delegado disse que era uma cantora de circo, que veio ganhar a vida em Mandira. Para atrair o público nas suas apresentações, os promotores do espetáculo asseguravam que a russa... esta era a nacionalidade da mulher... tinha saído diretamente dos palcos de Milão. O delegado foi um desses, ficou caidão pela cantora.

— E daí?

— Atestado de óbito: eclâmpsia pós-parto.

— E o filho? — disse Laurita, um pouco decepcionada que tantas novidades chegassem assim, sem um pinga de esforço.

— Isso é com você! Não acabou de saber a verdadeira história do “Bugreirinho”?

— Conta! O que mais?

— Firmino é o principal suspeito de ter forjado uma escritura de vendas da terra da cantora para Ivan Camaro. E sobre ele também pesam acusações de falsificação em outros documentos, que atestam propriedade dos Biguás, Nanaú, Laranjeiras... Os peritos encontraram mil e uma falcaturas...

— Tá na cadeia?

— Ainda não. O delegado espera que ele atenda à intimação para não se complicar mais...

— Quando?

— Vai depor amanhã.

#### **44 - CERCO FELINO**

Firmino arrumou a pilha de papéis e enfiou numa pastinha de couro bem no fundo da mala, onde depositava desordenadamente cuecas, meias, dólares, talões de cheques, vidros de colônia, camisetas e coletes engomados... Tinha pouco tempo para a fuga, embora houvesse garantido ao delegado que daria seu depoimento: “Ora, doutor. Não tenho nada a esconder... Sou apenas o procurador do maior benfeitor desta cidade de Mandira. Vocês só têm a me agradecer... A lei é a lei... Doutor Camaro é homem justo...” e mais um monte de promessas, que não pretendia cumprir.



*A casa estava toda cercada  
pelos gatos de Mandira.*

O dono do cartório ouviu um miado doloroso bem próximo da sua

janela. Os gatos eram escandalosos nos seus romances. Explícitos nos seus desejos. Estava escuro.

O miado produzia mais agudos, insistentes, irritando o homem, para quem não faltavam motivos de suores e enxaquecas.

Firmino abriu a janela.

— Não pode ser verdade! — balbuciou espantado. A casa estava cercada pelos gatos de Mandira. A maldita criação daquela menina tresloucada, filha do posseiro, constatou o tabelião. Como ia escapar?

— Pssi... Pssi... Vem cá bichano! — chamou, fingindo amabilidade para cinco gatos pretos e agourentos deitados sobre o capacho, na frente da casa. A resposta não foi das melhores. Arrepiados, ficaram em posição de ataque, desenhando curvas senoidais com o corpo.

O homem correu para a porta dos fundos. O cenário era ameaçador. Gatos empoleirados, centenas de gatos em prontidão!

O ponteiro do relógio teimava em mudar as horas madrugada adentro. O homem encharcara mais uma camiseta. Imaginava-se coberto de arranhões e mordidas, no pronto-socorro de Mandira.

Desfalecido, na cama desarrumada, Firmino foi acordado por insistentes batidas na porta. O oficial de justiça, acompanhado por dois policiais, trazia um mandado de prisão.

— Algemas? O que é isso? Não sou nenhum criminoso... — relutou Firmino, diante da invasão dos homens.

#### **45 - BATEU COM A LÍNGUA NOS DENTES**

— Puxa! O homenzinho é escorregadio! — comentou o delegado para o escrivão, este atrapalhado em registrar uma história tão comprida no teclado da maquininha de escrever. Depois virou-se de novo para o depoente. — Eu vou repetir. O senhor conheceu dona Rúbia?

— Só quando ela foi no cartório... Foi lavar uma escritura. Tinha pressa de vender umas terras nos Biguás, pois queria ter o filho longe de Mandira — respondeu Firmino, enxugando o suor que lhe escorria no rosto.

— O senhor lembra quando dona Rúbia foi ao cartório?

— Impossível, doutor. Só olhando nos papéis... — O tabelião tentou mostrar tranquilidade e pediu o documento para o seu advogado, um rapaz jovem e franzino, que acabava de chegar, esbaforido, no recinto. O papel tremia-lhe nas mãos. — Tá aqui, doutor. Agora me lembro. — Deu um sorrisinho. — Dia dois de janeiro. Foi quando a cantora apareceu...

— Num domingo, seu Firmino? Tenha a paciência! — agitou-se o delegado, pressionando o homem com as inúmeras irregularidades na documentação das terras que lhe tinham sido enviadas, em várias fotocópias, pelo advogado dos pescadores e pelos peritos do caso. — Domingo, sim, senhor. Cartório fechado, meu caro!

— Isso não pode ser — relutou o tabelião, ignorando os poderes de um calendário permanente.

O depoimento continuou por mais algumas horas, até que Mandira começasse a conhecer os antecedentes de um genuíno escândalo. O dono do cartório começara suas falcatruas com as escrituras de terra, logo após a morte da cantora. A mulher arrematara alguns alqueires daquelas ilhas, onde pretendia viver a velhice. Firmino, que na época cortejava a estrangeira — de olho nas suas ancas e nas terras recém-compradas —, ficara furioso ao saber que a mulher esperava um filho de Tião Bugreiro.

— O senhor tem certeza de que o filho era de Tião?

— Sim, senhor. Ela me pediu, antes de morrer, que eu passasse as terras para o herdeiro. Cheguei a me oferecer para tutelar a criança...

— Bom de bico, hem, seu Firmino? Com o menino, levava junto as terras — concluiu o delegado, nada além do óbvio.

— ...mas Bugreiro agiu depressa, roubando o infeliz dos braços da mãe. Depois, mancomunou com o padre, deu-lhe nome e sobrenome — confessou Firmino, que ia mergulhando no passado e, sem perceber, deixava a verdade atravessá-lo como o facão de Bugreiro.

— Se o Bugreiro foi seu inimigo no passado, seu Firmino... e o senhor acabou de dizê-lo... como o recomendou para ser capataz de Camaro?

— Eu não recomendei nada ao Camaro... — desconversou o dono do cartório.

— Moisés é apenas um garoto. Mas conhecia a vida do padrinho. Assegurou-me que o senhor o havia nomeado capataz de Camaro. E até acertava as contas do mês com o Bugreiro em nome do patrão...

Firmino estava lívido.

— Afinal — prosseguiu o delegado, com voz fanhosa. — Que relação o senhor mantinha com o Sebastião de Souza? Vulgo Tião Bugreiro — disse, carregando nas tintas das palavras e envaidecido de ser, pela primeira vez na sua carreira, o protagonista da cena.

Com o roubo do garoto, Firmino decidira cobrar a Tião o preço do segredo, ameaçando-o com as penas de um sequestro infame. Em plena decadência física e moral, como consequência da morte da amante, Tião aceitara o pacto em troca das terras da praia do Cantagalo, onde construiria sua maloca. Também passava a ser o capataz do novo proprietário das terras de Rúbia: Ivan Camaro.

O plano tinha dado certo. Firmino adulterou e produziu novas escrituras de terras, rubricando em cada uma delas o nome de Ivan Camaro, e partiu para o comércio de lotes para turistas entusiasmados, contando sempre com o facão de Bugreiro para afugentar os verdadeiros proprietários.

O homenzinho fez fortuna, multiplicada pelo novo negócio com Camaro: o de conservas alimentícias. Afinal, com tanto palmito dando sopa naquelas bandas, pedindo colheita no abandono das rodovias...

O escrivão martelava a máquina de escrever como que possuído pelas palavras de Firmino. Uma história que só chegava ao conhecimento do povo dezesseis anos depois.

— Eu já previa uma enrascada com a chegada do novo juiz. Tinha ares de pouca conversa. Vi logo a pinta. Não se deixaria subornar. Mais dia, menos dia, ia acabar averiguando os documentos que aquele bando de posseiros exigia... Pior: mandava recados pela filha... — confessou Firmino, indignado.

O delegado não aceitou o pedido de interrupção do depoimento, solicitado pelo advogado do tabelião. Pelo desenrolar dos acontecimentos, o rábula não terminaria ao lado do seu cliente até o fim da confissão.

Aproveitando-se do nervosismo e das moscas ao redor do depoente, que transpirava sem parar, o delegado foi direto ao ponto.

— E Tião Bugreiro? A morte do capataz foi “queima de arquivo”? Por que esfaqueou um homem tão bem-disposto a fazer o serviço sujo? Hem, Firmino? — irritou-se, tentando imitar seus heróis de cinema.

— Isso não, doutor. Não matei ninguém... Não matei ninguém! — vociferou Firmino, espalhando saliva para todos os lados.

O delegado pediu que dona Domitila entrasse no recinto. Faria ali mesmo a acareação. Afinal, uma senhora confiável, inteligente, cristã, por que haveria de mentir quando jurara ter presenciado o assassinato de Tião?

A mulher estava trêmula, e abanava o leque espantando o mal-estar e as varejeiras.

— Vi tudo. Tudinho, sim, senhor. Seu Firmino. Foi ele. Vi quando arrastou o Tião com dificuldade até o cais. O sangue ia manchando a areia. Seu Firmino aproveitou que o povo inteiro estava na fila da comunhão...

— E a senhora, tão cristã, o que fazia na praia? — intercedeu pela primeira vez o advogado de Firmino, tentando confundir a testemunha.

A mulher estava roxa de vergonha. Ia desmaiar.

— Eu já expliquei para o delegado...

— Acalme-se, dona Domitila... — recomendou o delegado, puxando uma cadeira para acomodá-la.

— Me deu um aperto! — ela falou em voz baixa. — Já expliquei para o delegado. Aquele meu problema de “incontinência urinária”... A cidade cheia de romeiros. Os banheiros públicos com filas... Em casa, não dava tempo... — terminou chorando, esfregando o lenço no nariz.

— Não precisa explicar mais. Obrigado, dona Domitila. Pode se retirar.

Firmino estava esquisito. Com os olhos vidrados, como esquecidos da presença de testemunhas, recordava a morte de Tião Bugreiro.

— Deu a louca naquele animal! Apareceu bêbado na porta de casa. Teimava em exigir um encontro com Ivan Camaro. Queria de todo jeito. Naquela hora! Tentei argumentar e ele foi avivando a memória. Cuspiu na minha cara! Começou a falar de Rúbia. Foi quando deixei escapar minha admiração por ela. Ficou furioso! Como um louco!

— Como arrastou-o até a praia?

— Enchi a cara dele... Misturei remédio na cachaça... Mas ele me ameaçou com o facão! Com o facão! — repetia Firmino, de pé, com gestos teatrais para os presentes. — Matei-o com o facão, quando o maldito já estava desacordado. Que o diabo o carregue! — praguejou, empapado de suor.

Não ficava difícil para os mandirenses imaginar o resto. A mensagem, intitulada “A vingança de Mandira”, não tinha outro objetivo senão implicar as famílias de posseiros, que havia anos zelavam por aquelas ilhotas.

O delegado parou de andar de cá para lá. E inquiriu, olhando firme para o depoente:

— Não quero parecer o Tião Bugreiro, seu Firmino... Mas e Ivan Camaro? Onde anda? Como conheceu? Cadê o tal? Por que o deixou sozinho nesta enrascada?

O dono do cartório enxugou o suor com um lenço amarrotado. Olhou para o delegado. O delegado para o escrivão. O escrivão fincou os olhos no teclado. E Laurita, que a tudo assistia, de braço dado com o pai, num banco de madeira duro feito pedra, também arregalou os seus olhinhos redondos. Se era permitido por lei, ou não, a presença de uma menina menor de idade naquela saleta, isso o delegado nem tinha questionado. A filha do juiz pedira, implorara ao pai, submetendo-se à promessa de fechar o bico e esconder as emoções.

#### **46 - A BELA E A FERA**

À noite, no sobrado do juiz, as luzes ficaram acesas até mais tarde. Ainda restava muito para entender sobre o passado da cidade, depois da confissão de Firmino. Padre Schultz, que permanecera tantos anos guardando segredo, foi chamado para narrar com mais detalhes o surpreendente caso de amor entre a cantora lírica e o capataz do facão. Amigos de sempre rodearam o velho pároco na sala de jantar. Só o juiz recolheu-se mais cedo.

— Credo! Um homem horroroso como o Tião. Como é que alguém ia se apaixonar? — duvidou Laurita, vendo cair por terra sua ilusão de que a cantora fora amante de um marinheiro estrangeiro, que partira lhe deixando um filho no ventre.

— Tião sempre foi um homem rude, arrisco... Mas ainda não tinha aquela carranca que vocês conheceram. Uma mulherr de circo, uma estrangeira como Rúbia, olhou-o como a um homem qualquer. Não teve medo dos modos arredios dele...

— Talvez tenha tomado por timidez... — supôs dona Gilda, para quem o coração feminino tinha inúmeros mistérios.

— O Tião se apaixonou por ela? — entusiasmou-se Estela.

— Pelo jeito todos os homens de Mandirra... — adiantou-se o padre. — E Tião foi o felizarrdo, valendo-se de sua inocência para um amorr como aquele. Uma fantasia maravilhosa! O Bugreiro nos brraços de uma prrincesa com voz de pássarro — romanceava padre Schultz.



— Se era um grande amor, por que Tião teve que roubar o menino? Esconder a maternidade de Rúbia? — suspeitou dona Gilda, contrariando a versão do padre sobre o capataz assassino.

— Tião ficou como um bicho louco com a gravidez de Rúbia. Tinha medo de perdê-la com a chegada da criança. A mulher deve ter sofrido muito com a reação do amante... Mas, infelizmente, sua morte acabou confirmando a trágica visão do Bugreiro....

— Coitado do Moisés! Renegado desde o ventre... — considerou Analu, afagando o gato preto e agourento, um dos heróis do cerco a Firmino.

— Mas com a morte de Rúbia, Tião mergulhou na decadência física e moral. Começou a beber, enfiou-se no mato! Perdeu o pinga de humanidade que Rúbia tinha despertado! Acertei? — interveio Rui, duvidando um pouco do desenrolar dramático da história.

Padre Schultz benzeu-se repetidas vezes, recomendando pela última vez a alma de Tião:

— Que Deus o perdoe! Pois tudo de mal Tião experimentou nele mesmo... Entregou sua alma. Bebeu, arrastou-se pelos matos. Foi acometido pela bexiga preta e atravessou muitas noites de febre. Moisés, a pobre criaturinha, escapou por desejo de Deus! Quando Tião acordou do seu delírio, tinha a carranca toda furrada pela doença; ódio e vingança no coração. Deus o perdoe! — suplicou novamente, amaciando a voz.

O efeito das palavras de padre Schultz foi tão impressionante que, de madrugada, cada um dos ouvintes viu-se tomado por imagens de Tião e da cantora.

Laurita chegou a pensar no capataz ainda jovem, trazendo flores depois da apresentação de Rúbia. Estela desejou um final feliz: os dois amantes, com o bebê no colo, posando para uma foto de lembrança, num cartão-postal da cidade.

Mas Analu foi acordada pela cara marcada de bexiga preta, com o dobro do tamanho, boiando nas águas.

#### **47 - O GAROTO TEM MÃE**

Mandira nunca mais seria a mesma depois das escandalosas revelações do dono do cartório. Logo na manhã seguinte, cada morador foi escarafunhar os armários atrás dos seus documentos de posse, registros de casamento, certidões de batismo e começavam a formar fila no distrito policial. A maioria queria reafirmar os poderes sobre os bens móveis e imóveis. Outros estavam até dispostos a dar uma virada na vida — mudando de nome, sobrenome e livrando-se das dívidas.

— Ei, pessoal! — apelava o investigador, na porta do distrito. — Esse negócio de verificação de documento é com a Justiça! Precisa passar primeiro pelo advogado...

— Mas e os tais “peritos”? Não estão aí pra isso mesmo? — cobrou um comerciante, desejoso de ver os enviados do juiz vasculhando palmo a

palmo os documentos de família. Quem sabe não davam de cara com alguma mutreta que lhe diminuía a parte na herança...

— Isso é com o juiz! — foi dizendo o investigador, empurrando a porta do distrito.

— Ainda não é desta vez que me livro deste nome chamador de desgraças! — praguejou o José Maria das Dores.

A agitação em Mandira ia aumentando com o calor. Nenhum mandirense lembrava-se de inverno semelhante. Até o clima parecia estar de ponta-cabeça, comentavam os pescadores, no bar do português.

— Tás a ver! — admirou-se o português, dirigindo-se a Moisés, entretido no dominó. — Tu é que te deste bem! Umas terrinhas no bolso, um padrinho desalmado na tumba...

— Vira a boca pra lá, portuga! — resmungou o garoto, que ainda não se acostumara com a nova situação. Morando com o padre? Eis aí um destino que o aporrinhava.

— Oh, faz favor... Não renegue tua sorte, rapazinho! Tens o padre do teu lado, a filha do juiz, uma porção de moçoilas a te fazer paparicos...

— Quer saber, ô murruga! Num te mete que ainda prego uns sustos na tua filha. Ói... Tá de olho na herança, velho!

— Tu és um atrevido! Vagabundo! Filho do cão bugreiro! Chispa daqui ou te arranco essa cabeleira de satanás! — desafiou o português, arrancando de súbito o avental. Desta vez, estava pronto para o que desse e viesse.

Moisés tratou de espalhar as pedras do dominó sobre a mesa, abanou a mão para os parceiros e saiu correndo, não sem antes simular uma tremedeira dos pés à cabeça:

— Ô meu pai do céu! Tô que me derreto! Ui, Nossa Senhora! O murruga inda me mata!

#### **48 - O HOMEM CHEGOU!**

Dona Gilda aproximou-se do *hall* da escada e fez um último apelo:

— Tá pronta, minha filha?

— Tô descendo! — adiantou-se Laurita, que revirava os lábios corrigindo possíveis falhas de batom. Trazia os cabelos presos no alto da cabeça, dando ao rosto uma pitada de sedução.

A mãe comemorou o novo figurino da filha. E desejou que ela esquecesse os aparelhos de ginástica.

O juiz acenou para a mulher, destacando-se da multidão aglomerada em frente ao distrito que se transformara definitivamente no *point* preferido dos mandirenses. Mas teve quem desse licença para a passagem de Rui. Sem a bengala e contando com o braço de Laurita como guia, o rapaz encontrou uma sombrinha para aguardar o grande acontecimento: Camaro vinha depor.

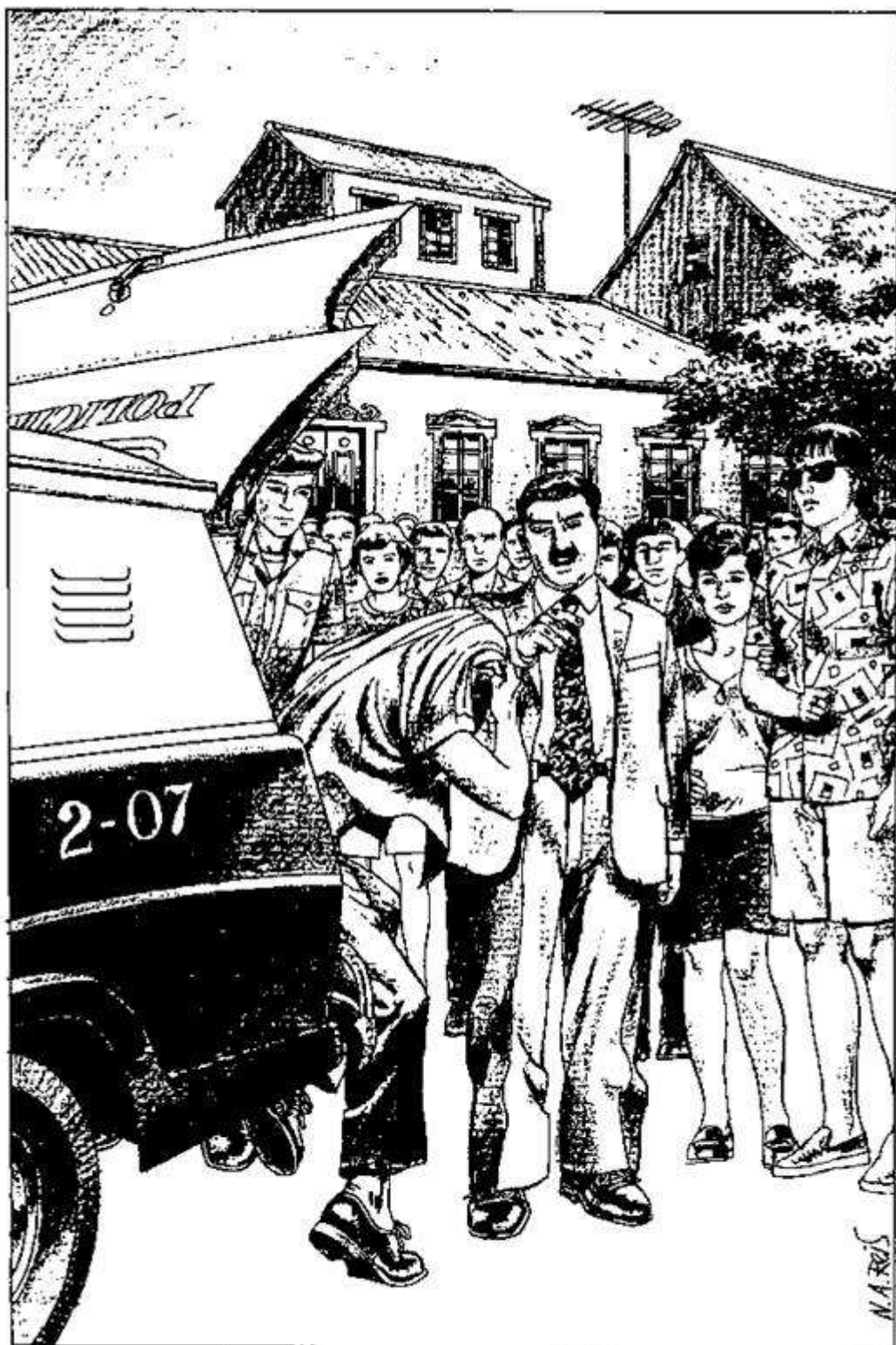
— O homem vem de iate? — especulou um pescador, mordiscando palito de dentes.

— Num quiproquó desses... Deve de vir de helicóptero — atestou, com segurança, o porteiro da prefeitura.

— O homem chegou! O homem chegou! — desembestou numa corrida só desde a balsa o vendedor de chup-chup. Resfolegava.

— Xiu! — assobiou Rui, com direito a declarações exclusivas do vendedor, acostumado que estava a pagar boas somas pelos seus préstimos de guia.

— Tá num camburão da polícia do continente... Juro! Jogado no xilindrozinho...



— Tira essa camisa da cara! — ordenou  
o delegado.

Os moradores que ouviram a história do menino não se convenceram:

— Imagine! Seu Camaro no xilindró! Deve de ser a guarda dele, os batedores... Polícias de frente das autoridades! — contestou um carcereiro aposentado, que acreditava piamente nas qualidades de Camaro. — Taí um cabra que eu votava nele! — proclamou.

A sirene da viatura dissolveu a conversa. As rodas da veraneio não demoraram a fazer estrago nas calçadas seculares de Mandira. Tudo muito rápido, como nos seriados de tevê.

Na porta do distrito, o delegado apareceu, e foi pessoalmente tirar o cúmplice das falcatruas de Firmino do camburão. Estava cada vez mais disposto a propagandear seus dotes investigativos. Do anonimato, o delegado passara a ostentar a estrela de xerife da cidade, como nos velhos faroestes.

O homem foi retirado de um golpe só. Trazia o rosto escondido sob a camisa.

— Tira essa camisa da cara! — ordenou o delegado.

O povo de Mandira esperava, fervendo de curiosidade. Pescoços espichados para ver o suspeito.

#### **49 - O LARANJA**

O homem do camburão tirou a camisa do rosto. O delegado exibiu-o para os olhos ansiosos de Mandira.

— Vavá Quirera? — berrou um pescador, talvez o mais velho da cidade, que nunca mais ia esquecer a fisionomia do vendedor de frangos, que havia quase vinte anos fora morar no continente.

— Num é possível! — murmurava boa parte da multidão, mexendo-se como onda.

— Vavá Quirera. Sim, senhor! — afirmou o delegado, levando o homem para dentro do recinto policial.

Ivan de Paula Camaro, mais conhecido por Vavá Quirera, era um homem franzino, com as faces encovadas, barba por fazer, cabelos gordurosos. A camisa manchada de suor, um tergalzinho fajuto nas calças. Trocara as galinhas pela colaboração nos negócios do cunhado, Firmino único parente que lhe sobrara após a morte da esposa. Não tinha trabalho nenhum com as imposturas. Bastava assinar procurações, viajar de vez em quando para tirar novos documentos e nunca aparecer! Nunca botar os pés em Mandira! Exigência de Firmino, que Vavá Quirera não tinha nenhuma dificuldade em cumprir, pois fora expulso da cidade pelas dívidas de jogo e por outros pequenos delitos, os quais nem valia a pena lembrar.

— É um “laranja” — resumiu o juiz, interrogado pela filha. — Um pobre diabo que dá nome a todas as falcatruas. Tem conta em banco, é pessoa jurídica, proprietário de terras, possui CIC, RG... Em troca, levava mesada para a cachaça.

— Testa-de-ferro? — quis esclarecer melhor Rui, para quem “laranja” continuava a ser o nome de uma saborosa fruta, farta no Brasil e na Califórnia.

— Não acredito! A cidade inteira vivendo de mentira! — indignou-se Laurita. — Camaro pra cá, Camaro pra lá... — gesticulava, recordando-se do quanto os moradores davam valor a esse nome, fosse como benfeitor ou como inimigo.

— Mandira vivia à sombra do facão... — resumiu Rui, igualmente impressionado com o poder invisível de Ivan Camaro, exercido com a força do facão de Tião Bugreiro.

Padre Schultz postou-se de joelhos diante da revelação. Benzeu-se repetidas vezes. Recolheu-se em novenas. E tratou de mandar um telegrama pedindo socorro ao bispo.

## 50 - NAVEGADOR SOLITÁRIO

Um barco de sessenta pés. Área vélica de 240 metros quadrados no contravento e 440 com o balão. Três toneladas de lastro de água, um casco chato com quilha de quatro metros em fibra de carbono. E mais um lastro de chumbo em forma de bulbo de mais de três toneladas. Daria o nome de Laurita, decidiu Rui, traçando planos megalômanos para uma embarcação que o levaria para a maior regata transatlântica percorrida por um navegador solitário. O rapaz já podia ouvir os vivas da marinha norte-americana na sua chegada.

Mas o vento sudoeste de Mandira o acordava dos planos. Restavam apenas dois dias para o final das férias escolares e, na realidade, apenas um barco espalhafatoso, movido a computador, o esperava para uma aventura sem cores.

Sábado. O sobrado estava mergulhado no silêncio. Rui aproveitou para sair sozinho, queria despedir-se do sambaqui dos Biguás, refrescar a cabeça para botar as ideias em ordem.

Laurita foi a primeira a se dar conta da ausência do primo. Apavorada, não encontrou nem rastro do barco reluzente no ancoradouro. Só a traineira de Moisés boiava, com bandeirolas agitadas pelo efeito do sudoeste. O barqueiro aproximou-se da filha do juiz. A menina nem percebeu — com os olhos fixos no mar.

— Algum problema?

Laurita voltou-se sobressaltada.

— Rui.

— Caramba! Outro embrulho do cego?

— Ai, Moisés, não começa... — falou ela, desanimada.

— Tá bom. Quer ir atrás dele, ué? Pula na traineira! Te levo, ói...

— Você acha que a gente encontra fácil? — indagou Laurita, suplicante.

Moisés espichou os olhos ao longe, como se trouxesse consigo uma luneta de longo alcance.

— Tô quase vendo...

Não era verdade que estivesse à vista, mas bastou puxar a traineira até bem perto da prainha dos Biguás para dar de cara com o barco fujão.

- É louco por concheira. Olha lá! — apontou Moisés.

Laurita sorriu aliviada e aproveitou a oportunidade para agradecer ao garoto.

— Desde que eu te vi, no bar do portuga, achei que ia ficar meu “chapa” — declarou, roubando termos que Moisés gostava de usar.

— “Chapinha”, né? — ele ponderou. — Porque derramar de amores mesmo, só para o tal do primo...

A garota ficou desconcertada com aquela observação. Que sentimento Moisés teria por ela? Ciúmes?

— Você já sentiu isso por alguém? — arriscou Laurita, decidida a passar a história a limpo.

Moisés preparou-se para manobrar a embarcação. O velho motor arranhava.

— Quer saber, mesmo? — anunciou, atirando a cabeleira para trás. — Tô meio enrascado com a tua amiguinha... A Estela. Vai dizer que é novidade?

Quase sentindo-se traída, Laurita tentou recompor os acontecimentos do mês de julho. Sobraram cenas de olhares, cangas floridas, cabelos esvoaçando, pele bronzeada...

A garota pulou da traineira; ia ao encontro de Rui.

Estava amando previamente.

## 51 - UM, DOIS, TRÊS... GRAVANDO!

O pequeno quarto, que tinha sido ocupado por Rui durante as últimas férias de julho, transformara-se num estúdio de gravação. Laurita seguia ao pé da letra o roteiro da sua correspondência ao primo, ou namorado, como insistia em afirmar, embora só tivesse desfrutado dois dias do novo *status quo*. Tratava-se de uma correspondência especial, pois as férias de verão estavam próximas. E o rapaz pisaria mais uma vez as pedras quentes de Mandira.

— Um, dois, três... Gravando! — disse, apertando o *play*. — Rui, querido. Padre Schultz já deu ok. Pode hospedar você nos aposentos da paróquia. Compramos cama nova e colchão de molas. Não se importa, né? Achei uma saída legal, já que a única sentença do juiz foi: “Tudo bem. Mas nada de estarem os dois sob o mesmo teto...” Foi um bom acordo, obtido com a delicadeza de mamãe e seu estoque interminável de panos quentes.

Ela fez uma ligeira pausa e então continuou:

— Moisés entrou para o curso noturno e, desafiado por Estela, diz

que vai tirar o diploma na marra, só para esfregar na cara deste “povinho besta”. Mas continua a afirmar que não se aprende nada na escola, inda que roa as unhas nas vésperas da prova. Só padre Schultz o entende. Me contou que, às vezes, Moisés acorda sobressaltado. Sonha com o padrinho. Chora como um menino.

Analú aguarda com a família o desenrolar do processo. Novos documentos apareceram. Tá tudo enrolado. Como saber quem era dono de quê, se o Firmino adulterava tudo? O bandidão pediu transferência para o continente. Alega estar esgotado de ouvir xingamentos de cada mandirense que passa ao pé da sua janela-xadrez, na celinha escura da delegacia. Conto os dias para a tua chegada. Ainda gosta de mim?

Interrompeu por um momento a gravação, um pouco engasgada. Retornou, com notícias quentes:

— Arrumei três filhotes de gatos pra criar. Não te contei? Pretinhos e lustrosos. Um pouco esquisitos, tá certo. Mamãe teve um chilique. Foi chato mesmo! Mas... uns dias com a mão enfaixada não matam ninguém...